UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

A FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA NA CONSTRUÇÃO DA PRÁTICA TRADUTÓRIA SOB A ÓTICA DOS ALUNOS

ANDRÉA DE OLIVEIRA GASPAR FERREIRA

SANTOS

2014

ANDRÉA DE OLIVEIRA GASPAR FERREIRA

A FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA NA CONSTRUÇÃO DA PRÁTICA TRADUTÓRIA SOB A ÓTICA DOS ALUNOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Santos – UNISANTOS, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação da Prof.ª Dr.ª Maria de Fátima Barbosa Abdalla.

SANTOS
2014

Dados Internacionais de Catalogação

Sistema de Bibliotecas da Universidade Católica de Santos

SibiU

F383f FERREIRA, Andréa de Oliveira Gaspar.
A formação universitária na construção da prática tradutória sob a ótica dos alunos. Andréa de Oliveira Gaspar; Orientadora Profa. Dra. Maria de Fátima Barbosa Abdalla - Santos: [s.n.], 2014.
121 f; 30 cm. (Dissertação de Mestrado) - Universidade Católica de Santos, Programa de Mestrado em Educação.

1. Formação Universitária. 2.Prática tradutória.
3. Ensino. I. Abdalla, Maria de Fátima Barbosa (Orientadora).II. Universidade Católica de Santos. III. Título.

CDU 37(043.3)

COMISSÃO JULGADORA

_____

Profa. Dra. Maria de Fátima Barbosa Abdalla
Membro Nato (UNISANTOS)

_____

Prof. Dr. Adauri Brezolin
Membro Titular (UMESP)

_____

Profa. Dra. Maria Angélica Rodrigues Martins
Membro Titular (UNISANTOS)

Esta pesquisa contou com o apoio financeiro da CAPES – MEC

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por processos fotocopiadores ou eletrônicos.

Santos, ___/___/___.

Assinatura: _____

> Saber traduzir não implica somente ter um domínio razoável da língua-fonte ou da terminologia de determinada área, mas é a consciência dos aspectos e noções aqui apresentados que fará do aluno um solo fértil para o crescimento do tradutor.
>
> (BECHER; FROTA; MARTINS, 1989, p. 80).

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais Gilson Gaspar Ferreira e Marilza de Oliveira Gaspar Ferreira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à pessoa mais importante desta trajetória, que fez esta pesquisa se tornar possível, à Profa. Dra. Maria de Fátima Barbosa Abdalla, que me acolheu com carinho e me transmitiu tanto conhecimento em tão pouco tempo que quase transbordei. Gostaria de ter estado com você desde o início desta jornada. Obrigada!

Aos meus mestres do curso de Letras - Tradução e Interpretação da Universidade Metodista de São Paulo, em especial, ao Prof. Dr. Adauri Brezolin, que desde o início, como meu referencial teórico, colocou-se disposto a ajudar e fazer parte da banca julgadora.

À Profa. Dra. Maria Angélica Rodrigues que foi sempre tão atenciosa e se mostrou sempre disposta a me ajudar.

Aos professores e aos colegas do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* – Mestrado em Educação, especialmente, àqueles de nosso Grupo de Pesquisa, pelas trocas e debates nos diferentes encontros.

A CAPES, pela bolsa concedida.

E, finalmente, ao meu filho João, que, apesar de tão pequeno, compreendeu minha ausência em alguns momentos importantes de sua vida.

FERREIRA, Andréa de Oliveira Gaspar. A formação universitária na construção da prática tradutória sob a ótica dos alunos. (dissertação) Mestrado em Educação. Universidade Católica de Santos, 2014.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo compreender a influência da formação universitária na construção da prática tradutória de estudantes do último ano de um curso em específico de Tradução e Interpretação de uma universidade comunitária da Baixada Santista, São Paulo/SP. Parte-se do pressuposto de que a formação universitária influencia na construção da prática desses estudantes, que durante a formação passam a conhecer as etapas pelas quais os tradutores passam ou deveriam passar diariamente. O estudo fundamenta-se em referenciais teóricos relacionados ao ensino da tradução e da prática tradutória, tais como: Aubert (1989; 1990); Bordenave (1989); Barbosa (1990); Arrojo (1993; 2002); Barbosa e Neiva (1997); Darin (1997); Brezolin (2000; 2003); Alves, Magalhães, Pagano (2011). A pesquisa de campo se desenvolveu em duas etapas, apresentando procedimentos metodológicos diferenciados. Na *primeira* etapa, foi realizada uma análise do Projeto Pedagógico do Curso/PPC de Tradução. Na *segunda*, foram aplicados dois questionários para dezoito (18) alunos: o primeiro, com perguntas abertas e fechadas, sobre a formação universitária, o conceito de tradução, de prática tradutória etc.; e o segundo, mais especificamente, sobre a prática tradutória, seus desafios e suas etapas. Conforme a análise de conteúdo (BARDIN, 1979), foram definidas duas dimensões de análise: a *primeira* - *formação universitária de tradutores* - destacou aspectos relacionados à formação universitária, como os fatores relevantes para a formação sob a ótica dos estudantes e os conceitos significativos para a formação como tradutores; e a s*egunda* possibilitou identificar aspectos referentes à *prática tradutória*, tendo em vista a relação teoria e prática e as dificuldades no processo de tradução. O estudo realizado indicou os seguintes resultados: 1º em relação à *formação universitária*: há uma necessidade formativa em relação à tradução e à prática tradutória para que os alunos estejam mais inteirados de seu papel e sua tarefa. Ainda que sejam os alunos falantes nativos e alfabetizados em língua portuguesa, pudemos inferir que há falta de domínio desta língua; e 2º quanto à *prática tradutória*, os resultados indicam uma falta de iniciativa por parte dos alunos para realizar pesquisas em materiais de referência. Os mesmos alunos têm dificuldade em expressar seus argumentos relacionados às dificuldades encontradas ao longo de sua prática tradutória e que justifiquem suas soluções.

Palavras-chave: Formação universitária, prática tradutória, ensino, tradução.

ABSTRACT

The purpose of this work is to comprehend the influence of university education in the construction of the translation practice of students in the last year of a specific Translation and Interpretation course of a community university at Baixada Santista, São Paulo/SP. It is assumed that a university course influences the practice construction of these students, who during the education get to know the steps that all translators go through or should go through, daily. The theoretical approach is based on translation studies and practice of translation as Arrojo (1993; 2002) Aubert (1989; 1990); Bordenave (1989); Barbosa (1990); Barbosa e Neiva (1997); Darin (1997); Brezolin (2000; 2003); Alves, Magalhães, Pagano (2011). The field research is developed in two parts, and has different methodological procedures. In the first part was performed an analysis of the Course Pedagogic Project, in the second, one it were applied two questionnaires to eighteen students: the first with opened and closed questions about the university education, translation practice, its challenge and steps. According to the Content Analysis (BARDIN, 1979), two analysis dimensions were determined: the first one – translators' university education – has highlighted aspects related to university education; and the second allowed the identification of different aspects concerning the translation practice. The study conducted to the following results: first related to the university education: there is a formative necessity related to translation and translation practice, so the students could be more aware of their role and task. Even though, the students are native speakers, and literate in Portuguese language we could infer that there is a lack of domain over this language and about the second analysis dimension, the translation practice, the results indicate a lack of initiative on behalf of the students to do research in reference materials. They have difficulty in expressing their arguments related to the difficulties encountered during the practice of translation that justify their solutions.

Key words University education, practice of translation, education, translation

LISTA DE QUADROS

QUADROS

QUADRO 1 – Perfil pessoal dos alunos 42

QUADRO 2 – Das dimensões de análise, categorias e unidades de sentido 50

QUADRO 3 – A visão da formação universitária segundo os dezoito sujeitos 53

QUADRO 4 – Fatores relevantes dentro da formação universitária 56

QUADRO 5 – Experiência como tradutor 61

QUADRO 6 – Conceito de tradução 64

QUADRO 7 – Conceito de prática tradutória 67

QUADRO 8 – Aulas práticas na formação universitária 70

QUADRO 9 – Relação das aulas práticas e teóricas 72

QUADRO 10 – Mudanças na concepção de tradução durante o curso 75

QUADRO 11 – Original e tradução publicada 78

QUADRO 12 – Tradução dos sujeitos 79

QUADRO 13 – Diferença entre os verbos 84

QUADRO 14 – Dificuldades, fontes de pesquisa e etapas do processo tradutório 86

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Conhecimentos e operações mentais da prática tradutória 27

FIGURA 2 – Características da Análise de Conteúdo 47

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRATES - Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CBO - Classificação Brasileira de Ocupações

PUC/RJ - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

PUC/SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PPC - Projeto Pedagógico de Curso

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UNB - Universidade de Brasília

USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 17

CAPÍTULO I
DA PESQUISA EM TRADUÇÃO À FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA DE TRADUTORES 23

1.1Dos estudos da tradução à prática tradutória 24
1.2 A formação universitária de tradutores 33

CAPÍTULO II
CAMINHOS METODOLÓGICOS 37

2.1 Abordagem qualitativa da pesquisa 37
2.2 O contexto da pesquisa: o Projeto Pedagógico do Curso/PPC de Tradução 39
2.3 Caracterizando os sujeitos 42
2.4 Dos Questionários 43
2.4.1 Questionário 1 43
2.4.2 Questionário 2 45
2.5 Da análise de conteúdo 47

CAPÍTULO III
ANALISANDO A FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA NA CONSTRUÇÃO DA PRÁTICA TRADUTÓRIA SOB A ÓTICA DOS ALUNOS 51

3.1 A formação universitária de tradutores (1ª dimensão de análise) 52
3.1.1 Dos fatores relevantes para a formação de tradutores (1ª categoria de análise) 55
3.1.2 Dos conceitos significativos para a formação de tradutores (2ª categoria análise) 63
•O conceito de tradução (1ª unidade de sentido) 63
•O conceito de prática tradutória (2ª unidade de sentido) 66
3.2 A prática tradutória (2ª dimensão de análise) 68
3.2.1 Da relação teoria e prática (1ª categoria de análise) 69

•Aulas práticas na formação universitária (1ª categoria de análise) 69
•Relação aulas práticas e teóricas (2ª categoria de análise) 72
•Mudanças na concepção de tradução durante o curso (3ª categoria de análise) ... 75
3.2.2 Das dificuldades no processo de tradução (2ª categoria de análise) 77
• A tradução dos sujeitos (1ª unidade de sentido) 81

CONSIDERAÇÕES FINAIS 90

REFERÊNCIAS 96

APÊNDICES 100

Apêndice 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido 101
Apêndice 2 – Questionário 1 – Conhecendo os futuros tradutores 102
Apêndice 3 – Questionário 2- Prática Tradutória: desafios e etapas 105
Apêndice 4 – Quadro referente ao Banco de Dados da Capes 108
Apêndice 5 – Alguns resultados relacionados ao termo *tradução* 119

ANEXOS 112

Anexo 1 – Confederação Brasileira de Ocupações: Tradutor 113
Anexo 2 – Nosso Futuro Comum- Capítulo 2 115

INTRODUÇÃO

Quando iniciamos o Mestrado, temos a certeza de que o nosso objetivo está definido e só bastaria pesquisar para alcançar os resultados, e que a pesquisa será tão fácil quanto cumprir os créditos das disciplinas obrigatórias e eletivas.

Na verdade, descobrimos que não há pesquisa sem esforço mental e muito menos que não há esforço sem a abdicação de coisas que você rotineiramente faz. A pesquisa exige certa solidão, e é quando vão surgindo as primeiras ideias, frases, capítulos e, enfim, o trabalho.

Depois de várias leituras relacionadas ao estudo das mulheres educadoras na política santista, que seria o meu objeto de pesquisa, percebemos que o meu objeto deveria estar diretamente relacionado à minha graduação, à minha paixão, que é a Tradução. Então, lembrei-me de parte do que jurei diante de alunos, mestres e familiares na colação de grau, em 2005: (...) "Prometo devotar todas as minhas aptidões à pesquisa e ao desenvolvimento da tradução. Consagrar toda a minha cultura para que a tradução seja instrumento de aproximação e compreensão entre os povos (...)".

Citando Bogdan e Biklen (1994, p.86) em relação à escolha do objeto: "sem um toque de paixão pode-se não ter fôlego suficiente para manter o esforço necessário à conclusão do trabalho ou limitar-se a realizar um trabalho banal". A decisão não surgiu da noite para o dia e em meio a muitas conversas e discussões, decidimos investigar a formação do tradutor, mais precisamente a influência que a formação universitária tem sobre a sua prática. Para que se tenha conhecimento do que é a profissão do tradutor, sua formação e como esta contribui para a prática tradutória, inicio este estudo introduzindo o leitor no cenário em que vivo e pesquiso.

Os cursos de Tradutor e Intérprete começaram a surgir na década de 1960 e 1970 e eles eram vinculados ao curso de Letras (bacharel). O primeiro curso de Tradução, no Brasil, foi fundado, em 1968, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ). Seu objetivo era oferecer novas opções ao graduando de Letras: "habilitações de revisor-tradutor-intérprete, assessor-secretário executivo, crítico literário e pesquisador conforme catálogo escolar da PUC de 1969", tal como destaca Wyler (2003, p.21).

Em conjunto com a ABRATES (Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes), as duas instituições – ABRATES e a PUC/RJ - realizaram o Primeiro Encontro Nacional de Tradutores, em abril de 1975, que tinha como objetivo principal valorizar a profissão e a tradução. A primeira vitória do Encontro, como explicita Wyler (2003, p.146), foi "o reconhecimento e enquadramento da tradução como atividade de nível superior em 5 de janeiro de 1979".

Mas somente em setembro de 1988 e graças a esse reconhecimento, o ofício de tradutor foi inserido no 36º Grupo no Plano da Confederação Nacional das Profissões Liberais, instituído pela Portaria nº 3.264 do Ministério do Trabalho (BRASIL, 1988).

Na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) do Ministério do Trabalho, a atividade de Tradutor está descrita sob o código 2614-20, da seguinte forma:

> Traduzir, na forma escrita, textos de qualquer natureza, de um idioma para outro, considerando as variáveis culturais, bem como os aspectos terminológicos e estilísticos, tendo em vista um público-alvo específico. Interpretar oralmente, de forma simultânea ou consecutiva, de um idioma para outro, discursos, debates, textos e formas de comunicação eletrônica, respeitando o respectivo contexto e as características culturais das partes; tratar das características e do desenvolvimento de uma cultura, representados por sua linguagem. Assessorar nas atividades de ensino, pesquisa e extensão (BRASIL, 2005, p. 70).

Após os cursos universitários surgirem nas décadas de 1960 e 1970, os tradutores vêm conquistando uma visibilidade e reconhecimento na sociedade. Por meio do mundo globalizado, da evolução dos povos, da tecnologia, assim como dos meios de comunicação, o tradutor se torna cada vez mais necessário. Diante deste cenário muito se tem escrito sobre a Tradução no Brasil e os Estudos da Tradução. Com tantos estudos relacionados ao tradutor, por exemplo, pesquisando no portal de periódicos da CAPES, temos: 3.647 estudos relacionados à tradução; 581 referentes ao ensino da tradução; e 381 relacionados com o tema: tradutor (pesquisa realizada em dezembro de 2013). Eles podem ser observados no Apêndice 5.

As reflexões acerca do ensino da tradução deveriam começar com uma tentativa de se definir o que um tradutor deve saber para fazer seu trabalho para que os alunos possam absorver melhor qual a sua tarefa. Os trabalhos encontrados eram mais voltados ao ensino de tradução em âmbito nacional ou especificamente em grandes universidades do estado. E, nesta perspectiva, apresentamos, como exemplo, *A Formação do Tradutor*

em Nível Universitário, de Delton de Matos (1980), pois ele examina a estrutura dos cursos de tradução das universidades de maior experiência na área (em âmbito mundial). No livro, o autor questiona se seria possível ensinar a alguém a profissão de tradutor. E concordamos com ele, quando afirma que "é certo que não bastaria receber um diploma de tradutor para lograr êxito (...) da mesma maneira que um bacharel em letras, sem outras aptidões, dificilmente poderia escrever um bom romance ou uma peça teatral" (MATOS, 1980, p. 13).

O artigo *O ensino da tradução em nível universitário: indagações e propostas*, da professora e pesquisadora Leila de Melo Darin (1998), que foi apresentado no I Congresso Ibero-Americano de Tradução e Interpretação, também foi um referencial importante para o trabalho, pois aborda o ensino de tradução com base em sua experiência como professora nas aulas de prática na Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC/SP). Em seu texto a autora problematiza a relação teoria e prática da tradução, que é fundamental para a compreensão das disciplinas que estruturam os cursos de Tradutor e Intérprete.

O livro *Oficina de Tradução: a teoria na prática*, de Rosemary Arrojo (2002), nos traz várias questões acerca da tradução, por exemplo, a questão da fidelidade, do texto original, do texto literário. Apresenta, também, a questão da teoria na prática e, ainda, alguns exercícios de tradução.

Em *Quase a mesma coisa,* Umberto Eco (2007), não se propondo elaborar uma teoria geral da tradução, levanta as questões que surgiram das experiências práticas por ele acumuladas ao longo dos anos, como tradutor, revisor e teórico.

O que quer dizer traduzir? Segundo Eco (ECO, 2007, p.9), a primeira resposta poderia ser: "dizer a mesma coisa em outra língua":

> Só que, em primeiro lugar, temos muitos problemas pra estabelecer o que significa "dizer a mesma coisa" e não sabemos bem o que isso significa por causa daquelas operações que chamamos de paráfrase, definição, explicação, reformulação, para não falar das supostas substituições sinonímicas.

E, em segundo lugar, o autor afirma que diante de um texto a ser traduzido, "não sabemos também o que é a 'coisa'" (p. 9). E, em certos casos, "é duvidoso até mesmo o que quer dizer 'dizer'" (p. 9). Não entraremos em detalhes do livro, mas ele é feito de exemplos, debates e citações acerca da tradução.

Além desses trabalhos citados, a nossa pesquisa surgiu da necessidade de investigar a influência da formação universitária para a prática a ser realizada pelos estudantes. A partir da necessidade de investigação desse objeto, foram realizadas várias leituras acerca do ensino e da história da Tradução, como: Rónai (1981); Aubert (1989; 1990); Barbosa (1990); Arrojo (1993; 2002); Senwelle e Higgins (1996); Darin (1997; 1998); Brezolin (2000; 2003); Lorenci (2001); Wyler (2003); Querido (2004); Braga (2007); Alves, Magalhães, Pagano (2011); Nunes (2012); entre outros.

Após as leituras sobre a formação de tradutores, suas crenças, a prática tradutória e o ensino de tradução, os temas lidos contribuíram para algumas indagações preliminares, tais como: qual a influência da formação universitária para o tradutor? O que a formação universitária tem a oferecer para a sua prática tradutória?

E, após estas indagações e a definição de nosso objeto sobre a formação universitária do tradutor, além dos referenciais já citados, contamos com o banco de dados da CAPES (2000/2012) para compor as leituras, tal como está registrado no Apêndice 5, e será indicado a seguir.

Adauri Brezolin (Doutorado/USP/2000), em *De coadjuvante a protagonista: a tradução na Tradução* discutiu o perfil do tradutor, relacionando a tradução com o ato tradutório e seus conhecimentos, destacando o ensino da tradução. Este foi um importante autor para a nossa pesquisa, já que utilizamos, como base, na elaboração de algumas perguntas do Questionário 1, as etapas do *ato tradutório* sugeridas por ele.

Outro trabalho interessante para nosso trabalho foi o de Maria Lúcia Machado de Lorenci (Mestrado/UFRGS/2001), que parte do pressuposto de que a tradução pode ser ensinada. A autora utiliza os pressupostos de Delisle e Hurtado para se chegar à concepção da melhor abordagem didática para o ensino.

Entrelinhas e Entre-Línguas: as habilidades tradutórias na formação do tradutor, de Alessandra Matias Querido (Mestrado/UNB/2004), reflete sobre as habilidades que os novos aprendizes precisam desenvolver ao longo da formação, como: habilidade linguística, capacidade de revisão, domínio textuais, entre outros.

Em 2007, Camila Nathália de Oliveira Braga (Doutorado/UFMG) escreveu *Indagando o perfil de tradutores em formação: um estudo de caso*, em que foram analisados cinco alunos do curso de Letras da UFMG por meio de um estudo de caso, que indagou o perfil destes alunos e seu desempenho.

Em relação ao nosso trabalho, também, utilizamos Fabíola Alice Rocha dos Reis (Mestrado/PUC-RJ/2012), que pesquisou sobre as *Crenças sobre o ensino aprendizagem de tradução: uma reflexão baseada nos estudos da tradução e linguística aplicada*, destacando o crescente número de cursos de formação de tradutores e a crescente expansão da atividade tradutória.

Paula Ávila Nunes (Doutorado/UFRGS/2012) abordou a produção tradutória em contexto de ensino e de formação de tradutores por meio da teoria enunciativa de Émile Benveniste[1].

Com a intenção de contribuir com pesquisas sobre a formação do tradutor e para compreender como a formação universitária pode influenciar na construção da prática tradutória, o *corpus* desta pesquisa será constituído pelo levantamento de: legislação, que amparam a formação universitária do tradutor; do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Tradutor em questão; dos dados obtidos por meio da aplicação de questionários (APÊNDICES 2 e 3).

Após essas leituras, indicamos, como *objetivo geral* desta pesquisa, compreender a influência da formação universitária na construção da prática tradutória pela ótica dos alunos. E como *objetivos específicos*:

- ✓ Compreender os conceitos de tradução e de prática tradutória presentes na formação universitária de tradutores pelo olhar do aluno;
- ✓ Identificar as etapas da prática tradutória presentes na formação universitária em questão; e
- ✓ Compreender se a teoria aprendida no contexto da formação influencia a prática tradutória.

Explicitados os objetivos, esta pesquisa se estrutura em três capítulos. O Capítulo I – *Da pesquisa em tradução à formação universitária de tradutores* - abordará os conceitos de tradução e de prática tradutória ao longo do tempo, de acordo com as referências previamente citadas, a fim de situar alguns aspectos relacionados à formação universitária de tradutores.

---

[1] Foi um linguista francês, que trouxe para sua teoria enunciativa, o sujeito, como cenário das preocupações linguísticas. Além desta noção de subjetividade, outras, como as de sentido e contexto surgiram para que juntas pudessem possibilitar uma nova forma de pensar a linguagem.

O Capítulo II – *Caminhos Metodológicos* - trará para o leitor como foi o processo metodológico ao longo da pesquisa. Nesta perspectiva descreverá as opções metodológicas, a abordagem qualitativa, o contexto e os sujeitos da pesquisa, os instrumentos utilizados para a obtenção dos dados e a técnica escolhida para a análise de conteúdo (BARDIN, 1979), a fim de desvendar os resultados da pesquisa.

No Capítulo III – *Analisando a formação universitária na construção da prática tradutória sob a ótica dos alunos* – fará uma análise e interpretação dos dados recolhidos durante quase um ano, em uma sala do último ano do curso de Tradutor.

Serão também apresentadas as *Considerações Finais*, que apontam para a necessidade de se ampliar o conhecimento dos alunos em relação à tradução, seu papel, sua prática, os problemas com a língua portuguesa, cometidos pelos alunos, e as necessidades formativas em relação às fontes de pesquisa, aos conceitos de tradução e à prática tradutória. Estas considerações são importantes para o ensino de tradução, pois ressaltam a necessidade de um maior envolvimento dos alunos em relação à conscientização de seu papel como tradutores.

A pesquisa nos Estudos da Tradução se constitui como tema importante e necessário para informar aos alunos como a tradução se insere na história social de um povo, para a formação de novos tradutores, a fim de que estes alunos não entendam sua tarefa como um ato inconsequente e mecânico de passar textos para outras línguas. Esperamos, ainda, que este trabalho possa contribuir para o debate sobre a formação universitária de tradutores e o aprimoramento das condições de ensino para a melhoria da prática tradutória e de profissionais mais competentes e conscientes de seu papel e de sua tarefa.

CAPÍTULO I

DA PESQUISA EM TRADUÇÃO À FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA DE TRADUTORES

> A *tradução é um dom* – como se o ensino da tradução fosse dispensável, como se uma técnica não fosse transmissível, como se a existência de cursos formais (ou informais, que são a própria experiência cotidiana do tradutor) não tivesse razão de ser (AUBERT, 1990, p.14).

Com o crescimento dos estudos da tradução, pretendemos neste capítulo abordar alguns conceitos em relação à formação universitária de tradutores e à prática tradutória. Os conceitos, embora diferentes, pois há várias teorias da tradução, estão diretamente ligados. A escolha deste capítulo foi delimitada por um pressuposto de que os alunos de Tradução, ou pelo menos a maioria deles não sabe realmente qual o seu papel como tradutores, desconhecendo, muitas vezes, os conceitos de tradução e da prática tradutória. Sendo assim, optamos em fazer um capítulo destinado aos estudos da tradução e à prática tradutória para situar o leitor em nosso cenário de estudos.

A contribuição da linguística para os estudos da tradução é considerável, pois, tanto para os estudos literários ou para as ciências humanas, é graças à linguística que se iniciaram as primeiras descrições às quais os tradutores procedem. Como afirma Oustinoff (2011, p. 58), "a tradução se transforma em um campo relevante da linguística geral". A partir desta afirmação, é que John Catford (1965) publica a obra *A linguistic theory of translation* ou *Uma teoria linguística da tradução* (1980). Oustinoff (2011, p. 75), ao analisar o raciocínio de Catford, afirma que: "ele é bem simples: a tradução é uma questão de linguagem; a linguística trata da linguagem; logo, a tradução é objeto da linguística".

Concordamos, também, com H. Stephen Straight (1981), quando enfatiza que: "é importante compreender que a dimensão do conhecimento não envolve simplesmente o conhecimento das línguas e culturas envolvidas, as de partida e de chegada, da mesma forma que as conhecem seus nativos" (p. 42). Sendo assim, procuramos, a partir deste capítulo, apresentar os diferentes pontos de vista sobre os conceitos que cercam a

tradução e a *prática tradutória* a fim de identificar alguns aspectos que dizem respeito à formação universitária de tradutores.

1.1 Dos estudos da tradução à prática tradutória

Na década de 1980, os estudos da tradução tiveram mais destaque por meio da obra *Translation Studies*, de Susan Bassnet-McGuire (1980), enfatizando o fato de que há um vasto material ainda não discutido sobre as traduções, e que este material teria que ser mais bem explorado, fazendo-se necessário, de modo geral, que fossem realizadas mais pesquisas sobre o tema.

Para comprovar esse crescimento, basta digitar *translation studies* em *sites* de busca na *internet* para obter 49.300.000 resultados, e o mesmo termo em português, *estudos da tradução,* nos traz 4.990.000 (pesquisa efetuada em setembro de 2013).

Para *estudos da tradução* temos como resultados, por exemplo: uma introdução aos estudos da tradução (http://portal.virtual.ufpb.br/biblioteca-virtual/files/introduaao_aos_estudos_de_traduaao_1330351847.pdf); históricos de cursos, como de Pós Graduação em Estudos da Tradução da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (http://dlm.fflch.usp.br/traducao); artigos do portal Scielo, como "Os estudos da tradução", como área de pesquisa independente: dilemas e ilusões de uma disciplina em (des) construção (http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44501998000200007&script=sci_arttext); entre outros textos publicados.

A partir dessa época (1980), alguns pesquisadores começaram, então, a utilizar técnicas para observar o ensino da tradução, sua história, crenças, prática e teoria, como: Francis Henrik Aubert (1989; 1990); Heloísa Gonçalves Barbosa (1990); Rosemary Arrojo (1993; 2002); Lya Wyler (2003); Leila Cristina de Mello Darin (1997; 1998); Angela Maria da Silva Corrêa e Aurora Maria Soares Neiva (2000); Adauri Brezolin (2003); Stella E. O. Tagnin (2005); Fábio Alvez, Célia Magalhães e Adriana Pagano (2011); Michaël Oustinoff (2011); entre outros.

Tais leituras foram importantes para a composição deste *capítulo*, pois possibilitaram aprofundar os conceitos acerca do tema, que poderão ser visualizados aqui, como, por exemplo, sobre as crenças que desempenham um papel fundamental na prática do tradutor. Também, é importante destacar que pode haver várias traduções a

partir do mesmo original, de acordo com seu público-alvo, objetivos, a função que o original deve atribuir ao texto traduzido; além de vários outros fatores de mercado, como fonte, letra, estilística do texto etc., que podem ou não estar dentro das tomadas de decisão do tradutor.

Durante muito tempo, os Estudos da Tradução foram investigados a partir de "várias traduções de um mesmo texto" conforme destacam Barbosa e Neiva (1997, p.11), com o objetivo de se aproximar mais do que acontecia na cabeça do tradutor durante a sua prática.

Enfim, para se traduzir adequadamente, é necessário que o tradutor aumente o nível de reflexão sobre a natureza e os aspectos cognitivos da tradução. Alves, Magalhães e Pagano (2011) acreditam que fazendo isso, os tradutores contribuirão para o aumento na qualidade das traduções.

Outra obra *Traduzir com Autonomia* (ALVES et al, 2011), por exemplo, destaca a "ideia de levar o tradutor em formação a desenvolver estratégias de tradução", para "conscientizá-lo da complexidade do processo tradutório e da necessidade de monitorar suas ações a examinar com cuidado as decisões tomadas ao longo do processo" (p.7).

Temos este livro como referência, pois ele trata de questões pertinentes ao ensino da tradução, envolvendo, principalmente, as estratégias que os alunos buscam durante a prática tradutória. Estes teóricos dedicam seu primeiro capítulo às crenças sobre a tradução e o tradutor, e afirmam que: "a tradução é uma atividade prática que requer apenas um conhecimento da língua e um bom dicionário" (p.12).

Algumas destas crenças foram também comentadas por outro teórico, Aubert (1989), mas ele as caracteriza como "crendices e preconceitos", que:

> (...) germinam a partir de verdades mal - interpretadas, de meias verdades semeadas à meia luz, e constituem obstáculos à nossa ação teórica, pedagógica e profissional, bem como à interação entre teóricos, professores e artesãos da tradução (AUBERT, 1989, p.13)

Tais crenças ou crendices estão presentes no início da vida acadêmica dos alunos do curso de Tradução, assim como o conceito do que seja traduzir. Para Brezolin (2003), a concepção de tradução mais indicada:

> (...) refere-se a uma atividade em que o tradutor, a partir de sua interpretação das ideais contidas no texto original, constrói seu texto com base num texto preexistente e cria, num outro código linguístico, um novo texto como resultado de suas decisões, tomadas de maneira consciente e reflexiva (BREZOLIN, 2003, p. 138).

Os autores citados passam a buscar, assim, estratégias que contribuam para a formação de tradutores, para a prática tradutória, para a solução de problemas, que enfrentam durante esta prática, na recepção e produção em ambas as línguas. Nesta perspectiva procuram configurar mais elementos enfatizadores da amplitude e complexidade da prática tradutória e, consequentemente, da importância de uma formação universitária compatível com esse cenário teórico-prático.

Além disso, é preciso destacar, ainda, que a construção da prática tradutória na formação universitária se dá com o direcionamento do professor, que é de extrema importância durante o processo dentro da sala de aula. Aprender também exige uma conduta voluntária, motivação, pois, apesar de o professor ser uma figura extremamente importante em sala, "guiando" os alunos, não basta ele querer. Os alunos têm que estar abertos e aptos a aprender as técnicas, conceitos teóricos e práticos, para que assim possa ser feita a construção de sua formação. Como afirma Martinez (2009, p.41): "O *professor* é, inicialmente, aquele a quem cabe a *responsabilidade* pela gestão do grupo".

Assim, a pesquisa realizada é importante para os Estudos da Tradução, já que leituras, as discussões em sala e os conhecimentos teóricos e práticos guiam o aluno para um amadurecimento profissional e acadêmico, e a sua prática acaba, por fim, tornando-se cada vez mais natural.

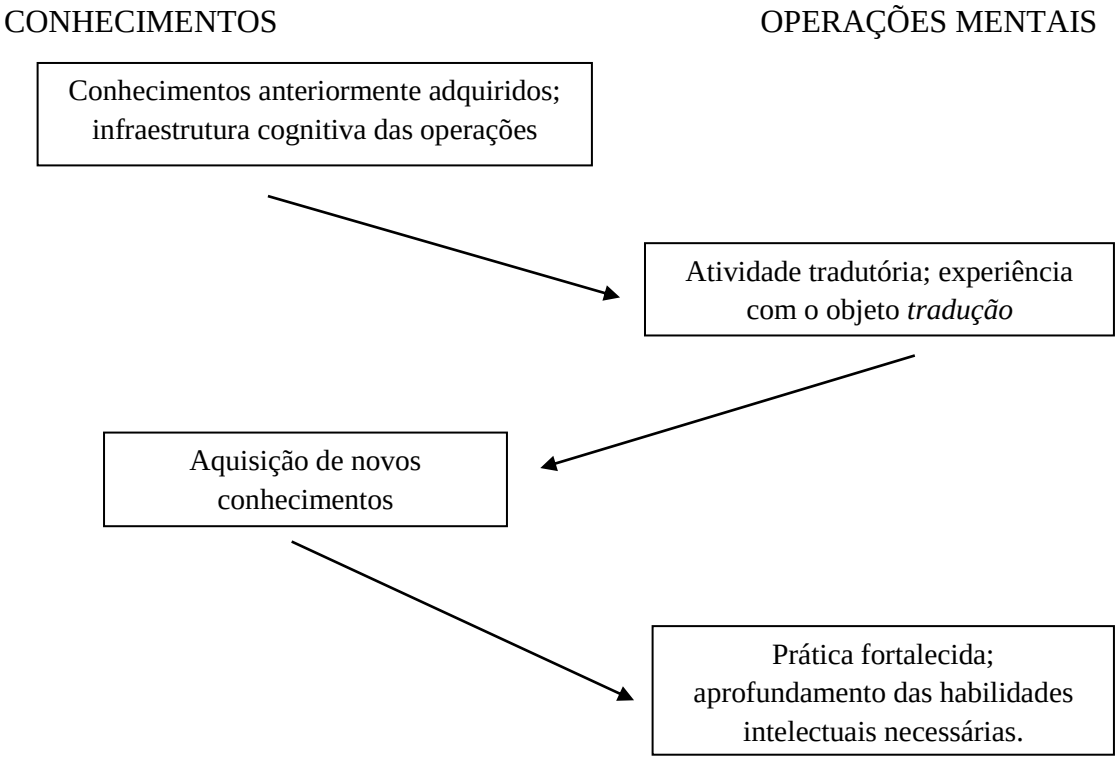
Um dos temas que vem sendo muito investigados, atualmente, é o fator ou os fatores que influenciam o processo da prática tradutória. E vários autores como Bordenave (1989), Newmark (1995), Corrêa e Neiva (2000), Brezolin (2003) vêm, há algumas décadas, escrevendo e estudando, de diferentes formas, sobre esta temática dentro dos Estudos da Tradução.

A pesquisadora Maria Cândida Rocha Bordenave (PUC/RJ), em um artigo apresentado no 3º Encontro Nacional de Tradutores sobre o Ensino da Tradução (Porto Alegre, 1987), afirma que o processo tradutório é a base para qualquer reflexão de tipo metodológico: "definir o que vamos ensinar, quais são as características do objeto a ser estudado" (BORDENAVE, 1989, p.60).

A tradução, para ela, "é um fazer intelectual que requer domínio de operações mentais" (p.60). E, para que o tradutor faça um bom trabalho, é necessário que saiba realizar essas "operações mentais" adequadas ao seu objetivo. Afirma, ainda, que a tradução "é uma atividade que se realiza através do uso de habilidades intelectuais aplicadas à linguagem humana" (p.60).

Quais são, então, estes conhecimentos básicos necessários? No decorrer de seu texto, Bordenave (1989) enfatiza que os conhecimentos básicos são: "das línguas específicas para uma tradução dada"; "da estruturação interna das línguas em níveis linguísticos"; "da articulação dos aspectos formais e não formais"; "das marcas formais indicadoras do significado"; "da linguagem humana como sistema de representação e comunicação" (p.61), entre outros. Esses conhecimentos são usados na prática tradutória, e se distribuem em algumas etapas ilustradas no esquema da Figura 1, juntamente com as "operações básicas necessárias".

Figura 1 – Conhecimentos e operações mentais da prática tradutória



Fonte: Fundamentos de uma Metodologia de Ensino da Tradução (BORDENAVE, 1989, p. 62).

Com os conhecimentos anteriormente adquiridos, experiência com a tradução e a aquisição de novos conhecimentos, que serão absorvidos durante o curso universitário, surge uma prática fortalecida e necessária para a competência do tradutor, conforme podemos visualizar na figura apresentada anteriormente.

O pesquisador Newmark (1995) também afirma que, durante a prática tradutória, trabalhamos em níveis mais ou menos conscientes, como: textual, referencial, coesivo e de naturalidade.

O nível *textual* é aquele em que a tradução literal ocorre, é onde se encontram os equivalentes, traduzindo as unidades lexicais, que são imediatamente apropriadas no contexto da frase durante a leitura. O autor afirma que a tradução é pré-eminente, porque o profissional tem que pensar em várias coisas ao mesmo tempo.

No nível *referencial,* o autor mostra que não devemos ler uma frase sem ver qual o seu nível referencial. Neste nível, para cada frase, quando não se está claro, quando há ambiguidade, quando a escrita for abstrata ou figurativa, precisamos perguntar: o que de fato está acontecendo aqui? E por quê? Sendo assim, o nível referencial e o textual andam de mãos dadas, ou seja, é a compreensão do texto original e a resolução da tradução propriamente dita.

O terceiro nível que Newmark (1995) apresenta, em *A text book of translation*, é o *coesivo*, em que são seguidas as estruturas das frases: conjunções, artigos, pontuações, preposições etc., que são detalhadamente colocadas.

E, por fim, o nível da *naturalidade*, em que precisamos fazer com que o texto traduzido soe natural, o que dependerá do grau de formalidade que decidimos seguir durante o texto. Ou seja, trata-se do estilo de texto que está sendo traduzido, entre outros fatores.

Ainda sobre a prática tradutória, destacamos as professoras-pesquisadoras e coordenadoras do Projeto PRONIT (Processo e Produto na Investigação da Tradução). Trata-se de um projeto integrado e interdepartamental da Universidade Federal do Rio de Janeiro/ UFRJ, criado em 1993 e concluído em 2002. Este projeto foi desenvolvido pelas professoras Angela Maria da Silva Corrêa e Aurora Maria Soares Neiva, que consideram a tradução como uma tarefa a ser executada pelo informante, que recebe um texto desconhecido, em língua estrangeira, para que o traduza para o português. Participaram deste projeto alunos de pós-graduação do Programa de Letras Neolatinas e do Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada do Departamento de Letras

Anglo-Germânicas, além de bolsistas do Programa de Iniciação Científica (PIBIC-CNPq).

Um outro texto que discute a prática tradutória - *Estratégias e problemas do tradutor aprendiz: uma visão introspectiva do processo tradutório,* de Corrêa e Neiva (2000), enfatiza o acesso às *estratégias cognitivas* utilizadas por informantes (alunos ou profissionais) durante o processo tradutório. Primeiramente, conforme as autoras, um texto desconhecido de língua inglesa ou francesa é recebido pelo informante para que este o traduza para o português. Esta tradução é feita na presença de um monitor e é efetuada da maneira que o informante achar conveniente. Este monitor faz com que o informante oralize tanto o que lê na língua estrangeira como o que escreve na língua portuguesa à medida em que o texto vai surgindo, assim, como todos os pensamentos que lhe vierem à cabeça durante este processo.

Estas oralizações são gravadas, transcritas e documentadas a fim de serem posteriormente analisadas e, enfim, poder analisar de que recursos se vale o tradutor para resolver problemas específicos da tradução e suas tomadas de decisões.

Assim, o projeto reconhece as *estratégias cognitivas* relacionadas ao *processo tradutório* e, também, outros aspectos que possam justificar o modo como os aprendizes e tradutores profissionais realizam sua tarefa. Esta pesquisa adotou um processo de pesquisa similar, mas na aplicação de um questionário, como será explicitado no Capítulo II (Caminhos Metodológicos).

Em um outro artigo publicado na Revista Todas as Letras - *Sugestões Práticas para o Ensino da Tradução* - Adauri Brezolin (2003) escreve sobre o que é a tradução e o que está ligado ao processo tradutório. A partir de suas considerações e do ponto de vista didático, o autor adota a *compreensão,* a *produção textual* e a *revisão* como etapas do processo tradutório. Em relação a essas etapas, afirma que: “vistas isoladamente, parecem orientar o tradutor ao seguinte: leio o texto para compreendê-lo. Após tê-lo compreendido, começo a traduzir. Quando estiver traduzido o texto todo, faço uma revisão geral minuciosa” (p.139). E como o próprio autor questiona: será que isso ocorre?

Para responder a esta pergunta, Brezolin (2003) lembra ao leitor que há diferença entre a prática diária de um tradutor e a prática em sala de aula de um aprendiz de tradução. Nem sempre, do “ponto de vista prático muitos de nós seguimos esta prática com tanto rigor” (p. 139). E ainda lembra que, como em geral, “trabalhamos

com prazos de entrega exíguos, nossa compreensão ocorre com a tradução ou traduzimos enquanto tentamos compreender o texto" (p.139). Ou seja, ao iniciar uma tradução, às vezes, passamos por todas estas etapas ao mesmo tempo.

Já do ponto de vista didático, o autor afirma que o professor precisa fazer o aluno passar por todas estas etapas de maneira mais "clara e detida", pois há alguns que atropelam a etapa da compreensão para "afoitamente" iniciarem a tradução, dando a impressão de que ver o texto acabado é ver seu trabalho concluído. E Brezolin (2003) finaliza seu artigo, colocando as etapas por ele sugeridas do processo tradutório, tais como: a) *a compreensão*, que, segundo o autor, "é uma etapa bastante importante, pois dela depende a produção escrita" (p. 140), em que o tradutor entra em contato com o texto fazendo uma leitura detalhada, envolvendo a compreensão de detalhes; b) *a produção textual*, que *ocorre* a partir da leitura criteriosa, pois o tradutor começa a realizar a tradução propriamente dita; c) *a revisão*, que acontece quando o texto está pré-acabado, em que o tradutor deverá fazer um "cotejo pormenorizado" (p. 140); ou seja, verificar possíveis "cochilos" durante a tradução; e d) *o conhecimento linguístico*, que, segundo o autor refere-se:

> (...) ao conjunto de informações que o tradutor deve possuir a respeito dos elementos que compõem os sistemas linguísticos envolvidos na tradução, que incluem, entre outras coisas, ortografia, acentuação, fonologia, classes gramaticais, morfologia, tipos de orações e períodos, pontuação, figuras de sintaxe, retórica etc. [...] ele deverá dar mais ênfase à língua para qual traduz, pois é nessa língua que deverá lapidar seu texto final (BREZOLIN, 2003, p. 143).

Além disso, o autor apresenta a sua compreensão a respeito do conhecimento teórico, estético, discursivo, sociolinguístico e pragmático, conforme descreveremos a seguir.

O *conhecimento teórico* é o conhecimento que envolve os teóricos da tradução, as principais vertentes teóricas, como o próprio autor afirma. Esse tipo de conhecimento é importante para que o aluno veja que sua profissão tem um papel relevante. Brezolin (2003, p.143) ressalta, ainda, que uma prática aliada à teoria auxiliará o aprendiz na compreensão da importância do papel do tradutor.

O *conhecimento estilístico-discursivo* (BREZOLIN, 2003, p.144) diz respeito às informações que o tradutor possui ou deveria possuir para reconhecer as marcas de um tipo de texto e imprimir determinada tipologia ao texto. Ou seja, ele tem que ter

condições de, por exemplo, manter ou não a expressividade do texto original, fraseologia, terminologia etc.

O *conhecimento sociolinguístico* (BREZOLIN, 2003, p. 144) se refere à capacidade que o tradutor tem para reconhecer traços culturais por meio de variedades linguísticas, por exemplo, reconhecer linguagens urbanas e rurais, dialetos etc.

O *conhecimento pragmático* (BREZOLIN, 2003, p. 144) que: "diz respeito à familiaridade que o tradutor deve ter com determinados recursos tecnológicos" (2003, p. 144), como, por exemplo, as ferramentas de memória de tradução, que auxiliam o tradutor a fazer um trabalho mais rápido e seguro.

Continuando as diferentes perspectivas sobre os estudos da tradução e a prática tradutória, Alves, Magalhães e Pagano (2011) afirmam que:

> A ideia de levar o tradutor em formação a desenvolver estratégias de tradução está imbuída do espírito de conscientizá-lo da complexidade do processo tradutório e da necessidade de monitorar suas ações e examinar com cuidado as decisões tomadas ao longo do processo tradutório (p. 7).

Assim como afirmamos anteriormente, não depende somente do professor em sala guiar seus alunos a um caminho para a formação da prática tradutória, mas também conscientizá-los da complexidade desse processo. Enfocar *como* e *o que* é traduzir fará com que eles desenvolvam um senso de responsabilidade por seu próprio processo de aprendizagem.

Os pesquisadores citados anteriormente (BORDENAVE, 1989; NEWMARK, 1995; CORREA; NEIVA, 2000; BREZOLIN, 2003; ALVES, MAGALHÃES, PAGANO, 2011) comprovaram que certas crenças ou crendices que os alunos trazem consigo, para o curso universitário, refletem no processo de ensino/aprendizagem e, consequentemente, em sua prática tradutória.

Tais crenças variam de pessoa para pessoa, pois se devem ao fato de terem experiências de vida e profissionais diferentes; assim como "ao contexto sociocultural", com o qual interagem, como destacam Alves, Magalhães e Pagano (2011).

A crença mais comum entre os alunos de um curso de Tradução é a de que a "tradução é uma atividade prática que requer apenas um conhecimento da língua e um bom dicionário" (p. 12). Consideramos que há conhecedores da língua inglesa que, ao se depararem com a prática tradutória, veem seu resultado insatisfatório, pois a prática

da tradução exige algumas estratégias, como: revisão ortográfica; fontes de pesquisa adequadas; e recursos de memória de tradução, que podem ser adquiridos ou desenvolvidas na formação universitária.

Alguns teóricos, como Amparo Hurtado Albir, líder do grupo PACTE, da Universidade Autônoma de Barcelona, Espanha, chamam a essas estratégias de "competências tradutórias". Para Hurtado Albir (2005, p.28), a competência tradutória é:

> (...) um conhecimento especializado que consiste em um sistema subjacente de conhecimentos declarativos (saber que) e, em sua maior proporção, operacionais (saber como), necessários para saber traduzir, que está composto de cinco subcompetências (bilíngue, extralinguística, conhecimentos sobre tradução, instrumental e estratégica) e de componentes psicofisiológicos (p.28).

O termo *competência* apareceu, pela primeira vez, em meados da década de 1960, com Hymes (1966), que criou o conceito de *competência comunicativa* contrapondo à noção de Chomsky (1965) sobre *competência linguística*. Como coloca Hymes: "o esclarecimento do conceito de desempenho dado por Chomsky[2] (1965, p. 10-15), como vimos, omite quase tudo sobre a importância sociocultural" (HYMES, 1966, p.62).

A afirmação de Hymes (1966) é sobre as frases gramaticais, que são mais fáceis de serem compreendidas, mas, como resultados, não são percebidas no sentido de terem padrões sociais e culturais.

Hymes (1966) propôs que não somente um falante utilizasse a maneira correta (com base na *competência linguística*), mas também, a usasse de forma apropriada, dependendo com quem fala, sobre o quê, onde e de que maneira (com base na *competência comunicativa*). A competência gramatical é o saber linguístico abstrato que temos em nossa mente. Esse saber é acessado toda vez que precisamos produzir ou compreender frases. E o uso da competência em situação de fala específica é que constitui o desempenho linguístico, pois, segundo o autor: a competência é um saber e o desempenho é um fazer.

---

[2] Chomsky (1965) desenvolveu várias teorias acerca de aquisição de linguagem. A competência linguística é um de seus conceitos, em que Chomsky o define como a compreensão de regras de uma língua. Isto inclui: os sons utilizados na linguagem; a combinação destes sons; a criação de frases; e a interpretação delas. Reunindo estas habilidades, uma pessoa poderá produzir frases, que serão entendidas por falantes da mesma língua.

Por outro lado, o tradutor, também, pode aprender a buscar subsídios externos como utilização de recursos tecnológicos, além das habilidades a serem desenvolvidas na formação universitária, tais como: a compreensão das línguas estudadas; a produção textual em ambas as línguas; a gramática e estilística também de ambas as línguas etc.

Outro fator importante para o sucesso da prática tradutória é a contínua aquisição de conhecimento que envolve esta prática; ou seja, estar sempre ligado a novos estudos sobre o tema e, ainda, ser um curioso das línguas traduzidas.

Vimos, neste capítulo, que a prática tradutória envolve muitos aspectos, além do conhecimento de uma língua e um bom dicionário. Então, a partir de uma boa formação universitária, o tradutor terá uma melhor consciência de sua prática e de seu papel. E, apesar das etapas da prática tradutória pelas quais o aluno tem que passar, Brezolin (2003) afirma que: "independente das etapas por quais todos os tradutores devem passar elas não têm uma ordem a ser seguida, o importante é que os alunos as utilizem" (p.139).

Por fim, acreditamos que, ao analisar os dados, poderemos compreender se a formação universitária influencia a prática tradutória pelo olhar dos alunos.

A seguir abordaremos a formação universitária de tradutores, para que, assim, possamos atingir os objetivos propostos neste trabalho.

1.2 A formação universitária de tradutores

Neste item ao tratarmos da formação universitária de tradutores, temos o objetivo central de entender melhor qual o seu papel dentro da construção da prática tradutória dos alunos em questão. Como as aulas nos cursos universitários de Tradução são ministradas por professores de diferentes áreas do conhecimento, em geral, há concepções diferentes do que seja *traduzir*.

Esta diversidade, em nossa visão, não é algo que influencie negativamente a formação de tradutores, pois assim os alunos poderão observar a diversidade das teorias que podem desencadear outra prática: fazer traduções de acordo com as concepções dos diferentes professores, por exemplo. Tudo isso faz com que, de uma maneira ou outra, antecipem seus trabalhos futuros, como o de direcionar suas traduções de acordo com as orientações dos clientes, por exemplo.

Geralmente, os professores, que lidam com a formação universitária de tradutores, conforme mencionamos, apresentam certa diversidade em seu modo de ensinar, porque não há, em nosso país, uma formação (licenciatura) para tradutores. Nesta perspectiva estes professores constroem sua profissão com base em suas experiências. Como afirma Larossa (2004):

> É experiência aquilo que nos passa, ou nos toca, ou nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto a sua própria transformação (LARROSA, 2004, p. 160).

Como observa Wyler (2003, p.21), esses professores que experienciam sair "dos quadros de Letras, e se aventuram em pós-graduações em teoria literária, linguística aplicada ou literatura comparada", porque não existe licenciatura em Estudos da Tradução em nenhuma universidade brasileira.

Mas, apesar desses professores não terem tido uma formação pedagógica dentro dos estudos da tradução, reflexões teóricas, tanto nesta área como na educação, transformaram significativamente a formação de tradutores, especialmente com a ruptura do vínculo ao curso de Letras.

O principal objetivo de um curso de formação de tradutores é levar o aluno a adquirir competências, habilidades para que possam praticar a tradução. Segundo Kiraly (2000), não se ensina a resposta ao aluno, mas o professor facilita e dá o apoio necessário para a construção do conhecimento. Dentro da sala de aula, o professor discute sobre o porquê de se utilizar um termo e não o outro, fazendo refletir no aluno contextos e culturas sobre ambas a línguas estudadas. Enfim, apresenta características únicas para exigir, portanto, respostas únicas no sentido de os alunos terem sua própria autonomia enquanto tradutores, pois as práticas que ocorrem em sala de aula dão lugar à criatividade do aluno, a sua capacidade de pensar diferente.

Com o tempo, os cursos começaram a oferecer disciplinas que atendiam às exigências do mercado. Desde então, surgiram novos tipos de atuação, expandindo os campos do saber e das práticas.

Lia Wyler (2003) descreve o cenário destes futuros tradutores como sendo:

> (...) tradutores de obras literárias e técnicas para editoras; tradutores assalariados e autônomos que traduzem textos de circulação interna em empresas comerciais e públicas; intérpretes e tradutores de conferências; tradutores públicos e intérpretes comerciais; tradutores de peças teatrais; tradutores de letras de músicas; tradutores para legendas de filmes; tradutores para dublagens de filmes e vídeos; tradutores que transcrevem fitas gravadas;e, mais recentemente, tradutores de sites da Internet e tradutores especializados em localização" (WYLER, 2003, p.13)

Acrescentaríamos, por exemplo, ressaltando que o trecho de Wyler é de 2003, os tradutores de *games*, que vêm ganhando fortes adeptos, visto que é um tema discutido em congressos, seminários etc.

É e sempre será um desafio para os cursos de tradução e para os professores, que estão atentos à atualização dos programas, tentarem, por sua vez, cumprir seu papel pedagógico, atender às crescentes exigências do mercado, cada vez mais acelerado.

Arrojo (1993) afirma que "qualquer reflexão sobre o ensino em tradução deve ser iniciada por uma tentativa de se definir o que um tradutor deve saber para que possa realizar seu trabalho adequadamente" (p. 35). Na formação, em questão, estes tais conhecimentos são transmitidos, primeiramente, nas aulas de teoria e nos primeiros semestres.

O professor passa a ser um facilitador, pois transmite o conhecimento com a função de levar os alunos a construírem seus próprios conceitos sobre o que seja traduzir, ou como traduzir etc. Na visão de Arrojo (1993), da qual também compartilhamos, é "humanamente impossível ensinar-lhes tudo que há para se saber" (p. 147). O que é diferente da crença ou *crendice*, como menciona Aubert (1989), quando os alunos iniciantes afirmam que *a tradução é um dom*.

O compromisso que a formação de tradutores tem com a sociedade em geral, principalmente com a universidade é assumir a responsabilidade pela formação e, também, fazer desenvolver a pedagogia que oferecem aos alunos e futuros tradutores: competências e conhecimentos, que precisarão para executar sua função, no mercado de trabalho, de maneira adequada. Complementando com uma afirmação de Arrojo (1993): "tal pedagogia deve fornecer aos alunos uma oportunidade de analisar as condições em que a profissão que escolheram tem podido operar no interior de sua cultura e de seu momento histórico" (p.147).

Podemos, então, considerar que, para a formação universitária de um tradutor, seria preciso um olhar cultural, social e histórico de sua própria língua. Os tradutores, assim como em outras profissões, definem-se por sua teoria e, consequentemente, por meio da prática que desenvolvem. Os conceitos de *tradução* e *prática* são transmitidos aos alunos ao longo da formação universitária e estão diretamente relacionados com a bagagem de conhecimento e experiências que o professor carrega.

Observamos que há necessidade de se ampliar a formação do tradutor, para que possam ser discutidas questões, não tão frequentemente debatidas em congressos e seminários, como as de natureza pedagógica, didática, estratégias para o ensino, estratégias e/ou dinâmicas em sala de aula, avaliação etc. Ou até mesmo adicionar, ao currículo atual de bacharel, disciplinas que estejam ligadas à formação específica dos tradutores e aos estudos da tradução e à prática tradutória.

Estas propostas certamente não solucionariam os problemas que a formação de tradutores traz consigo, mas abriria caminhos para debates e melhorias. O que ajudaria o tradutor na busca por melhores formadores ou uma formação mais adequada.

Diante destas reflexões sobre a tradução, a prática tradutória e a formação de tradutores, apresentaremos, no próximo capítulo, os caminhos metodológicos que este trabalho seguiu para a obtenção, organização e tratamento dos dados coletados.

CAPÍTULO II

CAMINHOS METODOLÓGICOS

É cada vez mais evidente o interesse de pesquisadores no Ensino de Tradução, mais precisamente na formação universitária. Após a identificação do objeto de estudo, em questão - a formação universitária do tradutor - foram feitos levantamentos bibliográficos, utilizando-se de fontes de pesquisa variadas, como o banco de dados da Capes (2012, 2013), documentos e/ou periódicos científicos, entre outros. Foram encontrados estudos, como citamos no Capítulo I.

Partimos da seguinte indagação: qual a influência que a formação universitária tem sobre a prática tradutória? Após muitas leituras realizadas acerca do tema, emergiram algumas outras questões: qual a importância da formação universitária do tradutor? O que a formação universitária tem a oferecer para a prática do tradutor?

Com o *objetivo geral* de compreender a influência da formação universitária na construção da prática tradutória sob a ótica dos alunos, surgiram, com a revisão conceitual, os seguintes *objetivos específicos*: compreender os conceitos de *tradução* e de *prática tradutória* presentes na formação universitária de tradutores pela ótica do aluno; identificar as etapas da prática tradutória presentes na formação universitária em questão; e compreender se a teoria aprendida no contexto de formação influencia a prática tradutória.

A fim de esclarecer, melhor, o objeto de pesquisa, este capítulo abordará os caminhos metodológicos, explicitando a natureza da abordagem qualitativa dessa pesquisa, o contexto em que ela foi realizada, os sujeitos, a construção dos instrumentos e a opção pela análise de conteúdo (BARDIN, 1979; FRANCO, 2008).

2.1 Abordagem qualitativa da pesquisa

Investigadores qualitativos em educação, por exemplo, Lüdke e André (1986) e Bogdan e Biklen (1994), sempre questionam os sujeitos no sentido de entender *o que* eles experienciam e *como* eles interpretam o objeto estudado. Para compreender os objetivos anteriormente descritos, a abordagem metodológica da pesquisa foi elaborada

recorrendo à análise do Projeto Pedagógico do Curso/PPC de Tradutor da Instituição, em questão, e à aplicação de dois questionários.

Estando diante do contexto qualitativo de pesquisa em educação, procuramos compreender a abordagem qualitativa, seus desafios e as técnicas utilizadas. Como afirmam Lüdke e André (1986, p.11): "(...) ainda parecem existir muitas dúvidas sobre o que realmente caracteriza uma pesquisa qualitativa, quando é ou não adequado utilizá-la (...)" (p. 11).

Os dados foram recolhidos em um ambiente natural, o que é característico da pesquisa qualitativa. Como necessitávamos compreender a prática tradutória desses alunos, fui à universidade para ter um primeiro contato, apresentar-me a eles e falar um pouco sobre os objetivos da pesquisa e a aplicação dos questionários.

Minha apresentação foi de fato importante para que os alunos pudessem entender a colaboração da pesquisa dentro dos Estudos da Tradução. E como a pesquisa é na área, que será praticada futuramente pela maioria, pelo menos, houve um interesse maior em responder aos questionários.

De acordo com Bogdan e Biklen (1994), os dados obtidos no contato direto com o pesquisador são descritivos, pois retratam as diferentes perspectivas dos sujeitos pesquisados, o que nesta pesquisa foi registrado por meio dos questionários.

Tendo em vista essas características, procuramos, na pesquisa de campo, utilizar uma abordagem metodológica de natureza qualitativa. Fizemos, também, a análise documental do Projeto Pedagógico do Curso/PPC da Instituição; além disso, foram aplicados dois questionários.

Primeiramente, indo em direção ao nosso objetivo, fizemos leituras relacionadas à formação universitária do tradutor. Esta revisão conceitual contribui para compreender que o conhecimento que se tem de tradução não se relaciona somente com o saber das línguas e culturas envolvidas no processo de aquisição deste conhecimento. Acreditamos, também, na aquisição de competências tradutórias como: gramática, produção textual, literatura, estilística... Tudo o que for apreendido ao longo da formação. Também, levantamos teses e dissertações acerca da formação universitária do tradutor e da prática tradutória (APÊNDICE 4).

2.2 O contexto da pesquisa: o Projeto Pedagógico do Curso/PPC de Tradução

A contribuição do PPC foi indispensável, pois é a fonte de pesquisa do curso em questão e complementou outras informações obtidas pelos questionários.

Segundo Guba e Lincoln (1981), mencionados no livro de Lüdke e André (1986), os documentos são uma "fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador" (*apud* GUBA e LINCOLN, p. 39). Apesar de os documentos exigirem tempo, para poderem ser analisados, são fundamentalmente importantes para complementar as informações obtidas por outras técnicas de pesquisa.

A universidade, em questão, é comunitária e constituída na década de 50. Apesar da falta de diretrizes curriculares nacionais específicas, o curso de Tradução e Interpretação optou pela resolução do curso de Letras, que estipula carga horária mínima de 2400 horas-relógio, equivalentes a 2880 horas-aula. São ofertadas quarenta vagas na modalidade presencial e o ingresso dos alunos é feito por um processo seletivo de acordo com os editais vigentes.

Em 1992, após três anos de existência do curso de Letras – Habilitação Tradutor (Português/Inglês) foi feita a proposta de desvinculação dos cursos para uma melhor formação do tradutor da Universidade[3] em questão, que só foi efetivamente concluído, em 1998, quando passou a funcionar como Bacharelado em Tradução, vinculado ao departamento de Letras.

O curso de Tradução, em 2003, passou por uma reformulação e começou a oferecer também a formação de Intérprete Comercial e de Conferências. Após tal reformulação, houve a necessidade de atualização do curso, tornando-o mais eficaz e compacto, capaz de acompanhar as mudanças socioeconômicas e profissionais, bem como a evolução tecnológica da área, conforme destaca o PPC em questão.

E, então, em 2011, foi constituída uma Comissão para a alteração da matriz curricular do curso, revendo seus objetivos, perfil do egresso, quadro curricular etc. Esta nova proposta foi aprovada, conservando a essência do PPC anterior.

Pensamos que a relevância que o curso de Tradução e Interpretação tem nos dias atuais é muito grande, principalmente no litoral de São Paulo, onde há um

[3] Optou-se por omitir o nome da Universidade, por questões éticas, identificando apenas que esta instituição faz parte da Baixada Santista.

desenvolvimento acelerado, sobretudo, em relação ao pré-sal. Tem-se observado que a população da região está se reconfigurando e se ampliando, tanto por parte de migrantes, quanto pelo turismo, por conta de cruzeiros marítimos frequentes.

De acordo com o PPC da Universidade, a formação do tradutor/intérprete, consciente de seu papel na sociedade, realiza-se por intermédio do embasamento teórico oferecido pelas disciplinas teóricas e teórico-práticas, e da prática extensiva de tradução/versão e de interpretação.

Analisando o Projeto Pedagógico atual do curso de Tradução e Interpretação, pudemos compreender seus objetivos e suas disciplinas. De acordo com o documento, o curso de Tradutor e Intérprete tem como objetivos: a) preparar um aluno seguro e eficiente, atento aos desafios do tempo, consciente dos valores éticos da sociedade e da profissão; b) desenvolver a formação crítica livre de preconceitos no tratamento das culturas nacional e estrangeira, promovendo o diálogo e a troca de vivências entre elas; formar um tradutor competente e capaz de recriar, segundo as características referenciais, socioculturais, linguísticas, pragmáticas e estéticas do idioma alvo, as especificidades do texto produzido no idioma fonte, respeitando suas intencionalidades; c) habilitar o tradutor e intérprete para a pesquisa minuciosa, dando a ele oportunidade de desenvolver a capacidade de buscar informações e de tratá-las adequadamente; d) incentivar a formação acadêmica e profissional permanente pelo acompanhamento das línguas, ciências, técnicas e artes; e e) preparar, de forma concreta, o aluno para atuar em seu universo profissional, altamente competitivo, dentro dos parâmetros éticos e segundo os valores cristãos.

O curso concluído possui uma carga horária total de 2408 horas-relógio (2890 horas-aula) e tem três anos. No último ano, os alunos devem dominar os conhecimentos e habilidades da área, além de terem a consciência do processo histórico, trabalhar com as diferenças linguísticas e culturais, buscando uma postura profissional consciente e ética, comprometida com a sociedade, conforme destaca o Projeto Pedagógico.

Selecionamos, então, as aulas de *Laboratório de Prática – Tradução/Versão I*, que conta com 34 horas/aula e são dadas no último ano do curso, e, mais precisamente, no 5º semestre, onde pudemos entrar em contato com alunos.

Desde o início da pesquisa foi combinado, juntamente com o professor da disciplina, que, no começo da primeira aula, o pesquisador fosse apresentado, expusesse o motivo de sua presença e os objetivos da pesquisa. Tal decisão do pesquisador deve

ser levada em conta, pois não acarretou nenhuma alteração no comportamento dos sujeitos a partir do estudo.

Em relação aos objetivos descritos, a disciplina *Laboratório de Prática I* propicia condições, tempo e espaço para a prática de ambas vertentes e atende às necessidades tradutórias da comunidade acadêmica da Universidade, traduzindo e vertendo textos de sua editora e textos ligados à outras áreas de pesquisa.

Além das aulas de *Laboratório de Prática*, selecionamos o componente *Tradução Ambiental*, que se dá juntamente com Tradução Jornalística, e eles são voltados exclusivamente aos temas Porto e Meio Ambiente, respectivamente. Entretanto o curso dedica especial atenção à educação ambiental, conforme determina a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999 (BRASIL, 1999), por meio de outras disciplinas como: *Problemas do Homem Contemporâneo II* e *Versão Comentada da Língua Inglesa I*, em que temas de relevância da área são discutidos e compreendidos antes da tradução ou versão em si de textos concernentes a estes temas.

Não analisaremos as outras disciplinas, que compõem o eixo que se insere a disciplina Laboratório de Prática I. O nosso foco, aqui, é o *Laboratório de Prática I* e a *Tradução Ambiental*, ou como tratado aqui nesta pesquisa, *Tradução para Sustentabilidade*, que, conforme explicitamos anteriormente, é de extrema importância, já que o tema é visto como multidisciplinar e necessário para a cidade portuária em que vivemos.

A análise de textos jornalísticos e ambientais, previamente traduzidos para a língua portuguesa, é um dos objetivos da disciplina *Tradução Jornalística e Ambiental*, assim como a iniciação à prática da tradução de textos dos referidos tipos, despertando os discentes para a necessidade de observação e registro de seus jargões técnicos e suas especificidades.

Nessa perspectiva a escolha de um documento relacionado ao *desenvolvimento sustentável* (ANEXO 2) decorreu do reconhecimento de seu papel, já que nele pudemos encontrar as diretrizes do curso analisado. Foi possível, também, complementar algumas informações extraídas de outras técnicas de pesquisa.

A análise dos dados do PPC foram também fundamentais, pois apresentaram a conceituação do curso e da disciplina analisada, e que foram complementados juntamente com os dados recolhidos na observação e nos questionários.

2.3 Caracterizando os sujeitos

Esta pesquisa contou com dezoito (18) alunos do último ano do curso de Tradutor de uma universidade da Baixada Santista. A opção pelos alunos do último ano e, especificamente, da disciplina de *Laboratório de Prática*, deveu-se *ao fato* de já terem tido contato com teoria da tradução, que nesta instituição é oferecida no primeiro ano do curso.

O Questionário foi aplicado pela pesquisadora na própria Universidade em questão, no horário de intervalo dos alunos, e foi pedido para que devolvessem o mesmo no dia seguinte. A partir do Questionário 1 (APÊNDICE 2), construímos e exibimos o Quadro 1 para apresentar o perfil pessoal desses alunos do último ano, e que está relacionado ao gênero, ao município que residem os alunos e à faixa etária, conforme segue. A opção em saber o município de residência deveu-se ao fato deste curso ser o primeiro e único da Baixada Santista.

Quadro 1 – Perfil pessoal dos alunos

Gênero	Feminino	10
	Masculino	8
Município de residência	Santos	10
	São Vicente	5
	Praia Grande	1
	Itanhaém	1
	Guarujá	1
Faixas Etárias	17 a 22 anos	16
	23 a 28 anos	2
	29 anos ou mais	-

Fonte: Dados do 1º Questionário

Podemos observar, que, no Quadro 1, a maioria é do sexo feminino, reside na cidade de Santos, tem entre dezessete e vinte e dois anos; ou seja, a grande maioria ingressou na Universidade logo após a conclusão do segundo grau.

2.4 Dos Questionários

Para proceder à coleta de dados, após a análise do Projeto Pedagógico, foram elaborados os questionários, que trouxeram para a pesquisa os registros e percepções dos temas de interesse desta pesquisa.

Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador, conforme Lakatos e Marconi (2003, p. 200). No caso deste trabalho, entregamos os questionários aos alunos, os quais nos retornaram uma semana depois.

Utilizamos dois questionários, que foram elaborados, seguindo os objetivos propostos nesta pesquisa. Ambos foram aplicados em português e tiveram a identificação dos sujeitos. Havia, também, perguntas abertas e fechadas em relação ao tema proposto, abarcando aspectos como: os conceitos de tradução e de prática tradutória; a formação universitária; a relação das aulas teóricas com as aulas práticas; entre outros.

Antes da aplicação dos questionários, tivemos contato com os alunos do último ano do curso de Tradução, para que realmente respondessem aqueles que, de fato, estivessem dispostos a se envolverem com perguntas pertinentes à formação universitária de tradutores. Além disso, asseguramos aos interessados o anonimato. Aqui, os sujeitos serão tratados como Aluno A, Aluno B, Aluno C, e assim por diante.

A seguir, explicaremos como foram elaborados e aplicados os dois questionários utilizados para a coleta de dados.

2.4.1 Questionário 1

O Questionário 1 foi inicialmente elaborado e enviado com um *link* ao *e-mail* de cada um dos vinte e seis alunos da turma do último ano do curso de Tradutor (5º semestre) de 2013. Porém, após uma semana, não foram devidamente respondidos

(retornaram somente 4 resultados). Ou seja, não obtivemos o sucesso esperado em relação à elaboração de um questionário *online*, apesar de a internet ser a ferramenta mais usada nos dias atuais.

A partir desse resultado negativo, fizemos contato com o coordenador do curso de Tradutor e pedimos permissão para que pudéssemos entrar em contato com os sujeitos em sala de aula e, assim, entregar o questionário impresso, acompanhado do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE 1). Como já mencionado, na turma do 5º semestre do curso de Tradutor, há vinte e seis alunos e oito desses se recusaram a responder ao questionário. Sendo assim, analisaremos, no próximo capítulo, os dezoito questionários respondidos e entregues após uma semana e meia.

O primeiro Questionário foi elaborado com nove perguntas, sendo quatro delas fechadas e cinco abertas (APÊNDICE 2). As perguntas abertas permitiam ao sujeito responder livremente, utilizando a sua linguagem, pois possibilitou investigações mais precisas, apesar de sua análise ser mais complexa. As fechadas apresentaram uma série de possíveis respostas, proporcionando uma exploração tão boa quanto a das perguntas abertas. Esta mistura de perguntas abertas e fechadas, utilizada neste primeiro questionário, possibilitou-nos mais informação e aprofundamento sobre o assunto.

Um ponto importante na elaboração do Questionário foi sua extensão, pois se fosse longo demais poderia causar desinteresse por parte dos sujeitos, e se fosse curto demais, correríamos o risco de não colher informações suficientes; portanto, tivemos que limitá-lo.

No sentido de conhecer os sujeitos e compreender algumas questões relacionadas à formação universitária e à prática tradutória, elaboramos o primeiro Questionário da seguinte maneira:

1. Como você vê a formação universitária do tradutor? Você acha importante?
2. Selecione qual foi o fator mais significativo na sua formação como tradutor:
   ( ) Produção Textual
   ( ) Compreensão do texto na Língua Inglesa
   ( ) Revisão de Texto
   ( ) Fidelidade ao texto na Língua Inglesa
   ( ) Conhecimento Cultural
   ( ) Conhecimento da Língua Materna
   ( ) Outro: _____
3. Justifique a importância dada ao fator acima e explicite onde você o aprendeu (ex.: universidade, experiência profissional etc.).

4. Você tem experiência como tradutor? Exemplifique.
5. Como você acha que as aulas de prática ajudam na sua formação?
6. Você vê relação entre as aulas de teoria dadas no primeiro ano do curso e as de prática? O que especificamente?
7. O que é tradução para você?
8. O que você entende por prática tradutória?
9. Sua concepção de tradução mudou durante o curso? O que especificamente? (Questionário 1, APÊNDICE 2).

Quanto à utilização dos dados, no primeiro Questionário, eles aparecem organizados em oito quadros (Quadro 3 a 10), mostrados, no próximo capítulo. As respostas foram transcritas com o intuito de ser fiel ao que os alunos escreviam em relação à pontuação, grafia, coerência etc. E, nesse sentido, mantivemos todo tipo de inadequação gramatical.

2.4.2 Questionário 2

O segundo Questionário foi aplicado a 5 sujeitos a partir de suas respostas em relação ao primeiro Questionário, e que assinaram o "Termo de Consentimento Livre e Esclarecido" **(**APÊNDICE 1). Foi pedido para que eles traduzissem dois parágrafos do segundo capítulo do livro "Our Common Future" (1988) (Capítulo II) (APÊNDICE 3), que tem como título na publicação em português: "Em Busca do Desenvolvimento Sustentável", e seu original em inglês "Towards Sustainable Development" (ANEXO 2). O livro foi selecionado, pois sua temática a respeito da sustentabilidade ainda exerce uma potente influência sobre estudantes, pesquisadores, professores e escritores de diversas áreas do conhecimento.

O livro, que foi lançado no final da década de 80, é o documento mais importante sobre o futuro no mundo. Trata-se do Relatório da Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (World Comission on Environment and Development), criado em 1983, pelas Nações Unidas e presidida por Gro Harlem Brundtland (primeira ministra da Noruega). Por isso, para alguns, o livro é também conhecido como o "Relatório Brundtland".

O Questionário 2 foi elaborado da seguinte maneira:

> O trecho, a seguir, foi retirado do livro original "Our Common Future" em Português traduzido como "Nosso Futuro Comum", de 1988. Este livro é o documento mais importante da década sobre o futuro no mundo, o relatório da Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (World Comission on Environment and Development), criada em 1983, pelas Nações Unidas e presidida por Gro Harlem Brundtland, primeira ministra da Noruega. Por isso, por alguns, o livro é também conhecido como o "Relatório Brundtland".
> O Segundo Capítulo do livro foi traduzido para o Português como: "Em Busca do Desenvolvimento Sustentável" e original em Inglês "Towards Sustainable Development" e foi escolhido para que você possa praticar as etapas que foram selecionadas por você como os fatores mais significativos da sua formação no Questionário 1 (Produção Textual, Compreensão do texto na Língua Inglesa, Revisão do Texto, Fidelidade ao texto na Língua Inglesa, Conhecimento Cultural, Conhecimento da Língua Materna).
> A partir deste segundo capítulo, o leitor poderá compreender os diversos conceitos ligados à Sustentabilidade e as várias disciplinas envolvidas no tema. Após sua tradução, por favor, explicite as dificuldades encontradas ao longo de sua prática tradutória, como você as enfrentou e qual ordem você seguiu para executar a sua prática.
> Desde já agradecemos a sua colaboração e desempenho. Gostaríamos de ressaltar que a sua ajuda é indispensável para que pesquisadores da área da Tradução possam sempre melhorar e colaborar com as pesquisas acerca da formação universitária e os Estudos da Tradução. (Questionário 2, APÊNDICE 3).

Após a tradução do trecho, pedimos para que os sujeitos explicitassem as dificuldades enfrentadas durante a prática tradutória em relação ao tema e aos termos específicos da área e como eles as enfrentaram.

Os dados recolhidos no Questionário 2 (APÊNDICE 3) poderão ser visualizados no próximo capítulo em dois quadros (Quadros 11 e 12), mostrando o original a ser traduzido, sua publicação em português e as traduções elaboradas pelos alunos. Indicamos, também, as dificuldades, as fontes de pesquisa e as etapas do processo tradutório sob a ótica dos alunos.

2.5 Da análise de conteúdo

> Os diferentes modos pelos quais o sujeito se inscreve no texto correspondem a diferentes representações que tem de si mesmo como sujeito e do controle que tem dos processos discursivos textuais com que está lidando quando fala ou escreve. (VARLOTTA, 2002, *apud* FRANCO, 2008, p. 19).

Acreditamos que a citação anterior diz respeito tanto à análise de conteúdo, no sentido de compreender além dos significados, quanto à tradução, pois há diversos olhares sobre um mesmo texto. E a tradução deste texto depende muito de quem está traduzindo, dos diferentes conhecimentos, conceitos e olhares que esta pessoa tem sobre a tradução, sua prática e seu papel como tradutor.

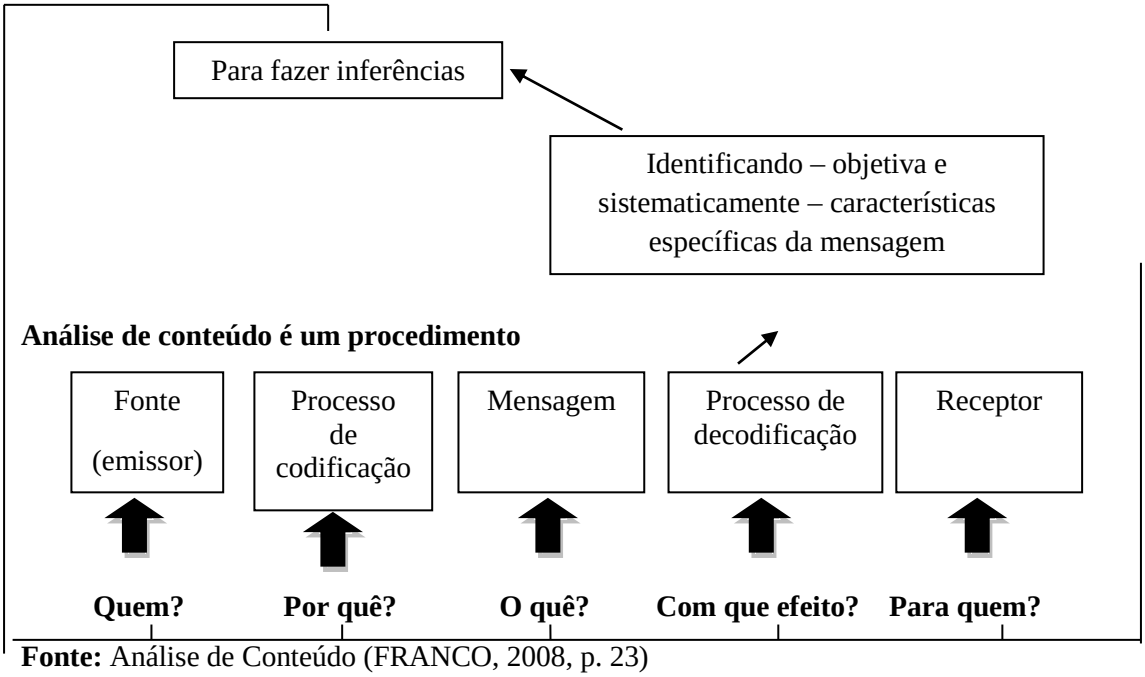
Para Bardin (1979, p.42), a análise de conteúdo é:

> Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

Essa compreensão, apresentada por Bardin (1979), visa a substituir a leitura dita "normal" por uma que revela o que está latente, escondido na mensagem.

Como podemos observar na figura seguinte, a análise de conteúdo tem como ponto de partida a mensagem e, assim, como a tradução temos que responder: a quem? Por quê? O quê? Com que efeito? E para quem?

Figura 2 – Características da Análise de Conteúdo



Fonte: Análise de Conteúdo (FRANCO, 2008, p. 23)

Conforme registrado anteriormente, a análise de conteúdo (BARDIN, 1979; FRANCO, 2008) se inicia na mensagem. Tal mensagem, responde às perguntas da Figura 2: quem? Por quê? O quê? Com que efeito? Para quem? Tais perguntas servem para analisar as mensagens com o intuito de fazer inferências. Nesta pesquisa, por exemplo, fizemos inferências às características do curso, dos sujeitos, aos efeitos das respostas dos alunos nos questionários etc.

Por meio do objetivo inicial da pesquisa, compreender a influência da formação universitária na construção da prática tradutória, foram feitas as chamadas "leituras flutuantes", conforme Bardin (1979). Por meio de tais leituras, como as citadas no primeiro capítulo, além dos dados da CAPES, foram surgindo as hipóteses, que se definiram em nossos objetivos específicos e, por fim, a análise e interpretação dos dados.

A leitura flutuante, realizada a partir dos referenciais teóricos e dos dados coletados, possibilitou, primeiro, uma pré-análise; ou seja, a fase de organização do material que será analisado no capítulo posterior. Nesta perspectiva, foi um primeiro contato com o material coletado.

Este primeiro contato nos proporcionou conhecer os textos e os autores com os quais iríamos trabalhar e nos permitiu uma primeira impressão do material, que foi exatamente sobre a formação de tradutores.

Desse modo, pretendemos com a análise de conteúdo (BARDIN, 1979; FRANCO, 2008) e, a partir dos referenciais teóricos adotados, compreender o que está por detrás dos dados coletados por meio dos questionários. E, a partir do processo de codificação e decodificação (BARDIN, 1979; FRANCO, 2008), organizamos as falas dos sujeitos de pesquisa, ou seja, suas percepções a respeito da formação universitária e da prática tradutória em quadros relacionados com cada uma das questões elaboradas.

Nesta perspectiva, conforme os Quadros, os dados se apresentaram em oito eixos de análise, compreendendo: 1º a visão da formação universitária (Quadro 3); 2º os fatores relevantes para a formação universitária como tradutor (Quadro 4); 3º a experiência como tradutor, contribuindo com a respectiva formação (Quadro 5); 4º as percepções sobre o conceito de tradução (Quadro 6); 5º as percepções sobre o conceito de prática tradutória (Quadro 7); 6º as aulas práticas na formação universitária (Quadro 8); 7º a relação das aulas práticas e teóricas (Quadro 9); 8º as mudanças na concepção de tradução durante o curso (Quadro 10).

Ocorre que analisar tantos dados organizados dessa forma, do ponto de vista operacional, conforme afirma Franco (2008, p. 54), "gera uma tendência de se iniciar o trabalho, criando-se uma grande quantidade de categorias". Quando isso ocorre, segundo essa autora, "é importante encontrar alguns princípios organizatórios, que seriam as categorias mais *amplas* ou *molares*, para depois classificar os indicadores (categorias *moleculares*) em módulos interpretativos menos fragmentados" (grifos da autora) (p. 54).

Com efeito, como nos ensina Bardin (1979) e Franco (2008), consideramos que esses eixos de análise nos levariam a, pelo menos, duas dimensões de análise, conforme descrevemos abaixo:

A **1ª dimensão** – *Formação universitária do tradutor* – que estaria reunindo as percepções de 18 sujeitos sobre a visão da formação universitária. Esta primeira dimensão integraria duas categorias de análise e suas respectivas unidades de sentido, tal como seguem:

1ª categoria de análise - *Fatores relevantes para uma formação de tradutores* -, que compreende as seguintes unidades de sentido: 1ª compreensão do texto; 2ª conhecimento cultural; 3ª conhecimento da língua materna; 4ª produção textual; 5ª fidelidade ao texto da língua inglesa; 6ª revisão de texto; e 7º experiências como tradutor; e a

2ª categoria de análise – *Os conceitos significativos para a formação de tradutores* -, abordando duas unidades de sentido: 1ª conceito de tradução; e 2ª conceito de prática tradutória.

A **2ª dimensão de análise** – *Prática tradutória* – que compreende duas categorias de análise:

1ª categoria de análise - *A relação teoria e prática* - que integra as seguintes unidades de sentido: 1ª aulas práticas na formação universitária; 2ª a relação das aulas práticas e teóricas; e 3ª mudanças na concepção de tradução durante o curso; e a

2ª categoria de análise - *As dificuldades no processo de tradução* -, que destaca, como unidade de sentido: a tradução dos sujeitos.

Essas dimensões de análise, categorias e unidades de sentido, fundamentadas nos referenciais teóricos introduzidos no Capítulo 1, assim como em Bardin (1979) e Franco (2008), estruturam o Quadro 2, a seguir:

Quadro 2 – Das dimensões de análise, categorias e unidades de sentido

Dimensões de Análise	Categorias de Análise	Unidades de Sentido
Formação universitária do tradutor	1ª Fatores relevantes para uma formação de tradutores	• Compreensão do texto • Conhecimento cultural • Conhecimento da língua materna • Produção textual • Fidelidade ao texto da língua inglesa • Revisão de texto • Experiências como tradutor
	2ª Os conceitos significativos para a formação de tradutores	• Conceito de tradução • Conceito de prática tradutória
Prática tradutória	1ª A relação teoria e prática	• Aulas práticas na formação universitária • Relação das aulas práticas e teóricas • Mudanças na concepção de tradução durante o curso
	2ª As dificuldades no processo de tradução	• A tradução dos sujeitos

Fonte: Dados obtidos por meio do Questionário.

Dessa forma, a análise que propomos, a seguir, tem a pretensão, como diria Abdalla (2006, p. 106), de pensar a formação universitária do tradutor e a prática tradutória como um "processo de aprendizagem, de conhecimento, de formação e desenvolvimento profissional".

CAPÍTULO III

ANALISANDO A FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA NA CONSTRUÇÃO DA PRÁTICA TRADUTÓRIA SOB A ÓTICA DOS ALUNOS

A tarefa da análise implicou, num primeiro momento, na organização do material que já havia sido coletado. Dividimos os questionários em partes, ou seja, em questões, e tabulamos as respostas dos sujeitos desta pesquisa.

Conforme a pesquisa foi se desenvolvendo, surgiram algumas ideias sobre as formas de analisar o que foi captado. Para apresentar os dados de uma forma clara, fizemos a revisão de nossas ideias iniciais e as repensamos para que pudéssemos ultrapassar a mera descrição dos dados.

Apresentaremos, então, os dados obtidos por meio dos dois questionários aplicados aos alunos do último ano do curso de Tradutor, optando por manter as tabelas inseridas no texto para que as respostas dos sujeitos pudessem ser visualizadas e compreendidas por meio de duas dimensões de análise.

A *primeira* dimensão - a *formação universitária do tradutor* -, que estaria reunindo as percepções dos 18 sujeitos sobre a visão da formação universitária, acentuando os fatores relevantes para esta formação e os conceitos significativos. E a segunda dimensão – a *prática tradutória* – considerando as percepções destes alunos a respeito da relação teoria e prática e, especialmente, em torno das dificuldades no processo tradutório.

Chamo atenção novamente para o fato de que os Questionários foram transcritos fielmente às respostas dos alunos, não havendo, portanto, correção ortográfica. Cada item, a partir de agora, será iniciado e estará relacionado com uma fala de algum dos 18 sujeitos que responderam ao Questionário 1.

3.1 A formação universitária de tradutores (1ª dimensão de análise)

> (...) durante o curso aprendemos a utilizar ferramentas de tradução que auxiliam o trabalho do tradutor e também aprendemos onde pesquisar determinados assuntos e ainda nos é fornecido teorias de tradução. (Aluno K).

Neste item veremos a formação universitária de tradutores como a primeira dimensão de análise e suas categorias de análise. A primeira são os *fatores relevantes para a formação de tradutores*. Guiamo-nos por Brezolin (2003): quando enfatiza que, na sala de aula, "o professor pode, dependendo de como organizar sua aula, colocar o aluno diante de várias situações pelas quais muitos tradutores profissionais passam no seu dia-a-dia" (2003, p. 140).

Tais situações foram tidas como exemplo para que pudéssemos elaborar as unidades de sentido: 1ª compreensão do texto; 2ª conhecimento cultural; 3ª conhecimento da língua materna; 4ª produção textual; 5ª fidelidade do texto da língua inglesa; 6ª revisão de texto; e 7ª experiências como tradutor.

A segunda categoria de análise em relação à formação universitária se traduz nos *conceitos significativos para a formação de tradutores*, que compreende duas unidades de sentido: o *conceito de tradução* e o *conceito de prática tradutória.* Tais conceitos são fundamentais para a compreensão da formação universitária do tradutor, porque como revelam Becher, Frota e Martins (1989), são eles que levam o aluno:

> (...) a pensar sobre o que é traduzir, procurando conscientizá-lo de que esta atividade nada tem de mecânico, mas, ao contrário, é de uma complexidade que não pode ser desprezada (BECHER, FROTA, MARTINS, 1989, p. 74).

Este aspecto teórico é significativo para os alunos, que, primeiramente, se envolvem com conceitos que serão praticados ao longo do curso. E tendo a consciência dos conceitos como o da *tradução* e o da *prática tradutória*, o aluno ampliará suas habilidades para o desempenho de uma boa prática.

A seguir, analisaremos o Questionário 1 (APÊNDICE 2), que é dividido em quadros e transcritos fielmente em relação à ortografia, à pontuação, e à escrita dos sujeitos desta pesquisa.

Nesta perspectiva, apresentaremos o Quadro 3 – *A visão da formação universitária segundo os dezoito sujeitos* – porque, primeiro, tínhamos a intenção de verificar as percepções desses alunos (futuros tradutores) sobre a formação universitária.

Quadro 3 – A visão da formação universitária segundo os dezoito sujeitos

Como você vê a formação universitária do tradutor? Você acha importante?	
Aluno A	"A formação universitária do tradutor na Universidade *X* é rígida. Bastante teoria no começo e prática real agora no final. Acho isso muito importante por que nos prepara para o mundo (mercado de trabalho), mas temos uma margem de erro".
Aluno B	"Sim. A formação universitária, além de ser um diferencial para um tradutor, ensina e mostra teórica e prática sobre o que iremos enfrentar no mercado de trabalho".
Aluno C	"A formação do tradutor é muito importante, pois, durante o curso aprendemos questões técnicas que facilitam nosso trabalho, além de termos contato com profissionais de diversas áreas da tradução, que podem nos esclarecer dúvidas e nos deixar mais seguros em relação a área que escolhermos seguir".
Aluno D	"Acredito que sim. O mercado atualmente está "dominado" por profissionais que não tem a formação de tradutor, por ser um curso novo".
Aluno E	"Como um ponto de partida que coloca o indivíduo ligeiramente à frente da concorrência no mercado de trabalho. Não muito, conhecimento profundo das línguas é de uma relevância muito maior".
Aluno F	"Eu acho muito importante. Na faculdade o aluno futuro tradutor aprende mais técnicas e aprimora seu conhecimento com professores que têm experiências".
Aluno G	"Sim, importante para conhecer um pouco mais da profissão e do que o mercado precisa, porém hoje no 5º semestre não vejo como uma necessidade a formação em faculdade".
Aluno H	"Acredito que a formação do tradutor em uma universidade é muito importante, pelo fato de que ele possa ter uma base maior sobre o assunto e pode sair mais preparado para o mercado de trabalho".
Aluno I	"Com certeza a tradução tem fundamental importância para a aproximação de culturas, portanto, sim, é importante".
Aluno J	"Sim, é importante para o tradutor obter conhecimento sobre os problemas e sobre as matérias que irá lidar no campo".
Aluno K	"Sim, acho importante, pois durante o curso aprendemos a utilizar ferramentas de tradução que auxiliam o trabalho do tradutor e também aprendemos onde pesquisar determinados assuntos e ainda nos é fornecido teorias de tradução".
Aluno L	"Eu acho a formação necessária, pois como o ensino que os professores nos passa, tanto teórico como prático, conseguimos entender melhor a arte de traduzir".

Aluno M	"Como uma profissão interessante e ao mesmo tempo difícil, mas que talvez no futuro, seja ainda mais complicado de conseguir um emprego, devido às evoluções tecnológicas que podem vir a tentar substituir o trabalho humano".
Aluno N	"Sim, o tradutor necessita de diversos conhecimentos para que possa exercer a profissão".
Aluno O	"Eu acho importante a formação universitária, mas também acho ela um pouco curta e não é completamente necessária".
Aluno P	"Vejo como uma forma técnica para o tradutor aprender a fazer o seu trabalho. Sim acho importante".
Aluno Q	"Sim, por ser uma área na qual aprendemos as origens dos idiomas, costumes de outros países, as origens de diversas palavras, etc".
Aluno R	"Vejo como uma profissão bela. Sim".

Após o levantamento dos dados referentes à primeira pergunta, pudemos observar que 88,2% dos sujeitos, em questão (16), consideram que a formação universitária do tradutor é importante.

O fato de pessoas se julgarem falantes de uma língua não as torna aptas a fazer uma tradução, conforme mencionamos no Capítulo 1, pois há certas crenças ou "crendices" em relação à atividade tradutória. E esta é uma delas, achar que a tradução é uma atividade que requer apenas um conhecimento da língua e um bom dicionário é uma das crenças mais divulgadas sobre tradução segundo Alves, Magalhães e Pagano (2011).

Os autores afirmam que teóricos e pesquisadores referem-se ao que se chama de "competência tradutória", que pode ser definida como "todos aqueles conhecimentos, habilidades e estratégias que o tradutor bem-sucedido possui e que conduzem a um exercício adequado da tarefa tradutória" (ALVES et al, 2011, p.12-13).

Um curso universitário possibilita ao aluno o contato com as duas línguas estudadas. O tradutor deve compreender que o conhecimento não envolve apenas o conhecimento das línguas estudadas (ARROJO, 1993). Destacamos, também, outras questões, como: a ampliação do conceito do que seja traduzir; o papel do tradutor; o funcionamento das estruturas linguísticas; as funções da linguagem; o conceito de prática tradutória; a aquisição de conhecimentos teóricos; e outros requisitos básicos para uma boa formação.

Além dos fatores citados anteriormente, o aluno aprenderá aspectos semânticos ligados à significação das palavras. Afinal, uma tradução não é limitada e esse limite é muito mais difícil de estabelecer quanto parece. Uma única palavra não está ligada a um

único significado e sentido, pois há inúmeras possibilidades de tradução de um determinado texto.

Portanto, a formação universitária do tradutor é essencial para que estes fatores sejam absorvidos e praticados pelos alunos mesmo durante o curso, pois serão exigidos, posteriormente, no mercado de trabalho, que está cada vez mais exigente. Neste sentido é que consideramos fundamental saber dos estudantes quais seriam, segundo eles, os fatores relevantes para a formação dos tradutores, conforme a 1ª categoria de análise, que definimos a seguir.

3.1.1 Dos fatores relevantes para a formação de tradutores (1ª categoria de análise)

> A compreensão textual da língua inglesa é um fator significativo porque a qualidade do nosso trabalho, de forma geral, depende de quanto somos capazes de entender daquilo que nos propomos a traduzir. Sem dúvidas, a universidade nos fez compreender a importância de tal fator (Aluno C).

A *segunda* e *terceira* pergunta do Questionário – *Selecione o fator mais significativo na sua formação como tradutor e justifique* – mostrava aos sujeitos alguns fatores importantes da prática tradutória, como dito no Capítulo 1. Dentre eles, destacamos, no âmbito da 1ª categoria de análise, conforme Bardin (1979), as seguintes unidades de sentido: 1ª compreensão do texto na língua inglesa; 2ª conhecimento cultural; 3ª conhecimento da língua materna; 4ª produção textual; 5ª fidelidade ao texto da língua inglesa; 6ª revisão do texto; e 7ª experiências como tradutor.

Além dessas unidades de sentido, a partir das percepções dos estudantes a respeito de quais seriam os *fatores mais relevantes para a formação de tradutores*, foi deixado um espaço no Questionário, caso houvesse outro tipo de fator que os sujeitos julgassem mais importante do que os mencionados.

Foi pedido, então, para que eles selecionassem um ou mais fatores que fossem os mais significativos na formação como tradutor e, depois, para que eles justificassem a importância dada ao(s) fator(es) selecionado(s). A seguir, veremos, no Quadro 4, os fatores selecionados e as justificativas que os sujeitos deram à seleção:

Quadro 4 – Fatores relevantes dentro da formação universitária

Selecione qual foi o fator mais significativo na sua formação como tradutor. Justifique a importância dada ao fator acima e explicite onde você aprendeu tal fator (ex.: universidade, experiência profissional etc.).		
Aluno A	Fidelidade ao texto na Língua Inglesa	"Para pessoas externas, o tradutor só passa de uma língua para a outra, só que não é assim que funciona. Para a tradução de um texto é necessário ser fiel, o tradutor precisa se manter invisível e coerente. Isso, eu aprendi na universidade".
Aluno B	Produção Textual Conhecimento da Língua Materna	"Após começar a trabalhar como tradutor percebi a real importância do 'aprender a escrever de forma correta'. Conhecendo nossa língua materna podemos aproximar e abranger nosso conhecimento, transformando-o em algo mais amplo quando traduzimos para outras línguas".
Aluno C	Compreensão do texto na Língua Inglesa	"A compreensão textual da língua inglesa é um fator significativo porque a qualidade do nosso trabalho, de forma geral, depende de quanto somos capazes de entender daquilo que nos propomos a traduzir. Sem dúvidas, a universidade nos fez compreender a importância de tal fator".
Aluno D	Compreensão do texto na Língua Inglesa	"Acredito que todos estão interligados e quanto maior for o conhecimento nesses campos, melhor será a qualidade da tradução. (Para mim, esse fator foi aprendido na universidade)".
Aluno E	Fidelidade ao texto na Língua Inglesa	"Ao estudar tradução, suas teorias, pude perceber a preciosidade e ao mesmo tempo dificuldades ligadas à fidelidade. Esse é o fator mais interessante da área que pude por em perspectiva com o estudo".
Aluno F	Compreensão do texto na Língua Inglesa	"Para ser um bom tradutor é necessário conhecer e entender o texto a ser traduzido. Aprendi a compreender textos em língua inglesa em um curso de inglês".
Aluno G	Produção Textual Compreensão do texto na Língua Inglesa Fidelidade ao texto na Língua Inglesa Conhecimento da Língua Materna	"Na universidade percebemos a extrema importância do conhecimento profundo da língua materna".

Aluno H	Conhecimento Cultural	“ Acredito que quanto mais se sabe sobre o país, cuja língua está sendo traduzida em algum texto ou artigo, melhor para entender sobre aquela cultura e assim poder traduzir de maneira fiel sem afetar o sentido original do texto. Aprendi na Universidade e através da internet e experiências pessoais”.
Aluno I	Conhecimento Cultural	“Com certeza conhecimento cultural é o fator mais importante pois sem ele não faríamos textos claros, fluídos e com o paralelismo necessário para a compreensão dos textos. Tal fator foi aprendido com experiências profissionais”.
Aluno J	Conhecimento da Língua Materna	“É importante para saber sobre qual assunto está se abordando, e como utilizar a gramatica adequadamente”.
Aluno K	Produção Textual Compreensão do texto na Língua Inglesa Revisão de Texto Conhecimento Cultural Conhecimento da Língua Materna	“Acredito que produção textual, compreensão do texto na língua inglesa, conhecimento cultural e conhecimento da língua materna são fatores importantes, pois precisamos compreender o texto original para poder traduzi-lo e ao traduzirmos um texto estamos o reescrevendo e passando conhecimento a outras pessoas e é claro revisar um texto é sempre bom”.
Aluno L	Revisão de Texto Conhecimento Cultural	“É muito importante os textos serem revisados, pois os textos devem ser o mais perfeito possível. E o conhecimento cultural é preciso para um melhor entendimento do texto que será traduzido”.
Aluno M	Conhecimento Cultural Outros: Prática de Laboratório e experiência do professor	“É uma maneira de testar as teorias e ver o que dá certo ou não. Quem melhor do que alguém que trabalha na área e tem experiência, pra dizer como que a coisa funciona na vida real?”
Aluno N	Compreensão do texto na Língua Inglesa	“O fator mais significativo na formação de um tradutor é a compreensão do texto na língua inglesa, pois o tradutor deve compreender a mensagem do texto na língua de chegada, para que possa transmitir a ideia original em sua língua materna”.
Aluno O	Produção Textual	“Não basta apenas conhecer as duas línguas, saber escrever um texto é fundamental. Eu aprendi na escola, mesmo”.
Aluno P	Compreensão do texto na Língua Inglesa	“Com a compreensão do texto na língua inglesa você junta todos os outros fatores relevantes ao trabalho do tradutor, aprendi na universidade”.

Aluno Q	Conhecimento da Língua Materna	"Aprender este fator foi de extrema importância para mim, pois pude conhecer a origem e as características de alguns idiomas, na universidade".
Aluno R	Compreensão do texto na Língua Inglesa	----------

Como podemos observar, dos dezoito sujeitos, que responderam ao questionário, oito deles (Alunos C, D, F, G, K, N, P e R) acreditam que o fator mais importante, dentro da formação universitária do tradutor, é a "Compreensão do texto na Língua Inglesa".

Dentre as respostas sobre a "Compreensão da Língua Inglesa" (1ª unidade de sentido), os alunos consideram como fator determinante a capacidade de compreender bem o texto, afetando a qualidade na tradução. Por exemplo, o "Aluno C" respondeu que: "A compreensão textual da língua inglesa é um fator significativo, porque a qualidade do nosso trabalho, de forma geral, depende de quanto somos capazes de entender daquilo que nos propomos a traduzir. Sem dúvida, a universidade nos fez compreender a importância de tal fator" (QUADRO 4). Esta é uma etapa bastante importante dentro da prática tradutória, pois dela depende a produção escrita. Brezolin (2003) afirma que:

> (...) É nesse momento, então, que o tradutor entra em contato com o texto e deve compreendê-lo a fundo. (...) O tradutor deve ter em mente que precisará produzir um texto em L1; assim, sua leitura deve ser intensiva, aquela que é mais minuciosa e envolve a compreensão de detalhes. (BREZOLIN, 2003, p. 140)

Apesar de o primeiro contato com a língua inglesa ser um fator significativo, acreditamos que, a partir desta leitura, deverá ser produzido um texto em língua portuguesa significativo para que ocorra a compreensão do mesmo por parte dos leitores.

Segundo o pesquisador, entretanto, não se dá a devida atenção a essa etapa. O que pode diretamente refletir na prática tradutória e no resultado da tradução, pois, dentro de sala, o professor, muitas vezes, não tem tempo para poder passar por todos os fatores sugeridos na pesquisa. E, então, prefere ver o texto traduzido, para que possam

ser debatidas as dificuldades encontradas pelos alunos frente a determinado termo ou expressão.

A 2ª unidade de sentido - *Conhecimento Cultural* – foi destacada por cinco (5) estudantes, que enfatizaram a necessidade de saber mais sobre a cultura do contexto que se vai traduzir. Dois destes estudantes destacaram que é preciso saber mais "sobre o país, cuja língua está sendo traduzida em algum texto ou artigo" (ALUNO H); ou seja, "o conhecimento cultural é preciso para um melhor entendimento do texto que será traduzido" (ALUNO I). Como enfatiza Brezolin (2003), o tradutor tem que possuir um conhecimento sociolinguístico, ou seja, saber reconhecer os traços culturais contidos nas variedades linguísticas, reconhecer, assim, as linguagens urbanas e rurais, dialetos, entre outras. Então, inferimos que os alunos ainda precisam levar mais a sério o conhecimento cultural que se deve possuir ao fazer uma tradução.

A 3ª unidade de sentido – *Conhecimento da língua materna* – foi revelada por cinco (5) sujeitos. Dentre os aspectos, para conhecer a língua materna, os sujeitos indicam: "a real importância do 'aprender a escrever' de forma correta" (ALUNO B); "na universidade, percebemos a extrema importância do conhecimento profundo da língua materna" (ALUNO G); " pois pude conhecer a origem e as características de alguns idiomas na universidade" (ALUNO Q).

Essas colocações vêm reforçar as palavras de Brezolin (2003, p. 143), quando afirma que o tradutor deve possuir conhecimento "a respeito dos elementos que compõem os sistemas linguísticos envolvidos na tradução, que incluem, entre outras coisas, ortografia, acentuação, fonologia, classes gramaticais, morfologia, tipos de orações e períodos, pontuação, figuras de sintaxe, retórica etc.".

A 4ª unidade de sentido – *Produção textual* – foi abordada por quatro (4) estudantes. Entre as falas, destacamos: "(...) ao traduzirmos um texto, estamos o reescrevendo e passando conhecimento a outras pessoas..." (ALUNO K); e "não basta apenas conhecer as duas línguas, saber escrever um texto é fundamental" (ALUNO O). Notamos que, quando os alunos se reportam à produção textual, indicam, principalmente, duas competências: a "competência comunicativa" e a "competência linguística", tal como afirma Hymes (1966). Ou seja, reafirmam a importância de se traduzir corretamente (com base na competência linguística), de modo a manter a comunicação com o outro (com base na competência comunicativa).

Outro fator bastante importante, de acordo com os sujeitos, é a *Fidelidade ao texto de língua inglesa* (5ª unidade de sentido), que, a nosso ver, é uma estratégia tradutória que pode ou não refletir uma certa ideologia. É difícil encontrar uma tradução puramente fiel.

Consideramos que não se pode falar em tradução sem falar de fidelidade. O texto, a ser traduzido, precisa ter algum aspecto que se assemelhe ao original, e, caso isso não ocorra, o texto traduzido pode ser considerado infiel, não suficiente. E não é difícil ver uma tradução infiel.

A questão da fidelidade na tradução, a nosso ver, muda através das épocas, pois depende da maneira que ela é posta: por quem, por quê, a quem, a quê?

Há certos valores, ideias e intenções, que estão na bagagem desses alunos e que impedem que uma tradução seja inteiramente fiel às supostas características do original.

Eco (2007) traz a questão da fidelidade como uma tendência a acreditar que a tradução "é sempre possível se o texto fonte for interpretado com apaixonada cumplicidade, é o empenho em identificar aquilo que, para nós, é o sentido profundo do texto e é a capacidade de negociar a cada instante a solução que nos parece mais justa" (p. 426). E, ainda, coloca que, entre os sinônimos de *fidelidade*, estão as palavras *lealdade, honestidade, respeito e piedade* (p. 426).

A 6ª unidade de sentido – *A revisão de texto* – apontada por dois (2) estudantes, reforça a necessidade de se rever o texto, para que seja "o mais perfeito possível" (ALUNO L). Ou, como destaca Brezolin (2003, p. 140), este é o momento de se fazer "um cotejo pormenorizado". Apesar desta unidade ser importante para a produção de textos, os alunos pouco a citaram. E, neste caso, seria preciso conscientizá-los da importância da revisão textual na formação como tradutores.

Houve um sujeito (Aluno M), que, além de selecionar, dentre os fatores citados, o "Conhecimento Cultural", acrescentou, em "Outros", o seguinte: "Prática de Laboratório e experiência do professor". Em sua justificativa, o aluno afirmou que esses dois conhecimentos juntos são uma maneira de testar as teorias, e "ver o que dá certo ou não", e ainda pergunta: "quem melhor do que alguém que trabalha na área e tem experiência, pra dizer como que a coisa funciona na vida real?" (QUADRO 4, Aluno M). Esta categoria "Outros" foi dada aos alunos, para que se sentissem à vontade em acrescentar alguma etapa de sua prática, que não fossem as que nós sugerimos.

Se fôssemos seguir a uma ordem dada aos fatores da prática tradutória, escolhidos pelos sujeitos desta pesquisa, seria assim:

Compreensão do texto na Língua Inglesa (8)
Conhecimento Cultural (5)
Conhecimento da Língua Materna (5)
Produção Textual (4)
Fidelidade ao texto da Língua Inglesa (3)
Revisão de Texto (2)
Outros (1)

A ordem acima foi feita levando em conta, também, a ordem alfabética, já que alguns fatores foram igualmente selecionados.

A *quarta* pergunta questionou se os sujeitos têm experiência na área de tradução, que, apesar de não ser exigência nos cursos de tradução, é importante para "entrar no mercado de trabalho", já que a maioria das agências pede tradutores com experiência na área.

Poderemos observar, no Quadro 5, as respostas em relação às experiências destes alunos do último ano do curso de Tradução e Interpretação, que consideramos, também, como um dos fatores relevantes para a formação de tradutor sob a ótica dos estudantes. Vejamos os exemplos a seguir.

Quadro 5 – Experiência como tradutor

Você tem experiência como tradutor? Exemplifique.	
Aluno A	"Sim, eu faço estágio no setor de relações internacionais. Logo, entro em contato com universidades do exterior por telefone e e-mail. E ainda traduzo contratos e documentos relacionados a convênios".
Aluno B	"Trabalhei como interprete para intercambista no ensino médio, e atualmente trabalho como estagiário na CODESP traduzindo o acervo do museu do Porto de Santos para inglês e espanhol".
Aluno C	"Não, nunca tive nenhuma experiência profissional como tradutora".
Aluno D	"Fiz trabalhos de legendagem para uma empresa carioca e atualmente faço estágio em uma agência de intercâmbio traduzindo documentações, cartas e auxiliando os estudantes".
Aluno E	"Apenas um texto que fiz conta como experiência profissional".
Aluno F	"Fiz estágio no Museu do Café como educadora, atendendo o público de todas as idades, eu apresentava a história do Museu de Santos em português e muitas vezes vertia a explicação para inglês, para os turistas".
Aluno G	"Sim, especificamente como legendista".

Aluno H	“A experiência de tradutor somente durante as aulas no momento, mas como intérprete já tive uma experiência no estágio de interpretação consecutiva”.
Aluno I	“Sim tenho trabalhado há cerca de 2 anos na Codesp fazendo tradução do Museu do Porto e, ao mesmo tempo, comecei a trabalhar na Royal Caribbean há cerca de cinco meses”.
Aluno J	“Não”.
Aluno K	“Só nos exercícios propostos nas aulas”.
Aluno L	“Não. Apenas traduzo alguns textos na faculdade, nada profissional”.
Aluno M	“Não”.
Aluno N	“Sim, faço estágio em uma empresa, onde traduzo notícias”.
Aluno O	“Além dos trabalhos da faculdade eu fiz alguns testes de emprego”.
Aluno P	“Não”.
Aluno Q	“Sim, principalmente na tradução de textos da área médica”.
Aluno R	“Não”.

Analisando o Quadro 5, podemos perceber que os sujeitos, em questão, têm experiências das mais variadas, somente oito deles possui prática em tradução. Para um bom tradutor, além da formação universitária ser de extrema importância, como percebemos nesta pesquisa, uma formação paralela também é essencial. Segundo Hattnher (1990, p. 92), “a formação paralela significa a ampliação das possibilidades e potencialidades do tradutor, apenas delineadas e incentivadas durante o curso de graduação”.

Essa formação transforma o estudante em um profissional competente e experiente. Os estágios feitos por estes sujeitos são importantes para a construção do tradutor como um todo, fazendo com que eles pratiquem o que está sendo absorvido na universidade.

Podemos notar, com o Quadro 5, que a maioria dos alunos, conforme mencionamos anteriormente, não trabalha com tradução e parece que não considera que o estágio signifique “trabalhar com tradução” de fato.

Como estão no último ano, o estágio curricular supervisionado já deveria estar em andamento ou concluído, pois, como afirma o PPC, o estágio curricular supervisionado deverá ser cumprido em qualquer um dos quatro últimos semestres do curso, ou seja, a partir do 3º semestre, somando um total de 168 (cento e sessenta e oito) horas-relógio ou 202 (duzentas e duas) horas-aula.

Os alunos do curso de Tradutor poderiam ter em mente que, para se construir um bom profissional de tradução, faz-se necessário ter uma formação contínua; ou seja, ter

uma trajetória de aprendizado contínuo, seja pela prática, teoria ou mesmo pela experiência. Acreditamos que a formação contínua se acumula.

Entretanto, ainda, tecendo algumas reflexões sobre a formação universitária dos "futuros" tradutores, é importante, ainda, considerar as percepções dos estudantes sobre os conceitos que eles consideram significativos para a sua respectiva formação. Foi possível verificar dois conceitos: o da *tradução* e o da *prática tradutória*. Conceitos estes (ou unidades de sentido), que reforçam a segunda categoria que será analisada a seguir.

3.1.2 Dos conceitos significativos para a formação do tradutor (2ª categoria de análise)

> Tradução é a compreensão de textos em línguas estrangeiras e a passagem deles para a nossa língua (Aluno Q).
>
> Prática Tradutória é você pôr em prática o que exercerá no futuro (Aluno N).

Vimos, no Capítulo 1, alguns conceitos relacionados à tradução e à prática tradutória, que acabaram por se tornar nossas duas unidades de sentido para a dimensão de análise *formação universitária*.

Acreditamos que tradução é um tema que circula amplamente dentro de vários outros temas, não sendo assim, um conceito estático. Importante para um tradutor além de ter seu nível de idioma considerável, deve-se considerar uma operação de substituição centrada numa noção dinâmica de construção de sentido.

• **O conceito de tradução** (1ª unidade de sentido)

> Tradução é ampliar um assunto para diferentes tipos de pessoas, (incluindo socialmente) público e pensamentos. É um jeito de unir diferentes continentes referente à um assunto (Aluno B).

A partir desta citação sobre o conceito de tradução, veremos no próximo Quadro o que os alunos entendem por *tradução*. Nesta pergunta, eles poderiam expressar suas percepções sobre o conceito de tradução.

Quadro 6 – Conceito de tradução

O que é tradução para você?	
Aluno A	"Tradução para mim é não só a passagem de uma lingua para a outra, é também a cultura, temos que ser fieis e invisiveis. Fieis sempre e invisiveis quando possível, e respeitar o autor e a cultura ao máximo".
Aluno B	"Tradução é ampliar um assunto para diferentes tipos de pessoas, (incluindo socialmente), público e pensamentos. É um jeito de unir diferentes continentes referente à um assunto".
Aluno C	"Tradução envolve mais do que passar um texto de uma língua para outra. Envolve a ação importante de transmitir conhecimento e possibilitar a comunicação entre pessoas de diferentes lugares, culturas etc. Por isso é tão importante que nos empenhemos em realizar nosso trabalho da melhor forma possível".
Aluno D	"Trabalho de passar um material de um idioma para outro".
Aluno E	"É a transformação do meio de transporte de informação que mantenha essa mesma informação imitada da melhor maneira possível".
Aluno F	"Tradução é passar uma informação de uma língua para outra, fazendo com que o receptor entenda".
Aluno G	"Traduzir a cultura, língua e forma estrangeira para outra língua".
Aluno H	"Tradução para mim é algo que pode mostrar uma história de outra cultura sem afetar o sentido original e fazendo alterações na linguagem, a qual o livro está sendo traduzido e assim poder dar acesso àqueles que não têm base de outra língua além do português".
Aluno I	"Tradução é aproximação de culturas, é o *paralelismo* que nós acrescenta novas informações cada vez mais".
Aluno J	"Um modo de entrar em contato com uma das línguas mais utilizadas do mundo".
Aluno K	"Transmissão de conhecimento".
Aluno L	"Passar um livro de língua estrangeira para nossa língua materna".
Aluno M	"Transmitir a mensagem do ponto de partida, de forma clara e mantendo a essência, ao ponto de chegada".
Aluno N	"Tradução, para mim, é você transmitir a mensagem que o autor quis passar, a intencionalidade do texto, sempre tentando manter a ideia do texto original".
Aluno O	"A tentativa de unir duas línguas, distribuir um conto para mais pessoas".
Aluno P	"Transformar a informação de uma língua para outra".
Aluno Q	"É a compreensão de textos em línguas estrangeiras e a passagem deles para a nossa língua".
Aluno R	"Tradução é transferir a mensagem de uma língua de partida para língua de chegada".

Como podemos observar muitos dos sujeitos desta pesquisa, apesar de estarem cursando o último ano de Tradução, ainda não têm bem definido o que seja traduzir. Como alguns deles colocam, a tradução é: "ampliação de um assunto" (Aluno B); "transmissão de conhecimento" (Aluno C); "passagem de um material para outro idioma" (Aluno D); "passagem de uma informação, fazendo com que o receptor entenda" (Aluno F); "mostrar uma história de outra cultura sem afetar o sentido,

fazendo alterações na linguagem" (Aluno H); "aproximação de culturas" (Aluno I); "passagem de um livro para nossa língua materna" (Aluno L); "transmissão da mensagem do ponto de partida, mantendo a essência" (Aluno M); "a tentativa de unir duas línguas" (Aluno O); "transformar a informação de uma língua para outra" (Aluno p); "compreensão de textos em línguas estrangeiras" (Aluno Q).

Embora algumas dessas definições estejam dentro do que nós tradutores compartilhamos, muitas delas são crenças, que poderiam ter sido mais bem absorvidas nas aulas durante o curso de Tradutor. Portanto, conscientizar-se da complexidade desta arte é um processo que deveria ser mais bem feito pelos alunos.

Acreditamos que, além de os alunos conscientizarem-se da complexidade de sua profissão e aperfeiçoarem certos conceitos na formação profissional, é na formação universitária que os alunos desenvolverão as habilidades para traduzir. Fica, então, evidente, que as instituições universitárias, que abrigam cursos de Tradução, têm um papel fundamental na construção de um bom tradutor.

Concordamos com Aubert (1989), que acredita que "não será o tradutor, assoberbado por prazos insanos, por textos os mais disparatados, que poderá, sozinho, encaminhar as soluções" (p.15). Em seu texto, a respeito dos cursos universitários de tradução, ele revela que estes cursos podem e devem propor os modelos teóricos da prática. Para isso, é preciso desenvolver a pesquisa pedagógica, produzir materiais de apoio e recursos metodológicos, no sentido de "estreitar a relação entre a teoria e a prática, entre a academia e a profissão, integrando a todos os agentes da tradução nos esforços que, em última análise, beneficiarão a todos, e à comunidade em geral" (p. 15).

Além de Aubert (1989), Rónai (1981) afirma que, quando as pessoas pensam em tradução, e aqui nos reportamos às definições dos alunos a respeito do que é a tradução, fazem a ideia de uma atividade mecânica em que um indivíduo, que é conhecedor de duas línguas, vai, simplesmente, substituindo uma palavra por outra.

Na realidade, como explica Rónai (1981, p. 17), "as palavras não possuem sentido isoladamente, mas dentro de um contexto, e por estarem dentro desse contexto". Ou seja, não basta traduzir palavra por palavra as frases de um texto, e sim ver em que contexto tais palavras estão inseridas, para que assim possam ser traduzidas adequadamente.

A tradução em si é muito mais do que conceituam os alunos, como, por exemplo, a passagem de um texto. E Rónai (1981, p. 50) levanta uma questão

importante dentro do conceito do que é *traduzir*, e, neste sentido, "(...) salienta uma das mais importantes razões de ser da tradução: permitir às pessoas formular ideia sobre a maneira de viver e de sentir das que vivem noutras partes do mundo".

Como vimos, no Quadro 6 anterior, os alunos ainda não têm uma opinião correta do que seja sua tarefa; ou seja, não definem a tradução adequadamente. Neste sentido, então, observamos, no Quadro 7, a seguir, outro fator importante para a formação universitária do tradutor, que é justamente o conceito de "prática tradutória".

• **O conceito de prática tradutória** (2ª unidade de sentido)

> Prática tradutória são aulas práticas relacionadas à trabalhos de tradução (Aluno D)

Seguindo com a 2ª unidade de sentido dentro da categoria de análise referente aos conceitos significativos para a formação de tradutores está a *prática tradutória.*

A prática tradutória, para nós, envolve processos mentais são habilidades que nós, tradutores, utilizamos para traduzir. Corrêa e Neiva (2000) afirmam que o processo tradutório "incluirá estratégias discursivas de naturezas diferentes, todas elas relevantes para o alcance final do objetivo do tradutor" (p.36). Estas estratégias ocorrem durante a prática tradutória, quando o tradutor se depara com uma dificuldade, buscando soluções a um problema específico de tradução.

Importante para o aluno é saber o que significa sua prática e o que está envolvida nela, para que saiba quais os problemas tradutórios, que ocorrem durante a realização da prática tradutória, e saber como buscar soluções para estas dificuldades.

A seguir, apresentaremos o Quadro de respostas dos alunos sobre *o que* eles entendem e *como* eles veem a prática tradutória.

Quadro 7 – Conceito de prática tradutória

O que você entende por "prática tradutória"?	
Aluno A	"A prática tradutória é o que nós tradutores profissionais iremos praticar quando numa empresa utilizar todas as ferramentas disponíveis para fazer o nosso trabalho o melhor possível".
Aluno B	"É um ensaio para o mercado de trabalho. Como não saímos preparados para trabalhar quando saímos do colégio, estudar e treinar tradução é um jeito prático para começar a vida real".
Aluno C	"A prática tradutória envolve o ato de traduzir em si, independentemente do meio utilizado, escrito, falado etc.".
Aluno D	"Aulas práticas relacionadas à trabalhos de tradução".
Aluno E	"Desde a tradução textual ou oral até o simples ato do compreender uma língua estrangeira".
Aluno F	"Eu entendo que prática tradutória é quando o tradutor vai além. Por exemplo quando se está assistindo um filme em inglês e se consegue traduzir mentalmente".
Aluno G	"Tudo o que um tradutor necessita para exercer sua função".
Aluno H	"Acredito que prática tradutória seja aquela que praticamos todos os dias no nosso ambiente de trabalho, universidade ou até mesmo na vida social".
Aluno I	- - - - - - - - - - - -
Aluno J	"Exercer a prática ensinada ao longo da faculdade, podendo colocar em prática o que foi absorvido".
Aluno K	"Entender um texto em sua língua de origem e conseguir transmitir toda a informação contida nesse texto para a língua alvo".
Aluno L	- - - - - - - - - - - - -
Aluno M	"Prática na área da tradução (?)".
Aluno N	"É você por em prática o que exercerá no futuro".
Aluno O	"Utilizar tudo que engloba a profissão de tradutor".
Aluno P	- - - - - - - - - - - - -
Aluno Q	"Mesma resposta da questão anterior".
Aluno R	"Prática de tradução".

Assim, como nas respostas à pergunta anterior "O que é tradução para você?", os estudantes não têm bem definido o que seja traduzir, nem sabem o que significa a sua prática e, consequentemente, seu papel como tradutor.

Podemos observar que três deles não responderam à pergunta do quadro anterior. Em algumas definições, a prática tradutória é: "o que nós, tradutores, profissionais iremos praticar" (Aluno A); "um ensaio para o mercado de trabalho" (Aluno B); "tudo o que o tradutor necessita para exercer sua função" (Aluno G); "exercer a prática ensinada ao longo da faculdade" (Aluno J); "prática de tradução" (Aluno R).

A complexidade da prática tradutória envolve muitos aspectos relacionados à produção e recepção de textos. Podem ser realizadas diferentes traduções de um mesmo original de acordo com os objetivos pretendidos e outros fatores previamente

explicitados no capítulo Estudos da Tradução, como a compreensão do texto em Língua Inglesa, revisão etc.

Conforme já mencionado, ao longo da pesquisa, a prática tradutória envolve muito mais habilidades do que os alunos pensam, pois não é qualquer transferência de material de uma língua para a outra. Esta é uma prática que envolve riscos como a perda de sentido, da essência do texto, e também, da riqueza de detalhes.

É interessante discutir em sala as etapas desse processo que é a prática tradutória, com os alunos dentro das aulas de Teoria e Prática, assim como nas aulas de áreas específicas. Como, por exemplo, colocar em debate a tradução de textos jornalísticos, ambientais, médicos, midiáticos e literários. Nessa direção, Becher, Frota e Martins (1989, p.74) consideram que são fatores responsáveis da prática tradutória: "(...) ler o texto de partida, identificar e resolver as dificuldades, empreender a tradução propriamente dita e efetuar revisões cuidadosas, a princípio cotejando-a com o original e, posteriormente, colocando-se na posição de um leitor crítico e distanciado do texto".

Inicialmente, os professores poderiam fazer o aluno pensar sobre o que é traduzir, conscientizando-o de que esta atividade nada tem de mecânica, e sim é de uma complexidade que não pode ser desprezada, exercendo um papel mais direto no ensino e aprendizagem da prática tradutória. Pensar em tradução é refletir acerca dos diferentes idiomas que possam ser trabalhados, suas diferenças culturais, sociais, linguísticas etc.
E pensar na formação universitária de tradutor é, sobretudo, refletir sobre o conceito de prática tradutória a fim de concretizá-la da melhor maneira possível. Tendo em vista essas colocações, trataremos, no próximo item, da 2ª dimensão de análise: a prática tradutória.

3.2. A prática tradutória (2ª dimensão de análise)

Esta segunda dimensão de análise será composta por duas categorias. A primeira denominada a *relação teoria e prática*, que compreende três unidades de sentido: 1ª aulas práticas na formação universitária; 2ª relação das aulas práticas e teóricas; e 3ª mudanças na concepção de tradução durante o curso. E a segunda categoria de análise: *as dificuldades no processo tradutório*, tendo como unidade de sentido a *tradução dos sujeitos* envolvidos no Questionário 2.

A categoria de análise - Relação teoria e prática -, adotada em algumas perguntas relativas ao Questionário, surgiu de vários textos escritos por Darin (1997, 1998), em que relata e desenvolve suas pesquisas em relação à disciplina de Prática da Tradução, onde leciona (PUC/SP).

Em 1997, em *Pesquisa em sala de aula: a prática da tradução na prática*, a autora coloca em evidência a relação que há entre teoria e prática de tradução, sugerindo que há sobre o processo de ler, escrever e traduzir, uma "série de conceitos, a nosso ver equivocados" (p.127).

Para uma prática tradutória adequada devemos ter em mente que é extremamente importante que o aluno tenha bem definido estes conceitos (tradução e prática tradutória).

Introduzindo a segunda dimensão de análise, o Quadro, a seguir, nos traz a *relação teoria e prática* pelo olhar dos alunos.

3.2.1 Da relação teoria e prática (1ª categoria de análise)

> (...) sentir o que os teóricos escrevem sobre as várias facetas da tradução é verdade ou não, é útil ou não, é interessante (Aluno E).

A *relação teoria e prática*, nos cursos de formação de tradutores vêm sendo pesquisada para colocar em evidência a real relação que existe entre elas. Darin (1997) sugere, a partir de uma pesquisa feita com alunos de Tradução da PUC de São Paulo, que entre a teoria e prática da tradução, encontram-se vários conceitos equivocados sobre o processo de ler, escrever e traduzir. Entretanto, aqui, o nosso objetivo é identificar, nos registros dos estudantes, como eles percebem esta relação teoria e prática em seu processo de formação como tradutores.

Foi possível, então, identificar três unidades de sentido (BARDIN, 1979), que descrevemos, a seguir, indicando que elas se complementam.

- **Aulas práticas na formação universitária** (1ª unidade de sentido)

> Na minha opinião, as aulas práticas são muito mais úteis que as teóricas. A presença de um supervisor que já tem experiência nos momentos tradutórios iniciais do indivíduo ajudam muito (Aluno E).

As aulas práticas na formação de tradutores são importantes para que os alunos comecem a se familiarizar com o cotidiano de um tradutor profissional. Mas, do ponto de vista didático, passar por todas as etapas do processo tradutório durante a prática é um desafio.

Em sala de aula, muitas vezes, como afirma Brezolin (2003), o professor não tem tempo de passar por todas as etapas de maneira "clara e detida" (2003, p. 139). Concordamos com o autor, quando este afirma que a sala de aula, "situação privilegiada pela mediação do professor, deve, no entanto, ser vista como um laboratório onde o professor experimenta diversas estratégias, visando à qualidade" (p.139).

Após as perguntas mais "abertas", começamos a entrar na questão da prática tradutória e teoria na Universidade. Então, a *quinta* pergunta foi exatamente sobre as aulas de prática, conforme Quadro 8 a seguir.

Quadro 8 – Aulas práticas na formação universitária

Como você acha que as aulas de prática ajudam na sua formação?	
Aluno A	"Tradução e Interpretação se aprende com experiência, por isso acho que as aulas práticas são muito importantes e úteis".
Aluno B	"As informações dadas em sala de aula foram uteis quando traduzimos textos do português para o inglês. Além disso, as aulas dadas pela Profa. Rose Marie foram as mais úteis pois se enquadra na vida cotidiana".
Aluno C	"Sem dúvida, pois com as aulas práticas nos sentimos mais preparados para enfrentar situações reais, qual diversos contratempos poderiam aparecer".
Aluno D	"Fazem nos aproximar da situação real em trabalhos de tradução".
Aluno E	"Na minha opinião, as aulas práticas são muito mais úteis que as teóricas. A presença de um supervisor que já tem experiência nos momentos tradutórios iniciais do indivíduo ajudam muito".
Aluno F	"Nas aulas de prática, o aluno tende a perder a vergonha (interpretação simultânea) e pratica bastante quando faz traduções e versões de texto".
Aluno G	"Ajudam a entender o funcionamento de cada área da profissão".
Aluno H	"As aulas de prática ajudam muito, pois fazem com que nos esforcemos a cada dia, elas fazem os alunos a praticarem cada vez mais e melhorar no dia-a-dia".
Aluno I	"Com certeza são as aulas que mais nos aproximam com o realismo do cotidiano do tradutor com a facilidade de termos professores que nos tutoram e tiram nossas dúvidas".
Aluno J	"Ajudam a saber lidar com problemas que iremos enfrentar e sobre como devemos lidar para cada situação".
Aluno K	"Aprendemos a importância de uma boa pesquisa durante as aulas e que não se deve confiar em um texto que pareça muito fácil logo de primeira, pois palavras que já conhecemos podem ter significados diferentes. Foi importante também conhecer as diversas áreas da tradução como tradução literária e tradução técnica e aprender as diferenças entre os dois tipos de tradução".
Aluno L	"Ajudam pois os professores nos fazem praticar nos inglês e conhecimento da cultura".

Aluno M	“Ajudam a entender melhor e simular o que pode ou não dar certo”.
Aluno N	“As aulas práticas nos auxiliam a exercer tudo o que aprendemos na teoria. Ela também é essencial para que possamos tirar dúvidas em aula, e tentar não cometer erros “bobos” no futuro por falta de prática”.
Aluno O	“Sim, elas imitam as situações que serão encontradas lá fora”.
Aluno P	“Ajudam a você compreender tudo a gramática, vocabulário e termos culturas da língua”.
Aluno Q	“Através de todas as instruções dadas pelo professor para realizar as atividades”.
Aluno R	“Ajudam simulando o que possa ocorrer em situações reais”.

Todos os alunos responderam à pergunta de forma positiva em relação à importância das aulas de prática na formação, e que o professor tem fundamental importância no processo de formação, devido a sua posição de autoridade dentro da sala de aula. Ele é, incontestavelmente, importante nas tomadas de decisões, e em relação às traduções de seus alunos.

Os alunos relacionam que, nas aulas de prática: “se aprende com experiência” (ALUNO A); “nos sentimos mais preparados para enfrentar situações reais” (ALUNO C); “muito úteis” (ALUNO E); “ajudam muito” (ALUNO H); “saber lidar com problemas que iremos enfrentar” (ALUNO J); “aprendemos a importância de uma boa pesquisa” (ALUNO K); “nos auxiliam a exercer tudo o que aprendemos na teoria” (ALUNO N).

Os alunos, então, têm a ideia de que as aulas de prática se relacionam com o que eles enfrentarão no mercado de trabalho. Pode até ser que se assemelhem ao que encontrarão pela frente; porém, não do jeito que pensam, pois nem sempre temos tempo suficiente para passar por todas as etapas da prática tradutória vistas em sala de aula.

Muitos tradutores admitem que trabalham com prazos curtos. Então, a compreensão, a tradução, a revisão e outros fatores dentro da prática tradutória ocorrem quase que, ao mesmo tempo, e, às vezes, como acentua Brezolin (2003, p. 139): (...) “não nos damos conta disso, pois nosso objetivo é produzir um texto traduzido e aceitável num tempo possível”.

Tendo em vista a importância das aulas práticas no curso universitário, qual será, então, a relação que os alunos veem entre as aulas práticas e teóricas? O próximo item mostrará as percepções dos estudantes em relação a esta questão. Destacamos, ainda, que os alunos tiveram contato com as aulas de teoria, no primeiro ano da faculdade, com as aulas de Teoria da Tradução I e II ministradas no primeiro e segundo semestres, respectivamente.

• **Relação das aulas práticas e teóricas** (2ª unidade de sentido)

> De certa maneira sim. Sentir o que os teóricos escrevem sobre as várias facetas da tradução é verdade ou não, é útil ou não, é interessante (Aluno E)
>
> Não muito. Em minha opinião, as informações teóricas não são muito úteis quando se relaciona à prática (...) (Aluno B)

Concordamos com Aubert (1990), que afirma que a reflexão teórica sobre a tradução "exerce um papel mais direto no ensino e na aprendizagem da prática tradutória" (p. 113).

A teoria dada nos cursos de formação de tradutores proporciona aos alunos um atalho para a possibilidade de exercer seu próprio controle sobre o processo tradutório (prática), de ter mais sensibilidade ao começar a traduzir.

Atualmente, são oferecidos cursos mais produtivos em termos de conteúdo e prática; porém, algumas divergências ainda podem ser observadas nas opiniões dos alunos sobre a relação teoria e prática. Poderemos visualizar esta divisão de opiniões no Quadro 9 a seguir.

Quadro 9 – Relação das aulas práticas e teóricas

Você vê relação entre as aulas de teoria dadas no primeiro ano do curso e as aulas de prática? O que especificamente?	
Aluno A	"Vejo sim relação. Vimos a teoria como um todo e agora a aplicamos. Essa é uma técnica de aprendizado. Assim, depois que fizemos a prática conseguimos absorver melhor o que foi falado na teoria".
Aluno B	"Não muito. Em minha opinião, as informações teóricas não são muito úteis quando se relaciona à prática. Sempre fui mais prático do que teórico pois assimilo melhor".
Aluno C	"Sim, diversas das teorias que aprendemos no primeiro ano são utilizadas recorrentemente nas nossas aulas práticas, principalmente as ligadas a métodos de tradução, como Vinay e Dalbernet, Venuti, Barbosa, Sardinha, Mona Baker etc".
Aluno D	"Vejo, acredito que cada ano nos aprofundamos mais. Passamos, assim, da teoria para a prática".
Aluno E	"De certa maneira sim. Sentir que o que os teóricos escrevem sobre as várias facetas da tradução e verdade ou não, é útil ou não, é interessante".
Aluno F	"Sim, uma parte da matéria que usamos até hoje é a teoria de Vinay e Dalbernet".
Aluno G	"Sim, teoria da tradução foi uma base para quase todas as outras disciplinas".
Aluno H	"Sim, pois a todo momento usamos referências de assuntos discutidos durante as aulas de teoria, pelo fato de que usamos algumas referências durante uma tradução ou versão feita em sala de aula".

Aluno I	"Sim, a mudança foi muito notável pois conseguimos notar um evolução progressiva que hoje podemos colocar em prática no nosso cotidiano, mas que só foram subsidiados com as teorias iniciais e gerais dadas no início da faculdade".
Aluno J	"Sinceramente não, creio que as aulas práticas abordam melhor sobre o ramo que iremos seguir".
Aluno K	"Não exatamente. Pessoalmente consigo identificar algumas das teorias em determinados textos, mas uma hora a prática tradutória não as usava. Porem agora na produção do TCC as teorias são fundamentais".
Aluno L	"Na teoria aprendemos o que está escrito, na prática é tudo o que temos em ação".
Aluno M	"Pouca coisa, mas talvez seja eu quem não saiba aplicar".
Aluno N	"Sim, pois no primeiro ano aprendemos a teoria da tradução, logo quando traduzimos um texto, levamos em conta todo o conteúdo dado pelo curso".
Aluno O	"Sim. As teorias de Vinay e Dalbernet, as classificações de diferentes tipos de tradução que na aula prática são utilizadas".
Aluno P	"Sim, o procedimento básico da tradução, todas as formas possíveis de se traduzir um texto".
Aluno Q	"Sim. Aquelas foram mais complexas, ou seja, vários nomes de teóricos e suas citações são envolvidas nelas".
Aluno R	"Não".

No Quadro 9, doze dos sujeitos desta pesquisa (Alunos: A, D, D, E, F, G, H, I, N, O, P, Q) afirmam que veem relação entre as aulas teóricas e práticas. Alguns depoimentos nos chamaram atenção por suas descrições, por exemplo: "depois das aulas práticas conseguimos absorver melhor o que foi falado na teoria" (ALUNO A); "diversas teorias que aprendemos no primeiro ano são utilizadas recorrentemente nas nossas aulas práticas, principalmente ligadas a métodos de tradução, como Vinay e Dalbernet, Venuti, Barbosa, Sardinha, Mona Baker etc." (ALUNO C); "a teoria da tradução foi uma base para quase todas as outras disciplinas" (ALUNO G); "a todo tempo usamos referências de assuntos discutidos durante as aulas de teoria" (ALUNO H); "as mudanças das aulas foram notáveis, pois só foram subsidiados com as teorias iniciais e gerais dadas no início da faculdade" (ALUNO I); "as teorias de Vinay e Dalbernet, as classificações de diferentes tipos de tradução que na aula prática são utilizadas" (ALUNO O); "sim, as aulas teóricas foram mais complexas, ou seja, vários nomes de teóricos e suas citações envolvidas nelas" (ALUNO Q).

Observando as justificativas acima descritas, podemos perceber que os alunos veem, sim, relação entre a teoria e a prática. Muitos pesquisadores concordam com a relação e outros não. Como, por exemplo, Darin (1998), em "O Ensino da Tradução em Nível Universitário: Indagações e Propostas", em que aborda o ensino da tradução a

partir de sua experiência como professora de Prática da Tradução, na Pontifica Universidade de São Paulo (PUC/SP). Afirma que "toda teoria só existe a partir de uma experiência prática; dela se extrai sua lógica, e é ela que nutre o pensar". Neste texto, a autora relata sua experiência nas aulas dadas e acredita que como a teoria e a prática da tradução são disciplinas distintas no quadro curricular geram alguns mal entendidos, que prejudicam a formação do aluno, futuro tradutor.

A autora fala da falta de diálogo entre a teoria e a prática dentro de um curso de Tradução, e, assim, observa-se que muitas traduções "possuem alguns pressupostos equivocados sobre o que é traduzir que são muito difundidos, não só pelo senso comum, como também pelas teorias tradicionais de tradução", conforme Darin (1998, p. 421).

Darin (1998) sugere que haja um espaço para o diálogo nas aulas de Prática para que se explicitem as crenças e pressupostos do que seja realmente traduzir e qual o papel do tradutor através, por exemplo, de "comentários anexados às traduções, ou debates em torno de uma citação de algum teórico, que tenha relevância para o que se está discutindo na aula" (DARIN, 1998, p. 424).

Nas observações de Heloísa Barbosa (2003), em *Conversa com Tradutores*, a autora afirma que:

> (...) a teoria é importante na formação do tradutor, porque lhe confere um poder de reflexão sobre sua vida profissional. Dá-lhe segurança nas tomadas de decisão e nos posicionamentos profissionais que toma. Ao mesmo tempo, a teoria ajuda o tradutor a encontrar seu lugar no mundo, na história (BARBOSA, 2003, p.59).

Apesar de a maioria dos sujeitos desta pesquisa concordar que há relação entre as aulas de teoria e prática, quatro deles não acreditam que esta relação existe. Eles justificam a relação como: "na produção do TCC as teorias são fundamentais" (Aluno K); "As aulas práticas abordam melhor sobre o ramo que iremos seguir" (Aluno J); "as informações teóricas não são muito úteis quando se relaciona à prática" (Aluno B). Acreditando que a teoria só serve para expor o pensamento de algum teórico, para ser utilizado em Trabalhos de Conclusão de Curso.

• **Mudanças na concepção de tradução durante o curso** (3ª unidade de sentido)

> Durante o curso, ao nos aprofundarmos sobre os temas que envolvem as práticas tradutórias e suas teorias, deixamos de lado a visão superficial de que traduzir é algo simples e passamos a dar mais valor e importância ao nosso trabalho (Aluno C).

Em um curso de formação de tradutores, os alunos iniciantes entram com um pensamento sobre o que é traduzir, geralmente equivocado, com várias crenças, como vimos ao longo do trabalho.

Após três anos de aulas teóricas e práticas, quisemos compreender se a concepção que os alunos tinham em relação à tradução mudou. Este foi um dos motivos por termos escolhidos alunos do último ano do curso de Tradutor dessa Universidade, pois eles já tinham passado por todas as aulas teóricas e práticas.

A conscientização desse tradutor envolve um (re) pensar do conceito de aprender, pois agora (após a formação universitária), ele se torna diretamente responsável pelo seu próprio processo de aprendizagem. Ou seja, o aluno escolhe o caminho que ele considera ser adequado para sua prática individual.

No Quadro 10 podemos observar que a concepção da maioria dos alunos mudou em três anos de curso.

Quadro 10 – Mudanças na concepção de tradução durante o curso

Sua concepção de tradução mudou durante o curso? O que especificamente?	
Aluno A	"Sim. Como mencionei no começo desta pesquisa, muitas pessoas pensam que o tradutor somente traduz. Porém existem diversos fatores além de traduzir. Desde que entrei na universidade meu conceito mudou para melhor e isso me fez perceber o quão importante e expansivo é o nosso trabalho".
Aluno B	"Sim. Quando via um filme, não entendia o tamanho e nem a dimensão referente à esse trabalho. Tradução é mais que palavras, é um modo de abrangir um assunto para diferentes públicos".
Aluno C	"Sim, pois durante o curso, ao nos aprofundar sobre os temas que envolvem as práticas tradutórias e suas teorias, deixamos de lado a visão superficial de que traduzir é algo simples e passamos a dar mais valor e importância ao nosso trabalho".
Aluno D	"Sim, não imagina ser complexo como é, e nem que tivesse tantas ramificações".
Aluno E	"Não, continuou a mesma".
Aluno F	"Sim. No começo do curso não esperava que existisse tanto material e teorias relacionados a tradução".
Aluno G	"Sim, percebi o quando dublador é criticado injustamente através das aulas de legendagem".

Aluno H	“Sim, pois a tradução é algo que pode mostrar coisas novas para aqueles que não entendem uma outra língua. A tradução é feita para que aquele livro ou qualquer outro tipo de texto, possa ser acessado por aqueles que não poderiam compreender inicialmente”.
Aluno I	“Com certeza mudou, ao decorrer do curso começamos a ver que as”.
Aluno J	“Mudou. O fato de que é um ramo bem corrido com altos e baixos, exigindo muita dedicação”.
Aluno K	“Sim. Mudou no sentido de que aprendi que tradução não envolve só significados e palavras, mas também estruturas lexicais”.
Aluno L	“Mudou. Mas mesmo sabendo que ganharei pouco, ainda quero ser tradutora literária”.
Aluno M	“Acredito que não”.
Aluno N	“Quando começamos o curso, sabíamos o quanto a tradução é uma profissão um pouco desvalorizada, mas durante o curso pude perceber uma série de fatores que podem estar envolvidos em uma tradução”.
Aluno O	“Sim, eu comecei a ver o caminho que os tradutores escolheram em diferentes obras e se eu seguiria por ele também”.
Aluno P	“Sim, não pensava que veria um estudo tão técnico”.
Aluno Q	“Sim. Nele pude conhecer diversas teorias sobre essa arte”.
Aluno R	“Não”.

Apesar de três dos dezoito sujeitos da pesquisa (Alunos E, M, R) declararem que sua concepção de tradução não mudou durante a sua formação universitária, é importante destacar que, diferente das definições anteriores, a maioria mudou sua concepção ao longo do curso. E este fato deve-se às reflexões teóricas que estes alunos exerceram durante a formação, e, consequentemente, das aulas práticas. E as palavras de Aubert (1990, p. 113) reforçam o sentido dessa reflexão teórica, como observamos a seguir:

> A reflexão teórica sobre a tradução, mesmo em seu atual estágio de pré-consolidação, exerce um papel mais direto no ensino e na aprendizagem da prática tradutória. A percepção dos caminhos, das opções, escolhas, estimulada e orientada pela reflexão teórica, proporciona ao tradutando e ao tradutor um atalho para a eficiência, um balizamento para o equilíbrio, uma ferramenta que lhe assegura a possibilidade de exercer, desde logo, seu próprio controle sobre o processo tradutório como um todo, a despeito das múltiplas e conflitantes exigências com que se defronta (AUBERT, 1990, p. 113).

Pode-se notar, portanto, que é muito importante para a construção do tradutor uma formação universitária composta por conhecimentos teóricos, práticos, culturais, para que se possa adequar à solução de possíveis problemas que terão de enfrentar diariamente em sua profissão.

Para finalizar este primeiro olhar sobre os dados, surge uma questão que deveria ser mais bem absorvida ou dada uma maior importância nos cursos de Tradução; além de todas as outras previamente mencionadas: o domínio da língua materna.

O Questionário 1 foi uma parte importante de nossa coleta de dados para este trabalho, pois através dele pudemos compreender melhor a ideia que os alunos têm da formação universitária atual, os conceitos de tradução e prática tradutória, e foi importante também para compreender que os alunos veem, sim, relação entre as aulas teóricas dadas no primeiro semestre e as práticas.

A seguir, apresentaremos o Questionário 2, que foi importante para compreendermos melhor o que se passa na cabeça dos alunos enquanto estão traduzindo, ou seja, de que recursos eles utilizam durante a prática tradutória.

3.2.2 Das dificuldades no processo de tradução (2ª categoria de análise)

> Tive dificuldades em alguns termos como: *prone, meet, disparities* e *depletion.* Recorri a dicionários *online, google, word reference* (Aluno H)

As dificuldades que os alunos de Tradução têm, ao se depararem com um texto, são variadas. Elas podem estar ligadas tanto à compreensão da língua inglesa quanto à produção do texto em língua materna, ou na pesquisa de algum termo que não foi encontrado ou entendido, enfim.

A complexidade do processo tradutório envolve aspectos da produção e recepção de textos, como afirmam Alves, Magalhães e Pagano (2011). Assim, "podem ser realizadas diferentes traduções de um mesmo original de acordo com os objetivos pretendidos, o público-alvo, a função que se busca atribuir ao texto traduzido e outros fatores" (p.15).

Neste segundo Questionário, que elaboramos, apresentaremos quais foram as dificuldades encontradas pelos alunos frente ao tema da Sustentabilidade e, para isso, voltamos a mencionar, que ele foi elaborado com um trecho do segundo capítulo do livro *Our Common Future* (1988), *Towards Sustainable Development*. Este livro é o Relatório elaborado pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento,

faz parte de uma série de iniciativas, por exemplo: ressaltar os riscos do uso excessivo dos recursos naturais sem considerar a capacidade de suporte dos ecossistemas.

O Quadro 11 retrata o texto original e a tradução publicada, como observamos a seguir.

Quadro 11 – Original e tradução publicada

Original	Tradução
"The satisfaction of human needs and aspirations is the major objective of development. The essential needs of vast numbers of people in developing countries – for food, clothing, shelter, jobs – are not being met, and beyond their basic needs these people have legitimate aspirations for an improved quality of life. A world in which poverty and inequity are endemic will always be prone to ecological and other crises. Sustainable development requires meeting the basic needs of all and extending to all the opportunity to satisfy their aspirations for a better life […] Sustainable development has been described here in general terms. How are individuals in the real world to be persuaded or made to act in the common interest? The answer lies partly in education, institutional development, and law enforcement. But many problems of resource depletion and environmental stress arise from disparities in economic and political power". (Excerpt from the book "Our Common Future", 1987, p. 43;46).	"Satisfazer as necessidades e as aspirações humanas é o principal objetivo do desenvolvimento. Nos países em desenvolvimento, as necessidades básicas de grande número de pessoas – alimento, roupas, habitação, emprego – não estão sendo atendidas. Além dessas necessidades básicas, as pessoas também aspiram legitimamente a uma melhor qualidade de vida. Num mundo onde a pobreza e a injustiça são endêmicas, sempre poderão ocorrer crises ecológicas e de outros tipos. Para que haja um desenvolvimento sustentável, é preciso que todos tenham atendidas as suas necessidades básicas e lhes sejam proporcionadas oportunidades de concretizar suas aspirações a uma vida melhor. [...] Descrevemos o desenvolvimento sustentável em termos gerais. Como persuadir as pessoas ou fazê-las agir no interesse comum? Até certo ponto, pela educação, pelo desenvolvimento das instituições e pelo fortalecimento legal. Porém muito dos problemas de destruição dos recursos e do desgaste do meio ambiente resultam de disparidades no poder econômico e político". (Trecho retirado do livro "Nosso Futuro Comum". Instituto de Documentação Editora da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1988).

Fonte: Questionário 2 (APÊNDICE 2)

O trecho acima foi traduzido por cinco sujeitos, nesta pesquisa, e nos levou à segunda categoria a ser analisada - *As dificuldades no processo de tradução* -, pois

consideramos que, para compreender as percepções dos estudantes sobre a sua própria formação universitária, era fundamental perguntar a eles sobre seu entendimento sobre a prática tradutória, conceito desenvolvido durante o curso. Ocorre que falar sobre prática é, com certeza, definir quais as dificuldades e/ou desafios de enfrentamento. E, dentre as dificuldades, deparamo-nos com termos e expressões, que precisariam ser melhor compreendidos, para que a tradução não seja mal entendida ou mal interpretada. Nesta direção, também indicamos: as fontes de pesquisa que estes alunos utilizaram, para sanar suas dúvidas; e as etapas utilizadas durante a prática tradutória.

Com base nas colocações anteriores, resolvemos elencar como unidade de sentido: *a tradução dos sujeitos*. Sendo, assim, resolvemos solicitar a eles uma tradução de um dos textos, conforme já mencionado e que consta do Quadro 11 a seguir.

Quadro 12 – Tradução dos sujeitos

Aluno	Tradução
A	"A satisfação das necessidades e ambições humanas é o maior objetivo do desenvolvimento. As necessidades essenciais de um grande numero de pessoas de países em desenvolvimento – por comida, vestuário, abrigo, emprego – não estão sendo reconhecidos e além das suas necessidades básicas, essas pessoas têm ambições legítimas para uma melhor qualidade de vida. Um mundo no qual, pobreza e injustiça são endêmicos e serão sempre propensas a ecologia e outras crises. Desenvolvimento sustentável requer encontrar as necessidades básicas de todos e estender a todos a oportunidade de satisfazer suas ambições de uma vida melhor [...] Desenvolvimento sustentável tem sido descrito aqui em termos gerais. Como os indivíduos são persuadidos ou feitos para agir em interesses comuns? A resposta encontra-se em parte na educação, desenvolvimento institucional e aplicação da lei. Mas muitos problemas de esgotamento de recursos e stress ambiental vem de disparates de poder politico e economico" (Retirado do livro "Nosso futuro comum", 1988, p. 43;46).
B	"A satisfação das necessidades humanas e aspirações é o grande objetivo do desenvolvimento. As necessidades essenciais de grande número das pessoas nos países em desenvolvimento – para alimentos, vestimenta, abrigo, emprego – não estão sendo atendidas, e além de suas necessidades básicas, essas pessoas têm legítimas aspirações para uma melhoria da qualidade de vida. Um mundo em que a pobreza e desigualdade são endêmicas, crises ecológicas e outras serão sempre mais propensas. Desenvolvimento sustentável exige satisfazer as necessidades básicas de todos, e estendendo a todos a oportunidade de satisfazer suas aspirações para uma vida melhor [...] Desenvolvimento sustentável tem sido descrito aqui em termos gerais. Como indivíduos reais podem ser persuadidos ou motivados para agir com interesses em comum? A resposta pode ser encontrada parcialmente com educação, desenvolvimento institucional e aplicação das leis. Mas muitos problemas de esgotamento de recursos e estresse ambiental surgem da disparidade de poder econômico e político". (Trecho do livro "Nosso futuro comum", de 1998, p.43;46)

G	O maior objetivo do desenvolvimento é a satisfação das necessidades e aspirações humanas. As necessidades essenciais de um número vasto de pessoas nos países emergentes por comida, vestuário, abrigo e empregos não estão sendo atendidas e além dessas necessidades básicas essas pessoas têm aspirações legítimas por uma melhoria na qualidade de vida Um mundo em que a pobreza e desigualdade são endêmicas será sempre propenso a crises ecológicas e de outros tipos. Desenvolvimento sustentável requer que as necessidades básicas de todos sejam atendidas e que a oportunidade de satisfazer suas aspirações por uma vida melhor também seja estendida para todos [...] Desenvolvimento sustentável aqui foi descrito com termos gerais. Como os indivíduos no mundo real são persuadidos ou feitos para agirem de acordo com os interesses comuns? A resposta está parcialmente em educação, desenvolvimento institucional e aplicação da lei. Mas muitos problemas de esgotamento de recursos e estresse ambiental surgem de disparidades de poder político e econômico.
H	"A satisfação das necessidades e aspirações humanas é o principal objetivo do desenvolvimento. As necessidades essenciais do grande número de pessoas em países desenvolvidos – para alimentação, vestuário, abrigo, empregos – não estão sendo atendidas e além das suas necessidades básicas, essas pessoas têm aspirações legítimas por uma qualidade de vida melhor. Um mundo em que a pobreza e a injustiça são endêmicos, será sempre propenso a crises ecológicas e outras crises. Desenvolvimento sustentável requer atender as necessidades básicas de tudo e estendendo para todas as oportunidades para satisfazer suas aspirações de uma vida melhor [...] Desenvolvimento Sustentável tem sido descrito aqui em termos gerais. Como os indivíduos são no mundo real a serem persuadidos ou feitos para agir no interesse comum? A resposta está em parte na educação, desenvolvimento institucional e na aplicação da lei. Mas muitos problemas de esgotamento de recursos e estresse ambiental decorrem de disparidades de poder político e economico." (Extraído do livro "Our Common Future", 1988, p.43;46)
Q	A satisfação das necessidades e aspirações humanas é o principal objetivo do desenvolvimento. As necessidades essenciais de grande número de pessoas em países em desenvolvimento – comida, roupas, abrigo, emprego – não estão sendo satisfeitas, e além de suas necessidades básicas estas pessoas tem aspirações legítimas por uma qualidade de vida melhorada. Um mundo onde a pobreza e a inequidade são endêmicas estará sempre propenso a ter crises ecológicas e outras. O desenvolvimento sustentável requer que sejam satisfeitas as necessidades básicas de todos e que seja entendida para todos a oportunidade de satisfazer suas aspirações para uma vida melhor [...] O desenvolvimento sustentável foi descrito aqui em termos gerais. Como os indivíduos no mundo real são persuadidos ou feitos para agir no interesse comum? A resposta se encontra parcialmente na educação, desenvolvimento institucional e execução de leis. Mas muitos problemas de esgotamento de recursos e estresse ambiental surgem de disparidades no poder econômico e político.

Fonte: Questionário 2 (APÊNDICE 2)

Iniciando a análise das traduções produzidas pelos alunos, retiramos do texto original sete termos, expressões ou frases que, em nosso ponto de vista, são

características do tema da Sustentabilidade e poderiam ter sido ou foram de certa forma uma dificuldade enfrentada pelos alunos.

Os termos introduzidos[4], na breve análise que faremos, mostram as dificuldades por que passa a tradução efetuada por estes estudantes (futuros tradutores). Interessa, aqui, somente fazer uma breve análise destes termos, para identificar e reforçar "as dificuldades no processo de tradução" (2ª categoria de análise) no âmbito da "prática tradutória" (2ª dimensão de análise).

• **A tradução dos sujeitos** (1ª unidade de sentido)

A partir dos textos produzidos pelos alunos, a seguir, apresentaremos alguns exemplos de expressões e/ou termos retirados do original publicado para comentarmos sobre as decisões tomadas pelos alunos frente às dificuldades por eles encontradas.

"human needs and aspirations" = "necessidades e as aspirações humanas"

A palavra "aspirations" visualizada acima se refere às "necessidades e as aspirações humanas", e o Aluno A traduziu o termo como "ambições". Fazendo a pesquisa, no dicionário *online* "The Free Dictionary", o termo "aspirations" é colocado como: "1. strong desire to achieve something, such as success; 2. the aim of such desire" (thefreedictionary.com). E, em português, procuramos a mesma palavra ("aspiração") no dicionário Houaiss e, de acordo com este dicionário, o substantivo significa "2. *fig*. desejo profundo de atingir uma meta material ou espiritual; sonho, ambição" (HOUAISS, 2009).

Já, a palavra "ambições", que a aluna utilizou nos traz uma outra carga, pois, de acordo com o mesmo dicionário, "ambição" é dada como um substantivo de "forte desejo de poder ou riquezas, honras ou glórias; cobiça; cupidez" (HOUAISS; VILLAR, 2009, p.112).

---

[4] Foram introduzidos os seguintes termos e/ou expressões: "human needs and aspirations"; "essential needs"; "shelter"; "are not being met"; "these people have legitimate aspirations"; "a word in which poverty and inequity are endemic will always be prone to ecological and other crises"; "resource depletion". A intenção era compreender as dificuldades no processo de tradução dos estudantes (futuros tradutores).

Embora os significados possam ser semelhantes, fica evidente que a troca da palavra acarretará um entendimento diferente por parte do leitor. O restante dos sujeitos traduziu a expressão como “necessidades e aspirações humanas”. O mesmo acontece na expressão a seguir:

“essential needs” = “necessidades básicas”

A segunda expressão selecionada foi traduzida originalmente como “necessidades básicas”, e todos os cinco sujeitos traduziram a expressão como “necessidades essenciais”. Em um *site* de pesquisa os resultados para a expressão “necessidades básicas” foram de 1.040.000 e para “necessidades essenciais” foi de 7.800.000. Isto prova que nenhum original é perfeito, ou que a expressão do original, já ultrapassada, tivesse sido substituída por aquela que os alunos escolheram em traduzir.

shelter” = “habitação”

O termo “shelter” está relacionado às necessidades essenciais dos seres humanos no texto, e todos os sujeitos da pesquisa se encaixaram no termo definido por Fillmore (1979). Aí está um exemplo bom do que o linguista americano, Charles J. Fillmore (1979, p. 71), considera de “falante ingênuo”: uma pessoa pode conhecer a língua estrangeira e, ainda sim, desconhecer algumas convencionalidades. E, neste sentido, a tradução dada pelos sujeitos pode ser que não apresente o mesmo entendimento para o leitor, fazendo com que o texto seja mal interpretado.

Na tradução publicada, o termo foi traduzido como “habitação”, pois se tratando de um texto que fala sobre as necessidades essenciais humanas, o que se entende é que precisamos de uma “habitação”, “moradia” e não de “abrigo”, como traduziram os sujeitos da pesquisa.

No dicionário, o termo “abrigo” está relacionado com: 1. local que oferece proteção contra a chuva, o vento etc., ou contra qualquer perigo (abrigo nuclear); 2. construção subterrânea destinada a proteger contra ataques aéreos; 3. casa de assistência social a desamparados: abrigo de menores (UOL digital).

Já o termo “habitação” significa: 1. ato ou efeito de habitar; 2. lugar que se habita; MORADIA; VIVENDA; 3. jur. Direito real que tem uma pessoa e sua família de ocupar um imóvel (UOL digital).

No *The Free Dictionary* (*online*), o termo “shelter” é definido como: “1. something that provides cover or protection, as from weather or danger; place of refuge; 2. the protection afforded by such a cover; refuge” (Collins English Dictionary).

O *The Free Dictionary* é um dicionário *online* monolíngue. Na busca por uma palavra seus resultados são inúmeros, pois ele mostra definições de vários outros dicionários. No exemplo anterior (shelter), utilizamos os resultados do dicionário *Collins*, mas vários outros também nos mostraram resultados.

Podemos visualizar o mesmo tipo de exemplo com Eco (2007), quando o autor menciona alguns casos de equivalentes de significado, ou seja, os termos sinônimos. E quando afirma que “justamente esta questão de sinonímia coloca sérios problemas a todo o tradutor” (p. 30).

O autor considera vários sinômimos para o termo *pai*, como father, père, padre, e até daddy, papà etc., mas sabemos bem que *father* não é sinônimo de *daddy* “(não se diz God is our *daddy*, mas God is out *father*)”.

Alguns exemplos relacionados às expressões idiomáticas são dados por Stella Tagnin (2005, p. 14), em *O jeito que a gente diz*. E concordamos, quando a autora diz que: “quando nos referimos ao ‘jeito que se diz’ estamos, na verdade, falando de convenção, ou seja, daquilo que é aceito de comum acordo” (p. 14).

Acreditamos que, dentro deste contexto específico, como já mencionado, o termo mais adequado seria “habitação”. Seria o que se relaciona melhor com a ideia de ter como necessidade essencial do ser humano.

“are not being met” = “não estão sendo atendidas”

O quarto termo é “are not being met”, no original publicado a frase foi traduzida para “não estão sendo atendidas”. Embora a maioria dos sujeitos da pesquisa tenha traduzido a frase igualmente à tradução publicada, dois sujeitos traduziram-na como: aluno A – “não estão sendo reconhecidas”, e Aluno Q: “não estão sendo satisfeitas”.

Os verbos “atender”, “reconhecer” e “satisfazer” nada têm a ver entre si, no contexto. O que não está sendo atendido são os exemplos que o autor dá para as

necessidades básicas, como: “food, clothing, shelter, jobs”, traduzidos para “alimento, roupas, habitação, emprego”. No dicionário Houaiss e Villar (2009), podemos ver esta diferença e número de ocorrências em um *site* de busca:

Quadro 13 – Diferenças entre os verbos

Atender	“1. dar atenção a, ouvir [...] 6. dar solução; resolver, responder”. (2009, p. 212)	4.760.000 ocorrências
Reconhecer	“1. identificar, distinguir”. (2009, p. 1625)	7.630.000 ocorrências
Satisfazer	“1. procurar a satisfação, a saciedade, a posse”. (2009, p. 1715)	2.970.000 ocorrências

Fonte: Dicionário Houaiss (2009)

O que acontece, neste exemplo, é que apesar de ter tido uma ocorrência com o verbo “reconhecer” e este apresentar de forma a não terem compreendido o trecho na Língua Inglesa, estes sujeitos não souberam traduzir adequadamente para o Português, atendendo às expectativas do texto original. Se fosse publicado, este texto não seria bem compreendido por conta da má interpretação do verbo dentro da expressão. A seguir, apresentamos a expressão:

“these people have legitimate aspirations” = “as pessoas aspiram legitimamente”

Em “these people have legitimate aspirations”, a frase nos traz de novo a palavra “aspirations”, que no original publicado ficou: “as pessoas aspiram legitimamente”. O Aluno A traduziu a frase como: “essas pessoas têm ambições legítimas”. Novamente, o aluno optou em traduzir “aspirations” por “ambições”, como citamos no primeiro parágrafo desta análise das traduções.

Os Alunos G, H e Q traduziram a frase como “essas pessoas têm aspirações legítimas” e o Aluno B a traduziu com o adjetivo em posição diferente: “essas pessoas têm legítimas aspirações”. O que não acarreta muito desentendimento na compreensão, mas sabemos que, na Língua Portuguesa, quase sempre o substantivo vem antes do adjetivo ao contrário do inglês.

“a world in which poverty and inequity are endemic will always <u>be prone to ecological and other crises</u>”	**=**	**“Num mundo onde a pobreza e a injustice são endêmicas, sempre <u>poderão ocorrer crises ecológicas e de outros tipos</u>”**

O próximo exemplo retirado do texto foi mal compreendido pela maioria dos sujeitos pesquisados. Na frase “A world in which poverty and inequity are endemic will always <u>be prone to ecological and other crises</u>”, o autor refere-se a “Num mundo onde a pobreza e a injustiça são endêmicas, sempre <u>poderão ocorrer crises ecológicas e de outros tipos</u>”. Ou seja, haverá outras crises assim como a crise ecológica. O Aluno A traduziu a frase como: “serão sempre propensas a ecologia e outras crises”. Aqui, entendemos que a injustiça e a pobreza são endêmicas e serão propensas à ecologia, o que não corresponde ao original, que coloca a ecologia como uma das crises. Além de não ter sentido, o aluno também transfere a expressão “ecological crises” (“crises ecológicas”) para o substantivo “ecologia”. A seguir, mais uma expressão:

“resource depletion” = “destruição dos recursos”

No último exemplo, trata-se de uma expressão comumente mal interpretada, pois a palavra “depletion” significa: “to decrease seriously or exhaust the abundance or supply of” (Dictionary.com). Ou seja, a palavra “depletion” seria um grande desgaste, o que também não corresponde à tradução original, em que a palavra foi traduzida para “destruição dos recursos” e o verbo “destruir” é “demolir, derrubar; eliminar” (HOUAISS; VILLAR 2009, p. 672), o que não dá o sentido correto para a tradução publicada. Todos os cinco alunos traduziram a expressão para “esgotamento dos recursos”. O verbo “esgotar” significa “esvaziar-se; exaurir-se; chegar ao seu termo, ao seu ponto final”, ou seja, o verbo *esgotar* também não corresponde à expressão do original em inglês.

Durante muito tempo a palavra “depletion” fora mal traduzida, ou era de fato explicada nos textos inclusive com notas de rodapé. Não é nosso objetivo sugerir como ficaria melhor ou qual termo ou expressão seria melhor neste ou naquele caso. Mas se os sujeitos da pesquisa tivessem pesquisado mais a fundo acerca do termo ou tivessem a curiosidade de realmente saber o que “depletion” significa, saberiam que a palavra já

existe em português: *"depleção",* e que significa "perda de elementos fundamentais do organismo" (HOUAISS; VILLAR, 2009, p.616). Como podemos ver a depleção não é o esgotamento nem a destruição de algo, é a perda ou desgaste como vimos em outras fontes de pesquisa.

A próxima pergunta do Questionário 2 foi em relação às *fontes da pesquisa* que os sujeitos utilizaram para buscar algum termo e/ou expressão de dúvida, pois mesmo com uma boa formação universitária, conforme afirmam Alvez, Magalhães e Pagano (2011): "o tradutor não consegue dominar todas as áreas de conhecimento nem os diferentes tipos de demanda do mercado de traduções" (p. 40). Também, questionamos sobre quais etapas os estudantes passam durante a prática tradutória. E, ainda, perguntamos sobre as dificuldades encontradas frente a um tema específico que é o Meio Ambiente.

No Quadro 14, a seguir, explicitaremos suas respostas e poderemos analisar alguns aspectos em relação às suas traduções.

Quadro 14 – Dificuldades, fontes de pesquisa e etapas do processo tradutório

Aluno	**Quais foram as dificuldades encontradas, fontes utilizadas e por quais etapas passou durante a prática tradutória?**
A	"Utilizei o dicionário online *Word Reference*. 1 – Ler 2 – buscar por palavras desconhecidas (grifadas no texto) 3 – releitura e compreensão 4 – tradução 5 – revisão 6 – conclusão"
B	- As piores dificuldades encontradas foi com o grau de dificuldade dessa tradução. Apesar de ser um assunto que todos ouvimos diariamente não é um termo de um texto diário. - assunto não muito comum - as fontes utilizadas foram todas retiradas pelo tradutor online do google - ler - interpretar o que está escrito em português - procurar palavras parecidas - analisar mentalmente o que está escrito - começar a verter linha por linha - procurar as palavras que você desconhece - tentar encaixar a melhor escolha, a mais apropriada para transcrever a mais apropriada - reler e ver se a ideia foi passada por um paralelamente parecida.
G	"O vocabulário do texto não apresenta tantas dificuldades, porém foi necessário adição de algumas palavras para completar o sentido da frase".
H	"Tive dificuldade em alguns termos como: prone, meet, disparities e depletion. Recorri a dicionários online, Google, word reference".
Q	"Neste texto, deparei-me com duas palavras que não conhecia: prone e depletion. Para pesquisar seus significados, utilizei-me do dicionário Word Reference, que é online. Para traduzir o trecho, utilizei-me do Conhecimento da Língua Materna".

Como observarmos, nem todos os sujeitos responderam claramente a todas as perguntas que foram feitas. Também, como tradutores, não podemos dizer que algum texto não apresentou dificuldades na prática tradutória. O aluno G ressaltou que "o vocabulário do texto não apresenta tantas dificuldades". A ingenuidade em alguns termos e expressões e a falha na pontuação e na Língua Portuguesa foram algumas questões evidenciadas na produção deste sujeito.

Podemos ver que os sujeitos utilizam, na grande maioria, recursos *online* para enfrentar as dificuldades encontradas durante suas práticas. Alguns fizeram referências ao *Word Reference*, que é uma fonte *online* muito utilizada entre os tradutores; porém, nem sempre o que está ali é para ser utilizado em determinado contexto.

Apesar de a facilidade de uso do dicionário estar presente nas nossas vidas desde o ensino fundamental, o dicionário ainda é uma referência pouco utilizada em nossa cultura. Segundo Bergmann e Lisboa (2008):

> (...)figurando na lista dos livros mais lidos em países como a França – onde ele ocupa o 22º lugar na lista dos 100 livros mais preferidos dos franceses, segundo a revista Lire[5], no Brasil sua consulta é vista como sinônimo, muitas vezes, de burrice por parte do falante, o que lhe rendeu o errôneo apelido de "pai dos burros"!

Portanto, deixando de lado mais uma oportunidade de aprendizado, o aluno, muitas vezes, sente-se constrangido em ter que recorrer ao dicionário para o aprofundamento de um termo ou expressão em determinada língua e, até mesmo, em sua língua materna. O que não deveria ocorrer entre alunos de tradução, pois é a ferramenta fundamental em sua prática tradutória.

Existem muitos tipos de dicionários no mercado atual, como por exemplo: os gerais de língua (monolíngue, bilíngue); os ilustrados; os de sinônimo e antônimo; os dicionários frequentemente utilizados por tradutores, que são os especializados etc. Este último é cada vez mais comum no mercado, onde encontramos jargões específicos de áreas como: jurídica, juramentada, médica, informática, tecnológica etc. Quando o tradutor desconhece a terminologia específica de uma área, por exemplo, como foi o caso de alguns termos citados anteriormente dentro do tema da sustentabilidade, a

[5] DELAROCHE, 2004, p.70-73

sugestão é consultar estes dicionários e glossários especializados, que também estão disponíveis *online*.

O tradutor deveria ter fontes de pesquisas adequadas ao contexto do texto que será traduzido, por isso é preciso recorrer a mais de uma fonte de pesquisa e querer saber mais sobre o termo ou a expressão traduzida. A inadequação na hora de pesquisar pode gerar um desentendimento no momento em que o leitor tentar compreender o texto.

Pudemos observar que, por consequência de não terem absorvido totalmente a tarefa de traduzir, estes futuros tradutores, ainda "falantes ingênuos", como afirma Fillmore (1979), não sabem ainda utilizar as fontes de pesquisa necessárias.

Pensamos que despertar o tradutor para a consciência da complexidade do processo tradutório e da tradução, e seus conceitos, é extremamente importante. Quanto mais próximos desses conceitos o aluno estiver, melhor entenderá sua profissão como uma tarefa que requer habilidades complexas e que serão somente adquiridas na formação universitária, e, então, obterão sucesso em seus futuros trabalhos.

Partindo do que acreditamos ser essencial na formação de tradutores, conforme explicitamos acima, criamos as dimensões de análises, que foram apresentadas ao longo deste Capítulo.

A primeira dimensão *formação universitária* nos trouxe duas categorias de análises e suas unidades de sentido. A primeira categoria, *fatores relevantes para uma formação de tradutores* resultou, como mencionamos, nas seguintes unidades de sentido: compreensão do texto; conhecimento cultural; conhecimento da língua materna; produção textual; fidelidade ao texto da língua inglesa; revisão e experiências como tradutor.

Tais categorias e foram baseadas nas sugestões práticas para o ensino de tradução, fundamentadas em Brezolin (2003). E elas nos serviram de apoio para a construção das unidades de sentido.

A segunda categoria de análise resultou nos *conceitos significativos para a formação de tradutores*, e destacaram-se como unidades de sentidos, *conceitos de tradução* e de *prática tradutória.*

Em relação à *prática tradutória*, que é a nossa segunda dimensão de análise, obtivemos, também, duas categorias de análise. A primeira a *relação teoria e prática* na formação de tradutores, e, nesta categoria, analisamos as seguintes unidades de sentido:

aulas práticas na formação universitária; *relação das aulas práticas e teóricas*; *e mudanças na concepção de tradução durante o curso*.

E, finalmente, a segunda categoria de análise, *as dificuldades no processo de tradução* que resultou em uma unidade de sentido: *a tradução dos sujeitos*.

A partir dos teóricos abordados no início e ao longo deste trabalho e das análises realizadas apresentaremos nossas Considerações Finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> De maior relevância, ainda, é preciso relembrar que a tradução requer uma formação e uma qualificação que fornecem ao tradutor as habilidades e conhecimentos suficientes para uma boa performance (ALVES et al, p. 14).

Tentaremos explicitar as considerações a partir de duas dimensões de análise: a primeira sobre *formação universitária* e a segunda sobre a *prática tradutória*. A seguir, refletiremos sobre estas duas dimensões com os resultados que pretendíamos atingir, relacionados aos objetivos citados no início deste trabalho.

A instituição escolar não é mais o único meio de aprendizado para a formação do tradutor, ainda que seja a Universidade um diferencial no desenvolvimento das habilidades cognitivas e competências, em que a teoria e a prática sejam estudadas. Ela precisa conviver com outras modalidades de educação não formal e profissional, a fim de formar tradutores mais preparados e qualificados para um tempo em que a globalização, economia, política, cultura etc., influenciam a educação. E, em relação a nosso pensamento, compartilhamos com Libâneo, Oliveira e Toschi (p.96, 2003), em que afirmam que o ensino deve contribuir para:

> (...) formar indivíduos capazes de pensar e de aprender permanentemente (capacitação permanente) em um contexto de avanço das tecnologias [...] desenvolver conhecimentos, capacidades e qualidades para o exercício autônomo, consciente e crítico da cidadania [...] (p. 53).

É na formação acadêmica que algumas habilidades são desenvolvidas e aperfeiçoadas para gerar um tradutor competente e consciente de seu papel. Conforme mencionado, há uma necessidade de ampliação da formação do tradutor para que os alunos tenham a noção de pedagogia, avaliação, estratégias de ensino etc., para suprir a falta dos cursos de licenciatura na área da Tradução.

Além destas noções, é na universidade que o tradutor deve ser conscientizado de que sua formação é um processo contínuo. Compartilhamos da mesma opinião de Hattnher (1990) sobre a formação contínua:

> É no curso de Tradução que deve ser criada e estimulada a consciência de que o profissional de tradução, talvez mais do que qualquer outro profissional, deve encarar sua formação como um processo contínuo, sem perspectivas de se chegar a um marco final. Nesse processo, o curso superior representa apenas um momento pontual de uma trajetória de constante aprendizado (HATTNHER, 1990, p. 92).

Este aprendizado pode ser o mais variado, passando desde um simples lazer, como também pela prática diária. O que faz com que a bagagem de aprendizado deste aluno seja ampliada e adicionada às habilidades adquiridas e/ou desenvolvidas durante a formação de tradutores.

Apesar de algumas habilidades serem desenvolvidas durante a formação universitária, como a *compreensão em língua inglesa*, como os próprios alunos pontuaram sendo o fator mais importante ou um dos fatores mais importantes durante a formação universitária (Questionário 1) percebemos por meio dos questionários aplicados, que há uma falta de conhecimento em relação à *língua materna*. Este é outro fator presente na formação de tradutores.

Durante praticamente toda a formação universitária, ou seja, até o quinto semestre, os alunos cursam disciplinas voltadas para a língua materna, como: *Processos de Leitura; Produção Textual; Estudos Morfossintáticos da Língua Portuguesa*; *Revisão* etc. Nestas disciplinas são ensinadas competências como *ler* e *escrever* de modo proficiente e estabelecer relações entre as atividades de leitura e produção escrita, competências requeridas dos alunos ao final do curso. Ou seja, os alunos deveriam dominar os elementos morfossintáticos da Língua Portuguesa. Conforme afirma Milton (2000): “ser graduado em uma determinada língua não significa necessariamente ter bom conhecimento dela” (p.02).

Ainda que sejam alfabetizados e falantes nativos não podemos concluir que todos os alunos, que entram num curso de formação de tradutores saibam ler. Segundo Maciel (1989), “saber ler é interagir de formal pessoal, consciente e produtiva com o autor do texto” (p. 97), para a posição que tomarão, como tradutores, essa interação é fundamental.

Considerando os dados recolhidos nos dezoito questionários aplicados, podemos concluir que a produção em língua portuguesa é tão ou mais importante do que outras etapas da prática tradutória, e esta decorrerá da primeira habilidade, que é saber ler. Lembro-me bem de quando iniciei a minha formação, em Tradução, e que alguns

professores sempre diziam que, sem dominar a sua própria língua, não se dominaria uma segunda, seja ela qual for. Concordamos com Alves, Magalhães e Pagano (2011), quando afirmam que “o fato de sermos falantes nativos de uma língua não nos habilita automaticamente a traduzir pra essa língua” (p. 13).

Além do domínio da língua portuguesa, a “ingenuidade” dos sujeitos da pesquisa aponta para um melhor aproveitamento por conta dos alunos, pois mostramos aqui que é na universidade que o aluno desenvolverá habilidades para que sua prática tradutória seja mais adequada.

Tomamos, como exemplo, o termo “shelter”, que no texto está relacionado às “essential needs” (necessidades essenciais). Neste caso, os alunos traduziram como “abrigo”, apesar de a palavra se referir à “habitação”, pois analisando sob o ponto de vista das necessidades essenciais humanas, as pessoas necessitam de uma “habitação”, “moradia”, o que pode causar uma má interpretação do texto por conta do leitor.

Um tradutor experiente é ciente das limitações dos dicionários e atento às convencionalidades que possam surgir em determinado contexto. O dicionário nos oferece várias possibilidades de tradução para um determinado texto, e o tradutor aqui, neste caso, “inexperiente”, geralmente toma a primeira opção ou as primeiras opções de tradução oferecidas por estes dicionários como sendo as escolhas certas, mas não examinam a sua adequação, ou como bem diz Tagnin (2005), convenção.

Falamos do falante ingênuo, pois, muitas vezes e em sua prática, o aluno traduzirá alguma palavra e/ou expressão literalmente, sem saber que ali há de fato outro significado relacionado a uma situação específica, a uma convencionalidade. São termos e expressões que permitem algumas variações de acordo com o nível de formalidade da situação ou de intimidade com o tema a ser traduzido.

Levando em conta as etapas da prática tradutória presentes nesta formação vistas no segundo Questionário (APÊNDICE 2), obtivemos respostas bastante evasivas, e, principalmente em relação às fontes de pesquisa utilizadas, já que 1 dicionário, seja ele *online* ou impresso, não resolve totalmente o problema do tradutor. Principalmente, se houver algum termo ou expressão relacionados à convenção, ou como anteriormente mencionamos, a uma área específica. Lembrando que alguns destes termos ou expressões podem até aparecer em dicionários muitos deles podem ter caído em desuso. Ainda mais o “Google tradutor”, como apontou o Aluno B. Hoje em dia, o tradutor

conta com dicionários especializados de colocações, expressões gerais e específicos de uma área, além dos dicionários monolíngues, de sinônimos etc.

Muitos alunos se iludem ao pensar que a utilização de ferramentas multimídia, como o *Google Tradutor* facilitará seu trabalho. Na verdade o que acontece é a anulação do trabalho do tradutor. Tal fato se deve porque a tradução do texto não é caracterizada pela união de palavras, e como afirmam Bergmann e Lisboa (2008): "as palavras possuem uma dimensão semântica, com manifestação de vários significados, várias vozes, articuladas entre si" (p.96). Por isso, deveríamos sempre desconfiar das traduções automáticas, mesmo em casos, onde nesse tipo de tecnologia, a intervenção minuciosa do tradutor se faz necessária.

Ainda em relação às etapas da prática tradutória que os alunos seguem, ou não, deixamos claro que a nossa concepção das etapas da prática tradutória não são estanques; ou seja, não são idealizadas a ponto de supor etapas ordenadas. Esta orientação indica que o tradutor, em seu trabalho diário, passará por todas as etapas repetidamente independentes de sua ordem, conforme afirma Brezolin (2003).

Ainda que os sujeitos partilhem da ordem que evidenciamos no Questionário 2 (APÊNDICE 3) sobre as etapas de suas práticas, seus trabalhos finais apresentaram diferenças relacionadas à concepção de tradução e à prática tradutória dadas no Questionário 1 (APÊNDICE 2). Na medida em que nunca devemos esperar traduções perfeitas, ainda mais vindas de alunos, sugerimos leituras em relação à tradução e suas concepções para que se tornem tradutores ainda mais conscientes de sua prática, seu papel e, principalmente, no domínio da Língua Portuguesa. Nessa perspectiva, a leitura amplia o conhecimento destes jovens tradutores.

Os alunos, então, demostraram não estarem totalmente preparados para elaborar uma tradução, pois, também, lhes falta iniciativa para a realização de pesquisas em materiais de referência, ou com pessoas ligadas à área em que o texto se insere. E, também, os alunos apresentam dificuldades para expressar os argumentos, que justifiquem suas soluções das dificuldades enfrentadas, e as etapas da prática tradutória, como observamos no Questionário 2.

Uma proposta interessante a estes alunos é a leitura, pois assim poderão aprender os diferentes tipos de convenção, saber quando e como dizer algo, as expressões idiomáticas, tanto na língua de chegada, quanto na língua de partida, se interessar por textos sobre a área, fazendo com que, assim, possam ter mais bem definidos os

conceitos de tradução e prática tradutória vistos ao longo do trabalho. E, também, fontes de pesquisas mais adequadas ao tipo de texto que estão traduzindo, pois mesmo com formação escolar e universitária e leituras diversas, o tradutor não domina todas as áreas do conhecimento.

Ao contrário da forma em que os alunos conceituaram a tradução e a prática tradutória, pensamos que ambas estão inseridas em diversos temas, circulando amplamente dentro deles, não sendo conceitos estáticos. Dentro e fora da universidade, na tradução, nada é óbvio.

No sentido de aprimorar essa prática e teoria oferecidas durante a formação de tradutores em relação ao papel do tradutor e sua prática tradutória, apontando outras direções para o estudo, ou seja, um caminho que conduza para questões que reflitam sobre teoria, prática, tradução, sociedade e o compromisso político-social da tradução.

A fim de melhor preparar os futuros tradutores, apresentaremos três constatações colocadas por Alves, Magalhães e Pagano (2011, p. 128), em "Traduzir com Autonomia: estratégias para o tradutor em formação":

> (...) quanto maior o grau de conscientização do tradutor, maiores as chances de uma aplicação bem-sucedida de técnicas e estratégias de tradução; quanto maior for o grau de monitoração consciente do processo tradutório, maior será o grau de segurança do tradutor para tomar decisões de tradução; quanto mais consciente for o tradutor, maior será seu grau de qualidade do texto de chegada.

Assim como os autores, em relação à prática tradutória, nós concordamos que despertar o tradutor para a consciência da complexidade do processo tradutório é fundamental.

Percebemos que os dados levantados foram muito valiosos no sentido de reforçar ainda mais nossa postura com relação à tradução e ao tradutor. Todo o aporte teórico apresentado, ao longo do trabalho, e, mais precisamente, no Capítulo I, serviu como base para a análise do *corpus* mencionado, pois conceitua a tradução e a prática tradutória, além de tratar sobre a formação universitária em tradução.

Para concluir, o trabalho do tradutor por ser tão complexo pode até se equiparar com o trabalho de um escritor de textos "originais". Tentamos mostrar por meio deste estudo que não há fórmula mágica para aprender a traduzir. Além das etapas da prática tradutória aprendidas no processo de formação de tradutores, como a compreensão do

texto em língua inglesa, revisão, produção do texto em língua portuguesa, querer aprender é essencial. E ser curioso, no sentido de sempre estar bem informado sobre qualquer assunto. Ter sempre curiosidade e não estar completamente satisfeito com resultados de pesquisas é fundamental, pois aguça o desejo de sempre querer saber mais.

Assim com o mesmo cuidado que ler é importante, desenvolver a escrita é, também, fundamental. Traduzir e escrever são operações que caminham lado a lado. O tradutor tem grande responsabilidade sobre seus textos traduzidos.

Finalizaremos este trabalho com uma frase de Arrojo (2002), que define bem a formação universitária de tradutores em relação à profissão: “Se traduzir dependesse simplesmente de decorar algumas regras e de conhecer uma língua estrangeira, há muito tempo as máquinas de traduzir já teriam conseguido substituir o homem” (ARROJO, 2002, p. 78).

REFERÊNCIAS

ABDALLA, Maria de Fátima Barbosa. *O senso prático de ser e estar na profissão*. São Paulo: Cortez, 2006. (Questões da Nossa Época 128)

ALVES, Fábio; MAGALHÃES, Célia. PAGANO, Adriana. *Traduzir com Autonomia:* estratégias para o tradutor em formação. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2011, p.20.

ARROJO, Rosemary. *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

_____. *Oficina de Tradução:* a Teoria na Prática. São Paulo: Ática, 2002.

AUBERT, Francis Henrik. A pesquisa no ensino da tradução. In: Encontro Nacional de Tradutores, 3, 1987, Porto Alegre. O ensino da tradução: *Anais do 3º Encontro Nacional de Tradutores*. Porto Alegre: UFRGS, 1989.

_____. A reflexão teórica sobre a tradução no âmbito de um curso de formação de tradutores. *Anais do IV Encontro Nacional de Tradutores*. A Tradução: alvos e ferramentas. São Paulo: FFLCH, 1990.

BARBOSA, Heloisa Gonçalves. *Procedimentos técnicos da tradução:* uma nova proposta. Campinas: Pontes, 1990.

BARBOSA, Heloisa G.; NEIVA, Aurora M. S. Investigando o processo tradutório. *Cadernos de Tradução.* Florianópolis, 1997, p.16-52.

BARBOSA, Heloisa Gonçalves Barbosa, In: BENEDETTI, Ivone C. e SOBRAL, Adail (Orgs.). *Conversas com tradutores*: Balanços e perspectives da tradução. Série Conversas 2. São Paulo: Parábola Editorial, 2003, 55-70.

BARDIN, L. Análise do conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1979.

BASSNETT-McGUIRE, Susan. *History of translation theory*: Translation, 1980.

BECHER, Sílvia; FROTA, Maria Paula; MARTINS, Marcia. Introdução à Tradução: Conteúdo e Metodologia de um Curso. Ensino da Tradução. *Anais do 3º Encontro Nacional de Tradutores*. Porto Alegre: UFRGS, 1989.

BERGMANN, Juliana Cristina Faggion; LISBOA, Fernanda Araújo. Teoria e Prática da Tradução. Curitiba: Ibpex, 2008.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação Qualitativa em Educação.* Porto: Porto Editora, 1994.

BORDENAVE, Maria Cândida Rocha. Fundamentos de uma metodologia de ensino da tradução. *Anais do 3º Encontro Nacional de Tradutores*. Porto Alegre: UFRGS, 1989.

BRAGA, Camila Nathália de Oliveira. Indagando o perfil de tradutores em formação: um estudo de caso. *Dissertação de Mestrado*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria Executiva. Confederação Brasileira de Ocupações, código: 2614-20. Brasília: MEC, 1988.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subsecretaria para Assuntos Jurídicos. Lei 9.795, de 29 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, e institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília: SAJ, 2009.

_____. Ministério da Educação, Secretaria Executiva. Anexo ao Ofício Circular Nº 2005/CGGP/SAA/SE/MEC. Brasília: MEC, 2005, p. 36.

BREZOLIN, Adauri. De Coadjuvante a Protagonista: a Tradução na Tradução. *Tese de Doutorado* em Língua Inglesa e Literatura Inglesa e Norte-Americana apresentada a Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2000.

_____. Sugestões Práticas para o Ensino da Tradução. São Paulo: *Todas as Letras* n. 5, p. 137-146, 2003.

CATFORD, J. C. A Linguistic Theory of Translation. *An Essay in Applied Linguistics*. London: Oxford University Press, 1965.

CHOMSKY, Noam. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge: M.I.T. Press, 1965.

CORRÊA, Angela Maria da Silva; NEIVA, Aurora Maria Soares. Estratégias e Problemas do Tradutor Aprendiz: uma visão introspectiva do processo tradutório. *Práticas Discursivas: instituição, tradução e literatura.* Maria José P. Monteiro (Org.). Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

DARIN, Leila Cristina de Melo. Pesquisa em Sala de Aula: a Prática de Tradução na Prática. *TradTerm*, n.4 (2), p.97 – 128, 2º sem. 1997.

_____. O ensino da tradução em nível universitário: indagações e propostas. *I Congresso Ibero-Americano de Tradução e Interpretação*. Faculdade Ibero-Americana, 1998.

DELAROCHE, P. Les livres preferes dês français. *Revista Lire*, Paris, n.329, p.70-73, out.2004.

ECO, Umberto. *Quase a mesma coisa.* Rio de Janeiro: Record, 2007.

FRANCO, Maria Laura Publisi Barbosa. *Análise de Conteúdo*. 3º edição. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

FILLMORE, Charles J. *Innocence:* a Second Idealization for Linguistics. Berkeley Linguistic Society, 1979, 5: 63-76.

GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. S. *Effective evaluation.* San Francisco: Jossey-Bass, 1981.

HATTNHER, Álvaro. *Tradução e Identidade:* o tradutor como transmorfo. Letras, Santa Maria, n.8, 1990.

HYMES, Dell H. Two types of linguistic relativity. In BRIGHT, W. *Sociolinguistics*. The Hague: Mouton, 1966.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HURTADO ALBIR, Amparo. A aquisição da competência tradutória: Aspectos teóricos e didáticos. In: PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.; ALVES, F. (Orgs.). *Competência em tradução*: cognição e discurso. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.p. 19-57.

KIRALY, Don. *A Social Constructivist Approach to Translator Education:* Empowerment from Theory to Practice. Manchester, UK: St. Jerome Publishing, 2000.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas, 2003.

LAROSSA, Jorge. *Linguagem e educação depois de Babel.* Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p-25.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S. *Educação escolar*: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2003.

LORENCI, Maria Lúcia Machado de. O Ensino da Tradução: uma nova concepção didática. *Dissertação de Mestrado*. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. *Pesquisa em Educação:* abordagens qualitativas. São Paulo: E.P. U Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MACIEL, Anna Maria Becker. Antes da Tradução: a compreensão da leitura. In: Encontro Nacional de Tradutores, 3, 1987, Porto Alegre. O ensino da tradução: *Anais do 3º Encontro Nacional de Tradutores*. Porto Alegre: UFRGS, 1989.

MARTINEZ, Pierre. *Didáticas de línguas Estrangeiras.* São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MATOS, Delton. *A formação do Tradutor em Nível Universitário.* Brasília: Horizonte Ed. Ltda, 1980.

MILTON, John. Para ser tradutor ou para melhorar a língua? Por que estudantes brasileiros escolhem cursos de tradução? USP, *TradTerm*, n. 6, 2000, p. 83-105.

NEWMARK, Peter. *A text book of Translation*. London: Phoenix elt, 1995.

NUNES, Paula Ávila. A prática tradutória em contexto de ensino (re) vista pela ótica enunciativa. *Dissertação de Mestrado*. Rio Grande do Sul: UFGRS, 2012.

OUSTINOFF, Michaël. *Tradução:* história, teorias e métodos. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

QUERIDO, Alessandra Matias. Entrelinhas e Entre-Línguas: as habilidades tradutórias na formação do tradutor. *Dissertação de Mestrado*. Brasília: UNB, 2004.

REIS, Fabíola Alice Rocha dos. Crenças sobre o ensino aprendizagem de tradução: uma reflexão baseada nos estudos da tradução e linguística aplicada. *Dissertação de Mestrado*. Rio de Janeiro: PUC, 2012.

RÓNAI, Paulo. *A Tradução Vivida*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

SENWELE, Penelope; HIGGINS, Ian. *Teaching in Universities:* Present and Future Perspectives. London: CLT, 1996.

STRAIGHT, Stephen H. Knowledge, Purpose, and Intuition: Three Dimensions in the Evaluatioin of Translation. In: Marylin G. Rose (Org.), *Translation Spectrum:* – Essays in Theory and Practice. Albany: State University of New York Press, 1981.

TAGNIN, Stella Ester Ortweiler. *O jeito que a gente diz*: expressões convencionais e idiomáticas. São Paulo: Disal, 2005.

WYLER, Lia. *Línguas, poetas e bacharéis:* uma crônica da tradução no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Questionário 1 – Conhecendo os futuros tradutores

Tema: O Ensino do Tradutor

Pesquisador: Andréa de Oliveira Gaspar Ferreira (RG 28.795.757-3/tel: 13 8201-6642)

Sou aluna matriculada no Programa de Pós Graduação *stricto sensu* em Educação – Mestrado em Educação na Universidade Católica de Santos, onde desenvolvo pesquisa sobre o ensino da tradução, que tem por objetivo compreender a relação teoria e prática na formação da prática tradutória e objetivos específicos: 1) identificar e compreender o conceito de tradução presente na formação universitária do tradutor; 2) identificar e compreender o conceito de prática tradutória presente na formação universitária do tradutor; 3) compreender como a teoria se concretiza na prática do tradutor.

Sua participação no estudo não acarretará nenhum tipo de risco ou gasto financeiro. O anonimato de todas as pessoas que participarão da pesquisa será preservado assim como as menções às pessoas ou Instituições durante as entrevistas/questionários. A participação nesta pesquisa é voluntária, e o afastamento da pesquisa não acarretará qualquer risco ou penalidade.

As entrevistas partirão deste questionário, portanto se você concorda em participar delas, por favor, preencha com seu nome e e-mail ou telefone para futuro contato do pesquisador. Muito Obrigada!

Nome:

_____

Contato: _____

APÊNDICE 2

QUESTIONÁRIO 1 – Conhecendo os futuros tradutores

Gênero: ( )F ( )M

Município:

_____

Faixa Etária: ( ) 17 a 22 anos

( ) 23 a 28 anos

( ) 29 anos ou mais

Semestre:

_____

1. Como você vê a formação universitária do tradutor? Você acha importante?

_____

_____

_____

_____

_____

_____

2. Selecione qual foi o fator mais significativo na sua formação como tradutor:

( ) Produção Textual

( ) Compreensão do texto na Língua Inglesa

( ) Revisão de Texto

( ) Fidelidade ao texto na Língua Inglesa

( ) Conhecimento Cultural

( ) Conhecimento da Língua Materna

( ) Outro:

_____

3. Justifique a importância dada ao fato acima e explicite onde você aprendeu tal fator. (ex.: universidade, experiência profissional etc.).

_____
_____
_____
_____
_____
_____

4. Você tem experiência como tradutor? Exemplifique.

_____
_____
_____
_____
_____
_____

5. Como você acha que as aulas de prática ajudam na sua formação?

_____
_____
_____
_____
_____
_____

6. Você vê relação entre as aulas de teoria dadas no primeiro ano do curso e as de prática? O que especificamente?

_____
_____
_____

7. O que é tradução para você?

8. O que você entende por “prática tradutória”?

9. Sua concepção de tradução mudou durante o curso? O que especificamente?

Muito Obrigada! Sua participação é fundamental para a discussão no ensino da nossa profissão.

APÊNDICE 3

Questionário 2 – Prática tradutória: desafios e etapas

O trecho a seguir foi retirado do livro original "Our Common Future" em Português traduzido como "Nosso Futuro Comum", de 1988. Este livro é o documento mais importante da década sobre o futuro no mundo, o relatório da Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (World Comission on Environment and Development), criada em 1983, pelas Nações Unidas e presidida por Gro Harlem Brundtland, primeira ministra da Noruega. Por isso, por alguns, o livro é também conhecido como o "Relatório Brundtland".

O Segundo Capítulo do livro traduzido para o Português como: "Em Busca do Desenvolvimento Sustentável" e original em Inglês "Towards Sustainable Development" foi escolhido para que você possa praticar as etapas que foram selecionadas por você como os fatores mais significativos da sua formação no Questionário 1 (Produção Textual, Compreensão do texto na Língua Inglesa, Revisão do Texto, Fidelidade ao texto na Língua Inglesa, Conhecimento Cultural, Conhecimento da Língua Materna).

A partir deste segundo capítulo, o leitor poderá compreender os diversos conceitos ligados à Sustentabilidade e as várias disciplinas envolvidas no tema. Após sua tradução, por favor, explicite as dificuldades encontradas ao longo de sua prática tradutória, como você as enfrentou e qual ordem você seguiu para executar a sua prática.

Desde já agradecemos a sua colaboração e desempenho. Gostaríamos de resaltar que a sua ajuda é indispensável para que pesquisadores da área da Tradução possam sempre melhorar e colaborar com as pesquisar acerca da formação universitária e os Estudos da Tradução.

"The satisfaction of human needs and aspirations is the major objective of development. The essential needs of vast numbers of people in developing countries – for food,

clothing, shelter, jobs – are not being met, and beyond their basic needs these people have legitimate aspirations for an improved quality of life. A world in which poverty and inequity are endemic will always be prone to ecological and other crises. Sustainable development requires meeting the basic needs of all and extending to all the opportunity to satisfy their aspirations for a better life […] Sustainable development has been described here in general terms. How are individuals in the real world to be persuaded or made to act in the common interest? The answer lies partly in education, institutional development, and law enforcement. But many problems of resource depletion and environmental stress arise from disparities in economic and political power". (Excerpt from the book "Our Common Future", 1988, p. 43; 46).

TRADUÇÃO:

Conforme descrito explicite aqui as dificuldades encontradas, como você as enfrentou (que fontes utilizou) e por quais etapas (relembradas no segundo parágrafo) você passou para traduzir o trecho.

APÊNDICE 4

QUADRO REFERENTE AO BANCO DE DADOS DA CAPES

Autor/Instituição	Nome do Trabalho/ano	Resumo
Adauri Brezolin/USP	De Coadjuvante a Protagonista: a tradução na tradução/2000.	Discutindo o perfil do tradutor o autor relaciona a tradução com o ato tradutório e seus conhecimentos, destacando o ensino de tradução.
Maria Lúcia Machado de Lorenci/UFRGS	O ensino da tradução: uma nova concepção didática/2001.	Partindo do pressuposto de que a tradução pode ser ensinada, a pesquisadora, através dos pressupostos teóricos de Delisle e Hurtado, pretende chegar à concepção da melhor abordagem didática para esse ensino.
Alessandra Matias Querido/UNB	Entrelinhas e Entre-Línguas: as habilidades tradutórias na formação do tradutor/2004.	O objetivo da pesquisa é refletir sobre as habilidades que os aprendizes precisam desenvolver no curso de Tradução, como: habilidade linguística, capacidade de revisão, domínios textuais e culturais dentre outros.
Camila Nathália de Oliveira Braga/UFMG	Indagando o perfil de tradutores em formação: um estudo de caso/ 2007.	O trabalho apresenta um estudo de caso que indagou o perfil dos tradutores em formação, caracterizando seu desempenho. Foram anali-sados cinco alunos do curso de Letras da UFMG.
Fabíola Alice Rocha dos Reis/PUC/RJ	Crenças sobre o ensino aprendizagem de tradução: uma reflexão baseada nos estudos da tradução e linguística aplicada/2012.	A pesquisa destaca o crescente número de cursos de formação de tradutores, nos mais diversos níveis devido à crescente expansão da atividade tradutória, investigando as crenças sobre o ensino e aprendizagem de Tradução.

Paula Ávila Nunes/UFRGS	A prática tradutória em contexto de ensino (re) vista pela ótica enunciativa/2012.	A autora aborda nesta pesquisa a produção tradutória em contexto de ensino e de formação de tradutores por meio da teoria enunciativa atribuída a Émile Benveniste.

APÊNDICE 5

ALGUNS RESULTADOS RELACIONADOS AO TERMO "TRADUÇÃO"

Fonte: http://www.periodicos.capes.gov.br/

Acesso: 03/01/2014

Autor	Título/ano	Periódico
TORRE, Manuel Gomes da	Acerca da Tradução da Metáfora/2012	Repositório de Acesso Aberto de Portugal
MOTA, Eduarda	Os Contributos da análise do discurso para o ensino da tradução/2011	Polissema: Revista de Letras do ISCAP
PERTEL, Tatiany	Tradução, leitura e linguística textual no ensino de língua inglesa/2012.	Entrepalavras: Revista de Linguística do Departamento de Letras Vernáculas da UFC
POLCHLOPEK, Silvana Ayub; AIO, Michelle de Abreu	Tradução técnica: armadilhas e desafios/2010	Tradução & Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores
COSTA, Diogo Neves da	Os objetivos da tradução: da história à contemporaneidade e seu ensino no Brasil/2012	Entrepalavras: Revista de Linguística do Departamento de Letras Vernáculas da UFC
Schäffer, Ana Maria de Moura	Sobre tradução feminista (ou de gênero?) no Brasil: algumas considerações/2011	Tradução & Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores
PEREIRA, Liliana Nogueira Couto, Alberto	Da tradução automática à tradução manual: estudo contrastivo da tradução automática e manual, através da tradução de dois artigos científicos/2013	Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal
PAULO, Erica Luciene Lima de	O que os blogs de tradução têm a dizer sobre o tradutor?/2012	Tradução & Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores

HANNS, Luiz Alberto	Novas pesquisas de tradução e a atualidade científica de Freud/2011	Panace@ : Revista de Medicina, Lenguaje y Traducción
GREGGERSEN, Gabriele	As ferramentas perdidas da educação: educação comentada [parte 2] /2011.	Caminhando
LIME, Luciano Rodrigues	Tradução eletrônica: do riso irônico ao interesse científico/2011	Fólio: Revista de Letras
BAUMRUCKER, Claudia Lemos; CARVALHO, Janaína; GARCIA, Lilian Agg; KEHDI. Joana Quéren Frujuelle	Vantagens e desvantagens acerca da tradução no ensino de língua inglesa/2011	Fólio: Revista de Letras
ROSA, Marluza da	Sobre a tradução e sua (in) definição em dicionários terminológicos/2010	Tradução & Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores

ANEXOS

ANEXO 1

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES: TRADUTOR

PLANO DE CARREIRA DOS CARGOS TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS EM EDUCAÇÃO
DESCRIÇÃO DO CARGO:
NÍVEL DE CLASSIFICAÇÃO: E
DENOMINAÇÃO DO CARGO: TRADUTOR E INTÉRPRETE
CÓDIGO CBO: 2614-10 e 2614-20
REQUISITO DE QUALIFICAÇÃO PARA INGRESSO NO CARGO:
• ESCOLARIDADE: Curso Superior em Letras
• OUTROS:
• HABILITAÇÃO PROFISSIONAL:
DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO CARGO:

Traduzir, na forma escrita, textos de qualquer natureza, de um idioma para outro, considerando as variáveis culturais, bem como os aspectos terminológicos e estilísticos, tendo em vista um público-alvo específico. Interpretar oralmente, de forma simultânea ou consecutiva, de um idioma para outro, discursos, debates, textos e formas de comunicação eletrônica, respeitando o respectivo contexto e as características culturais das partes; tratar das características e do desenvolvimento de uma cultura, representados por sua linguagem. Assessorar nas atividades de ensino, pesquisa e extensão.

DESCRIÇÃO DE ATIVIDADES TÍPICAS DO CARGO
• Examinar o texto original a ser traduzido.
• Transpor o texto a outro idioma.
• Fazer tradução literária em língua estrangeira, conservando rigor idêntico dos meios e o estilo e sentimentos expressos.
• Revisar o texto traduzido.
• Preparar síntese de textos traduzidos.
• Traduzir os diálogos entre pessoas que falam idiomas diferentes.
• Utilizar recursos de informática.

• Executar outras tarefas de mesma natureza e nível de complexidade associadas ao ambiente organizacional.

ANEXO 2[6]

NOSSO FUTURO COMUM – CAPÍTULO 2

Our Common Future, Chapter 2: Towards Sustainable Development

1. Sustainable development is development that meets the needs of the present without compromising the ability of future generations to meet their own needs. It contains within it two key concepts: the concept of 'needs', in particular the essential needs of the world's poor, to which overriding priority should be given; and the idea of limitations imposed by the state of technology and social organization on the environment's ability to meet present and future needs.

2. Thus the goals of economic and social development must be defined in terms of sustainability in all countries - developed or developing, market-oriented or centrally planned. Interpretations will vary, but must share certain general features and must flow from a consensus on the basic concept of sustainable development and on a broad strategic framework for achieving it.

3. Development involves a progressive transformation of economy and society. A development path that is sustainable in a physical sense could theoretically be pursued even in a rigid social and political setting. But physical sustainability cannot be secured unless development policies pay attention to such considerations as changes in access to resources and in the distribution of costs and benefits. Even the narrow notion of physical sustainability implies a concern for social equity between generations, a concern that must logically be extended to equity within each generation.

I. The Concept of Sustainable Development

[6] Este texto foi utilizado para a elaboração do Questionário 2, em que pudemos compreender melhor a relação que os alunos têm com a prática tradutória.

4. The satisfaction of human needs and aspirations in the major objective of development. The essential needs of vast numbers of people in developing countries for food, clothing, shelter, jobs - are not being met, and beyond their basic needs these people have legitimate aspirations for an improved quality of life. A world in which poverty and inequity are endemic will always be prone to ecological and other crises. Sustainable development requires meeting the basic needs of all and extending to all the opportunity to satisfy their aspirations for a better life.

5. Living standards that go beyond the basic minimum are sustainable only if consumption standards everywhere have regard for long-term sustainability. Yet many of us live beyond the world's ecological means, for instance in our patterns of energy use. Perceived needs are socially and culturally determined, and sustainable development requires the promotion of values that encourage consumption standards that are within the bounds of the ecological possible and to which all can reasonably aspire.

6. Meeting essential needs depends in part on achieving full growth potential, and sustainable development clearly requires economic growth in places where such needs are not being met. Elsewhere, it can be consistent with economic growth, provided the content of growth reflects the broad principles of sustainability and non-exploitation of others. But growth by itself is not enough. High levels of productive activity and widespread poverty can coexist, and can endanger the environment. Hence sustainable development requires that societies meet human needs both by increasing productive potential and by ensuring equitable opportunities for all.

7. An expansion in numbers can increase the pressure on resources and slow the rise in living standards in areas where deprivation is widespread. Though the issue is not merely one of population size but of the distribution of resources, sustainable development can only be pursued if demographic developments are in harmony with the changing productive potential of the ecosystem.

8. A society may in many ways compromise its ability to meet the essential needs of its people in the future - by overexploiting resources, for example. The direction of

technological developments may solve some immediate problems but lead to even greater ones. Large sections of the population may be marginalized by ill-considered development.

9. Settled agriculture, the diversion of watercourses, the extraction of minerals, the emission of heat and noxious gases into the atmosphere, commercial forests, and genetic manipulation are all examples or human intervention in natural systems during the course of development. Until recently, such interventions were small in scale and their impact limited. Today's interventions are more drastic in scale and impact, and more threatening to life-support systems both locally and globally. This need not happen. At a minimum, sustainable development must not endanger the natural systems that support life on Earth: the atmosphere, the waters, the soils, and the living beings.

10. Growth has no set limits in terms of population or resource use beyond which lies ecological disaster. Different limits hold for the use of energy, materials, water, and land. Many of these will manifest themselves in the form of rising costs and diminishing returns, rather than in the form of any sudden loss of a resource base. The accumulation of knowledge and the development of technology can enhance the carrying capacity of the resource base. But ultimate limits there are, and sustainability requires that long before these are reached, the world must ensure equitable access to the constrained resource and reorient technological efforts to relieve the presume.

A communications gap has kept environmental, population, and development assistance groups apart for too long, preventing us from being aware of our common interest and realizing our combined power. Fortunately, the gap is closing. We now know that what unites us is vastly more important than what divides us.

We recognize that poverty, environmental degradation, and population growth are inextricably related and that none of these fundamental problems can be successfully addressed in isolation. We will succeed or fail together. Arriving at a commonly accepted definition of 'sustainable development' remains a challenge for all the actors in the development process.

'Making Common Cause'

U.S. Based Development, Environment, Population NGOs

WCED Public Hearing
Ottawa, 26-27 May 1986

11. Economic growth and development obviously involve changes in the physical ecosystem. Every ecosystem everywhere cannot be preserved intact. A forest may be depleted in one part of a watershed and extended elsewhere, which is not a bad thing if the exploitation has been planned and the effects on soil erosion rates, water regimes, and genetic losses have been taken into account. In general, renewable resources like forests and fish stocks need not be depleted provided the rate of use is within the limits of regeneration and natural growth. But most renewable resources are part of a complex and interlinked ecosystem, and maximum sustainable yield must be defined after taking into account system-wide effects of exploitation.

12. As for non-renewable resources, like fossil fuels and minerals, their use reduces the stock available for future generations. But this does not mean that such resources should not be used. In general the rate of depletion should take into account the criticality of that resource, the availability of technologies tor minimizing depletion, and the likelihood of substitutes being available. Thus land should not be degraded beyond reasonable recovery. With minerals and fossil fuels, the rate of depletion and the emphasis on recycling and economy of use should be calibrated to ensure that the resource does not run out before acceptable substitutes are available. Sustainable development requires that the rate of depletion of non renewable resources should foreclose as few future options as possible.

13. Development tends to simplify ecosystems and to reduce their diversity of species. And species, once extinct, are not renewable. The loss of plant and animal species can greatly limit the options of future generations; so sustainable development requires the conservation of plant and animal species.

14. So-called free goods like air and water are also resources. The raw materials and energy of production processes are only partly converted to useful products. The rest comes out as wastes. Sustainable development requires that the adverse impacts on the

quality of air, water, and other natural elements are minimized so as to sustain the ecosystem's overall integrity.

15. In essence, sustainable development is a process of change in which the exploitation of resources, the direction of investments, the orientation of technological development; and institutional change are all in harmony and enhance both current and future potential to meet human needs and aspirations.

II. Equity and the Common Interest

16. Sustainable development has been described here in general terms. How are individuals in the real world to be persuaded or made to act in the common interest? The answer lies partly in education, institutional development, and law enforcement. But many problems of resource depletion and environmental stress arise from disparities in economic and political power. An industry may get away with unacceptable levels or air and water pollution because the people who bear the brunt of it are poor and unable to complain effectively. A forest may be destroyed by excessive felling because the people living there have no alternatives or because timber contractors generally have more influence then forest dwellers.

17. Ecological interactions do not respect the boundaries of individual ownership and political jurisdiction. Thus:

- In a watershed, the ways in which a farmer up the slope uses land directly affect run-off on farms downstream.
- The irrigation practices, pesticides, and fertilizers used on one farm affect the productivity of neighbouring ones, especially among small farms.
- The efficiency of a factory boiler determines its rate of emission of soot and noxious chemicals and affects all who live and work around it.
- The hot water discharged by a thermal power plant into a river or a local sea affects the catch of all who fish locally.

18. Traditional social systems recognized some aspects of this interdependence and enforced community control over agricultural practices and traditional rights relating to

water, forests, and land. This enforcement of the 'common interest' did not necessarily impede growth and expansion though it may have limited the acceptance and diffusion of technical innovations.

19. Local interdependence has, if anything, increased because of the technology used in modern agriculture and manufacturing. Yet with this surge of technical progress, the growing 'enclosure' of common lands, the erosion of common rights in forests and other resources, and the spread of commerce and production for the market, the responsibilities for decision making are being taken away from both groups and individuals. This shift is still under way in many developing countries.

If the desert is growing, forest disappearing, malnutrition increasing, and people in urban areas living in very bad conditions, it is not because we are lacking resources but the kind of policy implemented by our rulers, by the elite group. Denying people rights and peoples' interests is pushing us to a situation where it is only the poverty that has a very prosperous future in Africa. And it is our hope that your Commission, the World Commission, will not overlook these problems of human rights in Africa and will put emphasis on it. Because it is only free people, people who have rights, who are mature and responsible citizens, who then participate in the development and in the protection of the environment.

Speaker from the floor
WCED Public Hearing
Nairobi, 23 Sept 1986

20. It is not that there is one set of villains and another of victims. All would be better off if each person took into account the effect ooe" his or her acts upon others. But each is unwilling to assume that others will behave in this socially desirable fashion, and hence all continue to pursue narrow self-interest. Communities or governments can compensate for this isolation through laws, education, taxes, subsidies, and other methods. Well-enforced laws and strict liability legislation can control harmful side effects. Most important, effective participation in decision-making processes by local communities can help them articulate and effectively enforce their common interest.

21. Interdependence is not simply a local phenomenon. Rapid growth in production has extended it to the international plane, with both physical and economic manifestations. There are growing global and regional pollution effects, such as in the more than 200 international river basins and the large number of shared seas.

22. The enforcement of common interest often suffers because areas of political jurisdiction and areas of impact do not coincide. Energy policies in one jurisdiction cause acid precipitation in another. The fishing policies of one state affect the fish catch of another. No supranational authority exists to resolve such issues, and the common interest can only be articulated through international cooperation.

23. In the same way, the ability of a government to control its national economy is reduced by growing international economic interactions. For example, foreign trade in commodities makes issues of carrying capacities and resource scarcities an international concern. (See *Chapter 3*.)

If economic power and the benefits of trade were more equally distributed, common interests would be generally recognized. But the gains from trade are unequally distributed, and patterns of trade in, say, sugar affect not merely a local sugar-producing sector, but the economies and ecologies of the many developing countries that depend heavily on this product.

24. The search for common interest would be less difficult if all development and environment problems had solutions that would leave everyone better off. This is seldom the case, and there are usually winners and losers. Many problems arise from inequalities in access to resources.

An inequitable landowner ship structure can lead to overexploitation of resources in the smallest holdings, with harmful effects on both environment and development. Internationally, monopolistic control over resources can drive those who do not share in them to excessive exploitation of marginal resources. The differing capacities of exploiters to commandeer 'free' goods - locally, nationally, and internationally - is another manifestation of unequal access to resources. 'Losers' in environment/development conflicts include those who suffer more than their fair share of the health, property, and ecosystem damage costs of pollution.

25. As a system approaches ecological limits, inequalities sharpen. Thus when a watershed deteriorates, poor farmers suffer more because they cannot afford the same anti-erosion measures as richer farmers. When urban air quality deteriorates, the poor, in their more vulnerable areas, suffer more health damage than the rich, who usually live in more pristine neighbourhoods. When mineral resources become depleted, late-comers to the industrialization process lose the benefits of low-cost supplies. Globally, wealthier nations are better placed financially and technologically to cope with the effects of possible climatic change.

26. Hence, our inability to promote the common interest in sustainable development is often a product of the relative neglect of economic and social justice within and amongst nations.